



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**FÁBIO WILLYAN ARANTES DA SILVA**

**DO POSITIVISMO AO IFMT:  
FORMAÇÃO DE UM NOVO HOMEM**

Cuiabá/MT  
2023

**FÁBIO WILLYAN ARANTES DA SILVA**

**DO POSITIVISMO AO IFMT: FORMAÇÃO DE UM NOVO HOMEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Linha de Pesquisa:** Sociedade, Cultura e Poder.

**Orientador:** Prof. Dr. Joel Paese.

Cuiabá/MT  
2023

## Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S586d Silva, Fábio Willyan Arantes da.  
Do positivismo ao IFMT [recurso eletrônico] : formação de um novo homem /  
Fábio Willyan Arantes da Silva. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 159 f., pdf). -- 2023.

Orientador: Joel Paese.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Cuiabá,  
2023.  
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.  
Inclui bibliografia.

1. Positivismo. 2. Tecnicismo. 3. Imanentização. 4. Dessimbolização. I. Paese,  
Joel, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

TÍTULO: "DO POSITIVISMO AO IFMT: FORMAÇÃO DE UM NOVO HOMEM"

AUTOR (A): MESTRANDO (A) FÁBIO WILLYAN ARANTES DA SILVA

Dissertação defendida e aprovada em 22 de setembro de 2023.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

1. Doutor(a) Joel Paese (Presidente Banca / Orientador(a))

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso.

2. Doutor(a) Daniel Fanta (Examinador(a) Interno(a))

Instituição: Universidade federal de Mato Grosso.

3. Doutor(a) Walter Gomide do Nascimento Júnior (Examinador(a) Externo(a))

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Cuiabá, 22 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **JOEL PAESE, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 25/09/2023, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL FANTA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 26/09/2023, às 07:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Willyan Arantes da Silva**, **Usuário Externo**, em 29/09/2023, às 14:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **WALTER GOMIDE DO NASCIMENTO JUNIOR**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 01/11/2023, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6195592** e o código CRC **6D0C37B2**.

---

Dedico este trabalho a Jesus Cristo.

## RESUMO

Essa dissertação é o resultado de uma pesquisa sobre o tipo humano formado no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), com foco específico no campus de Cuiabá - Octayde Jorge da Silva. Considerando que a instituição de ensino possui mais de 25 mil discentes matriculados e desempenha um papel fundamental na formação humana do Estado, tornou-se essencial investigar com mais profundidade o resultado dessa formação, ou seja, o perfil do egresso. Essa instituição, que enfatiza o ensino de ciência e, principalmente, de tecnologia, tem um impacto profundo na formação de um tipo humano específico. Ou seja, um indivíduo com mentalidade voltada para a solução de problemas, com habilidades técnicas e científicas, e com uma compreensão da importância da ciência e tecnologia nas decisões sociais. Esses indivíduos desempenham um papel significativo no avanço da sociedade e na resolução dos desafios contemporâneos. Além disso, essa instituição é um centro crucial de transferência de conhecimento, com ênfase na produção de conteúdo científico e tecnológico. À medida que a ciência e a tecnologia se tornam cada vez mais influentes nas decisões da sociedade, é fundamental entender como essa instituição molda o tipo humano que dela emerge. O objetivo central foi realizar uma descrição do tipo humano formado no IFMT, tendo em vista o positivismo, explicado pelo pensador alemão Eric Voegelin. Esse pensador, com sua concepção do positivismo, forneceu o enfoque teórico central, destacando a visão de um ser humano que vive entre o imanente e o transcendente. Enquanto o positivismo enfatiza a ciência e a tecnologia como os principais solucionadores dos problemas humanos, Voegelin (2019) argumenta que o positivismo aborda apenas problemas intramundanos, em que as possibilidades indeterminadas são desconsideradas. Os resultados da pesquisa, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com 5 (cinco) discentes do IFMT, revelam um tipo humano fortemente influenciado pela confiança na capacidade tecnológica e científica como a base para decisões na sociedade. Esses indivíduos veem a ciência e a tecnologia como meios para reduzir o sofrimento humano e alcançar realizações materiais, refletindo a ênfase do positivismo na busca por soluções imanentes. Chamamos o tipo humano formado pelo IFMT de técnico-progressista, ou seja, o indivíduo que aposta na capacidade racional para desenvolver formas de resolução intramundanas para os problemas considerados pelo paradigma positivista, com o uso da ciência e da tecnologia, além de considerar as modificações éticas que essas descobertas podem trazer.

Palavra-chave: Positivismo; tecnicismo; imanentização; dessimbolização.

## **ABSTRACT**

This dissertation is the result of a study on the type of human formed at the Federal Institute of Mato Grosso (IFMT), with a specific focus on the Cuiabá campus – Octayde Jorge da Silva. Considering that the educational institution has over 25,000 enrolled students and plays a fundamental role in human formation in the state, it became essential to investigate more deeply the result of this formation, that is, the profile of the graduate. This institution, which emphasizes the teaching of science and, mainly, technology, has a profound impact on the formation of a specific type of human. In other words, an individual with a mindset focused on problem-solving, with technical and scientific skills, and an understanding of the importance of science and technology in social decision-making. These individuals play a significant role in advancing society and addressing contemporary challenges. Additionally, this institution is a crucial center for knowledge transfer, with an emphasis on the production of scientific and technological content. As science and technology become increasingly influential in societal decisions, it is essential to understand how this institution shapes the type of human that emerges from it. The central objective was to describe the type of human formed at IFMT, in light of positivism, as explained by the German thinker Eric Voegelin. This thinker, with his conception of positivism, provided the theoretical framework, highlighting the vision of a human being who lives between the immanent and the transcendent. While positivism emphasizes science and technology as the main solutions to human problems, Voegelin (2019) argues that positivism addresses only intramundane problems, disregarding indeterminate possibilities. The results of the research, obtained through semi-structured interviews with five (5) students from IFMT, reveal a type of human strongly influenced by confidence in technological and scientific capability as the basis for societal decisions. These individuals view science and technology as means to reduce human suffering and achieve material accomplishments, reflecting the emphasis of positivism on the search for immanent solutions. We call the type of human formed by IFMT the "technical-progressive," that is, the individual who relies on rational capacity to develop intramundane solutions to the problems considered by the positivist paradigm, using science and technology, while also considering the ethical modifications that these discoveries may bring.

Keywords: Positivism; technicism; immanentization; desymbolization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I - PARADIGMA POSITIVISTA</b> .....	18
<b>CAPÍTULO II - PRECURSORES DO POSITIVISMO</b> .....	23
2.1 HELVÉTIUS.....	26
2.2. D’ALEMBERT.....	32
2.3 TURGOT.....	42
2.3.1 “LEI DAS TRÊS FASES” .....	42
2.3.2 PSEUDO PROGRESSO DO “INTELECTO HUMANO”.....	50
2.3.3 <i>LA MASSE TOTALE</i> .....	56
2.3.4 APOSTA NO GÊNIO COMO SALVADOR.....	60
2.3.4 FRAGMENTAÇÃO DO SABER.....	62
2.4 CONDORCET.....	63
<b>CAPÍTULO III - <i>METAXY</i> VERSUS IMANENTIZAÇÃO</b> .....	68
<b>CAPÍTULO IV - POSITIVISMO RESIDUAL</b> .....	83
<b>CAPÍTULO V - RACIONALIZAÇÃO POSITIVISTA E O FAVORECIMENTO À BUROCRACIA E AO TECNICISMO</b> .....	94
5.1 TECNICISMO.....	96
5.2 BUROCRACIA.....	102
<b>CAPÍTULO VI - DAS CONCEPÇÕES ÀS CONCEPÇÕES DO EDIFÍCIO</b> .....	112
6.1 FASE EMBRIONÁRIA.....	112
6.2 ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES.....	117
6.3 PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL (PDI).....	118
<b>CAPÍTULO VII - TIPO HUMANO DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO (CAMPUS CUIABÁ)</b> .....	124
<b>CAPÍTULO VIII - FORÇA POSITIVISTA</b> .....	151
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	157

## INTRODUÇÃO

Uma instituição de ensino com aproximadamente 25 mil discentes matriculados é um dos pilares da formação humana em nosso estado. Esses locais desempenham um papel crucial na transferência de conhecimento, promovendo o desenvolvimento de um tipo específico de indivíduo e influenciando uma parte significativa da geração atual.

Com um enfoque direcionado à instrução e à produção de conhecimento científico, e especialmente tecnológico, essa instituição orienta seus objetivos para preparar os alunos para a vida em sociedade e, sobretudo, para o mercado de trabalho. Identificado como uma organização educacional que oferece ensino básico, superior e profissionalizante em diversas áreas, com ênfase nas áreas tecnológicas, além de um currículo diversificado e expansão em vários municípios do estado, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) emerge como o campo empírico desta pesquisa. Fundado com base na Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, nosso foco concentrou-se nos discentes do campus de Cuiabá – Octayde Jorge da Silva. Além disso, investigamos o tipo humano apresentado no Plano de Desenvolvimento Institucional vigente de 2019 a 2023, que constitui o objeto central desta pesquisa.

Considerando que a ciência e a tecnologia desempenham um papel fundamental nas decisões individuais e coletivas, e constituem a base das instituições de ensino, a razão para esta pesquisa surge da necessidade de aprofundar o entendimento sobre o tipo de ser humano formado em uma instituição pública de ensino profissionalizante.

O enfoque deste estudo está, em grande medida, na concepção de Eric Voegelin (2019) sobre o positivismo. O pensador alemão concebe o ser humano como um ser que existe entre dois pólos: o imanente e o transcendente, e que caminha em direção a uma dimensão transcendente das manifestações. Essas manifestações estão permeadas por complexidades que vão além ou estão dentro da capacidade humana de conceber. A capacidade e a incapacidade de conceber determinadas manifestações constituem as possibilidades humanas.

O "homem concreto", um termo utilizado por Voegelin (2019) para descrever sua visão do ser humano, não depende exclusivamente de descobertas científicas e avanços tecnológicos para solucionar esses dilemas de forma completa, mas sim de forma parcial. Por outro lado, o positivismo acredita que todas as soluções para os problemas humanos podem ser alcançadas por meio da capacidade científica e tecnológica. A base de suas decisões é o conhecimento positivo, ou seja, aquilo que é conhecido e pode ser demonstrado, constituindo a única referência para a humanidade. O mundo material é o único domínio de todas as manifestações, e qualquer coisa que esteja além da relação tempo-espaço deve ser excluída. As faculdades humanas devem ser restritas à esfera intramundana, sem interferências que não estejam alinhadas com o paradigma positivista.

O positivismo emerge como uma corrente que suprime as concepções transcendentais. Concentra-se no aspecto observacional, experimental e calculista das manifestações. Além disso, segundo Voegelin (2019), o positivismo considera os estados "teológico" e "metafísico" como formas imperfeitas de ciência. O "intelecto humano" estava imerso em ideias consideradas "fetichistas" e "infantis", encontrando sua maturidade no estado positivo. Nesse estágio, a tecnocracia prevalece, em que aqueles com conhecimento científico e tecnológico governam a sociedade.

Considerando o Instituto Federal de Mato Grosso como uma instituição que incorpora vários traços positivistas e possui uma agenda para formar indivíduos, o problema central desta pesquisa é: Qual tipo de ser humano é formado no campus do IFMT em Cuiabá? Quais são as características principais que destacam esse indivíduo?

É importante ressaltar que o egresso do IFMT não é alguém cujas concepções são exclusivamente moldadas pela instituição. Da mesma forma, a instituição em si não é estruturada exclusivamente com base no positivismo. As manifestações não são apresentadas de forma disciplinar, como em uma matriz curricular universitária, mas sim como uma unidade complexa e não totalmente compreensível em sua totalidade. Isso significa que há a possibilidade de absorver traços positivistas tanto dentro quanto fora da instituição, assim como é possível eliminar esses traços, de forma consciente ou inconsciente. Tanto os servidores

quanto os discentes podem estar cientes ou não dos elementos positivistas presentes na instituição.

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi descrever as características fundamentais que destacam as particularidades do egresso do IFMT, atreladas aos principais traços do positivismo, incluindo suas restrições e ambições. Em outras palavras, nosso objetivo é indicar os elementos desse tipo de ser humano, de acordo com o positivismo, de forma a despertar no leitor novas perspectivas que se aproximem, em certa medida, do ser humano real.

Reconhecemos que os elementos que caracterizam esse tipo humano nunca podem ser completamente definidos, uma vez que há uma infinidade de contradições e obscuridades que até mesmo o próprio indivíduo não consegue decifrar. Em cada ser humano, assim como em qualquer outra manifestação, há não só múltiplas possibilidades, mas também múltiplas impossibilidades. É precisamente essa complexidade que caracteriza as manifestações.

Para alcançar esse objetivo, utilizamos a técnica de coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco discentes do IFMT – campus de Cuiabá, incluindo três discentes do terceiro ano do ensino médio integrado ao curso técnico em informática, uma aluna do segundo ano matriculada no curso técnico em secretariado, e um discente do segundo semestre do curso de Bacharelado em Engenharia da Computação.

A escolha dessa abordagem se justifica por considerarmos a melhor maneira de identificar as características principais desse tipo de ser humano, considerando as influências positivistas presentes na instituição. As respostas e argumentos dos entrevistados desempenharam um papel decisivo na identificação das ideias e sentimentos que contribuem para a concepção de um indivíduo que aposta na capacidade tecnológica e científica como fatores predominantes nas decisões da sociedade.

O trabalho está estruturado em oito capítulos. No primeiro capítulo, são analisadas as principais questões que envolvem o paradigma positivista. O capítulo explora a influência do paradigma positivista na maneira como a sociedade é organizada. Abordam-se os conflitos e tensões resultantes das diferentes

perspectivas e motivações de grupos e indivíduos, bem como a busca por consensos baseados em conhecimento científico e técnico.

Analisa-se como o paradigma positivista molda o ambiente científico e tecnológico, assim como seu papel na definição de políticas, autorizações e proibições em diversos campos, desde a educação até questões ambientais. Ao longo do texto, o leitor é guiado na compreensão da influência abrangente desse paradigma na sociedade, destacando seu poder de moldar decisões, legitimar argumentos e estabelecer o conhecimento científico como base central para a tomada de decisões.

Ato contínuo, examina-se o paradigma positivista como um modelo que estrutura a visão de mundo e as ações de grupos e indivíduos dentro da comunidade científica. Analisamos como esse paradigma busca redefinir a sociedade, os indivíduos e a natureza de acordo com sua perspectiva, por meio da promoção da ciência e da tecnologia como ferramentas supremas para a resolução dos desafios humanos. Além disso, exploramos o processo de disseminação desse paradigma como condição fundamental para a existência de uma comunidade científica, evidenciando sua influência na organização e operação da pesquisa e do desenvolvimento científico.

O segundo capítulo aborda uma concepção firmada na capacidade da razão humana de resolver todos os problemas que se apresentam. Um dos principais alvos de Voegelin (2019) é mostrar, em uma direção transcendental, as complexidades surgidas das diversas desordens ideológicas modernas, notadamente o positivismo, fundamentado na capacidade científica e tecnológica para promover uma abordagem do ser humano cujas características são definidas pelo conhecimento positivo.

O objetivo é expandir as capacidades da razão humana até seus limites mais extremos, sendo esse um ponto fundamental a ser alcançado pelo positivismo. O universo material assume o papel preponderante, acolhendo todas as manifestações, enquanto os domínios além do tempo e espaço são descartados, cedendo espaço às sensações e ao raciocínio. Essas duas faculdades são reconhecidas dentro das possibilidades determinadas, sem espaço

para interferências metafísicas. Dessa base emergem as raízes da modernidade, embasada em abordagens imanentes e antropocêntricas, modificando as formas de regular a sociedade, tanto no nível individual quanto institucional.

No terceiro capítulo, exploramos a essência da concepção de metaxy na formação do tipo humano. Essa visão implica uma transposição intelectual em direção a um enfoque antimetafísico, otimista e cientificista, resultando na horizontalização da tensão existencial e na reorientação das possibilidades da percepção humana.

Na nova sintonia imanente, o foco se restringe a significados intramundanos, em que a busca por aperfeiçoamento é impulsionada pela ciência e pela tecnologia. O positivismo desempenha um papel central nesse contexto, influenciando a forma como o conhecimento é adquirido e moldando a sociedade.

Contudo, essa abordagem também gera questionamentos sobre a natureza do homem, sua relação com o divino e a validade do conhecimento transcendental. Além disso, no decorrer do capítulo, emergem contrastes significativos entre perspectivas imanentes e transcendentais na compreensão da condição humana.

No quarto capítulo, abordamos as consequências duradouras do positivismo na formação do ser humano contemporâneo. Analisamos a distinção entre o que permanece relevante e o que perdeu importância no âmbito do positivismo. Um ponto central é a apresentação do espírito positivista e seu método, focados na criação de um novo tipo de ser humano. Esse espírito positivista envolve a compreensão da história por meio das ciências dos fenômenos e avanços tecnológicos, visando transformar a sociedade, a natureza e os indivíduos, tornando as concepções religiosas tradicionais, principalmente as do cristianismo, algo descartável.

O capítulo também explora a visão de Voegelin (2019) sobre a acumulação de fatos históricos e a busca positivista por significado na marcha histórica da humanidade. A marcha é vista como um guia para indivíduos e instituições, buscando conhecimentos que sejam universais.

No quinto capítulo, abordamos as implicações centrais da racionalização positivista na formação do tipo humano contemporâneo. Ao longo da história, os seres humanos têm enfrentado limitações inerentes às complexidades nas resoluções de problemas sociais. Com a ascensão do positivismo, surge uma nova forma de limitação, uma falsa limitação, na qual o homem é não apenas influenciado pela razão, mas também pelo paradigma positivista.

O capítulo tem como propósito explorar as principais ramificações dessas limitações. Nesse contexto, examinamos como a capacidade científica, enquanto resultado da capacidade racional, emerge como um estado maduro da evolução do espírito positivista. No entanto, a ascensão da racionalização positivista não ocorre sem um contraponto, refletido no aplainamento das concepções transcendentais, notavelmente as de base cristã. Esse processo é caracterizado por uma transposição intelectual que visa abraçar todas as possíveis manifestações dentro de limites mensuráveis.

O aplainamento positivista é orientado para a eliminação das concepções tidas como fictícias, desprovidas de fundamentação empírica, correspondendo às fases "teológica" e "metafísica". Como resultado desse processo, assistimos à horizontalização e imanentização do pensamento humano, com complexas variáveis reduzidas a formas mais gerenciáveis.

A visão positivista substitui a tensão vertical por uma horizontal, representando uma transição do estado "teológico-metafísico" para o estado "positivo". Isso resulta na emergência do tecnicismo e da burocracia como símbolos da racionalização positivista.

O tecnicismo, derivado do entendimento horizontal e imanente das manifestações, promove o desenvolvimento científico e tecnológico, levando a uma sociedade altamente especializada e regulamentada. Essa abordagem também conduz a concentrações de poder financeiro, político, industrial, entre outros.

A burocracia surge para manter essas intenções unificadas legalmente, assegurando a constância dos objetivos tecnicistas. O "desencantamento" do mundo pelo positivismo dá lugar às relações impessoais e decisões baseadas em conhecimento técnico.

No sexto capítulo, abordamos a evolução do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) desde sua fase embrionária até sua abordagem atual na formação de indivíduos. Inicialmente, destaca-se o cenário de confrontos militares no qual o instituto surgiu, fornecendo educação e treinamento para a proteção e o desenvolvimento do país. Com a criação de escolas de aprendizes artífices, a formação técnica ganhou importância. O IFMT, seguindo uma perspectiva positivista, reconhece que o desenvolvimento humano é moldável, dependendo de educação e ambiente adequados. A instituição busca criar práticas pedagógicas transformadoras, alinhando-se à visão progressista de que a ciência e a tecnologia impulsionam a sociedade.

Além disso, apresentamos o objeto do trabalho: o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT, em vigência de 2019 a 2023. Nele, abordamos os seguintes pontos desenvolvidos pelo instituto: promover a formação técnica e educacional, adaptar-se às transformações sociais, incentivar a inovação e criatividade tecnológica e científica, fomentar práticas pedagógicas transformadoras e contribuir para a redução das desigualdades.

No sétimo capítulo, o objetivo é apresentar as entrevistas realizadas e a análise dos dados, alinhados com os princípios conceituais que fundamentam o estudo. Nossa metodologia foi a entrevista semiestruturada, caracterizada por sua natureza flexível e adaptável, que possibilitou um aprofundamento das complexidades inerentes às experiências e percepções dos participantes, alinhando-se ao paradigma da concepção positivista.

O estudo incluiu a participação de três discentes do último ano do ensino médio, um entrevistado do segundo ano do mesmo nível de ensino e um aluno do curso de Bacharelado em Engenharia da Computação.

As análises dos dados coletados revelaram padrões e tendências que não apenas refletem as vivências individuais dos entrevistados, mas também destacam a influência das práticas educacionais adotadas pelo IFMT, as quais estão intimamente ligadas à busca por soluções fundamentadas em conhecimento técnico e científico. Através das narrativas dos entrevistados, pôde-se notar a

ênfase da instituição na formação de indivíduos para o mercado de trabalho e na aplicação prática dos conhecimentos técnicos e científicos.

No oitavo capítulo, apresentamos a força do positivismo como a busca pela redução do sofrimento humano, utilizando a ciência e a tecnologia, impactando os princípios éticos que regem as sociedades. A humanidade é encorajada a conquistar realizações pautadas na impessoalidade, no prazer material, nas resoluções oferecidas pela ciência e tecnologia. Essas características centrais emergem nos depoimentos dos alunos entrevistados no IFMT, conferindo-lhes, até certo ponto, a condição de representantes do tipo humano positivista.

Além do reconhecimento do impacto da ciência e da tecnologia nas sociedades, mergulhamos em uma exploração mais profunda das maneiras pelas quais essas duas forças intrinsecamente interligadas têm o potencial de moldar e até mesmo transformar os princípios éticos que são a base das interações humanas. A crescente interdependência entre ciência, tecnologia e ética cria uma dinâmica complexa, na qual as inovações tecnológicas muitas vezes desafiam, redefinem ou até mesmo reforçam os valores éticos que regem nossas decisões e comportamentos.

## 1. PARADIGMA POSITIVISTA

Aqui, temos que empregar um ponto fundamental da pesquisa. Há uma constante no pensamento positivista até os dias de hoje: a aposta de que pela ciência e pela tecnologia o ser humano tem a chance de conhecer as manifestações e manipulá-las. Conhecer no sentido de descobrir seus elementos físicos, químicos, biológicos, econômicos, sociais e assim por diante. Além de poder transformar esses objetos de modo a encontrar soluções para todos os problemas humanos. O avanço na sociedade acontece na medida que os avanços científicos e tecnológicos emergem. Não há a concepção de contemplação das manifestações no sentido de que algo ou alguém realizou todas essas matrizes de arranjos que nos deparamos a todo instante. O paradigma positivista procura formas de rearranjar os objetos de modo a adquirir poder sobre os indivíduos, a sociedade e a natureza. Há um paradigma a ser seguido. Segundo Kuhn (1998, p. 219)

um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma.

Ato contínuo,

uma comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica. Esses foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similar, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas. Neste processo absorveram a mesma literatura técnica e dela retiraram muitas das mesmas lições. Normalmente as fronteiras dessa literatura-padrão marcam os limites de um objeto de estudo científico e em geral cada comunidade possui um objeto de estudo próprio. Há escolas nas ciências, isto é, comunidades que abordam o mesmo objeto científico a partir de pontos de vista incompatíveis. Mas são\* bem mais raras aqui do que em outras áreas; estão sempre em competição e na maioria das vezes essas competições terminam rapidamente. O resultado disso é que os membros de uma comunidade científica vêem a si próprios e são vistos pelos outros como os únicos responsáveis pela perseguição de um conjunto de objetivos comuns, que incluem o treino de seus sucessores. No interior de tais grupos a comunicação é relativamente ampla e os julgamentos profissionais relativamente unânimes. Uma vez que a atenção de diferentes comunidades científicas está focalizada sobre assuntos distintos, a comunicação profissional entre grupos é algumas vezes árdua. Frequentemente resulta em mal-entendidos e pode, se nela persistirmos, evocar desacordos significativos e previamente insuspeitados (KUHN, 1998, p. 220-221).

Um paradigma é um modelo que estrutura as possibilidades de ação de um grupo. Nem todos os membros de um determinado grupo sabem que estão submergidos num paradigma, num modelo de concepção. Há toda uma complexidade de tensões entre grupos e entre membros de um grupo, pois as motivações são inúmeras e contraditórias. Dito isso, o positivismo se apresenta como um movimento de indivíduos que, munidos dos instrumentos científicos e tecnológicos, buscam se firmar na sociedade (indivíduos e instituições) como o mais aceitável resolvidor para todos os problemas humanos. A sociedade deve repousar sua organização na capacidade de indivíduos seletos que, dentro de laboratórios especializados, usarão todos os possíveis arranjos de testes, experimentos, cálculos e demais atributos para mostrar que nenhuma outra forma de pensar as manifestações é mais segura e funcional.

Concebemos um modelo de árvore e, mesmo com suas diferenciações, não confundimos com o modelo de grama. Sabemos que o modelo de aparência de um adolescente não é o mesmo de uma pessoa idosa. Com isso, de acordo com o modelo pelo qual se concebe as manifestações que nos cercam, afirmamos ou negamos, excluímos ou aderimos. Mas vamos além. Todas as concepções humanas sobre as manifestações são modelos? Modelos que podem ser minimizados ou maximizados dependendo da época? Cada qual possui uma forma de interpretação e isso se seguirá indefinidamente. Vamos separar algumas questões. Os modelos existem na cognição humana, mas não fazem parte das coisas concretas. Os modelos nas ciências não são como os modelos que realizamos das manifestações, por exemplo, no caso da diferenciação entre uma criança e um idoso. Os modelos nas ciências não são fixos, mas podem ser abandonados dependendo das descobertas.

Além disso, os modelos nas ciências não buscam representar as manifestações enquanto tais, mas apenas buscam formas que indicam alguns aspectos das manifestações. Nossa pesquisa, por exemplo, busca decifrar o máximo possível o tipo humano formado no Instituto Federal de Mato Grosso (campus Cuiabá) à luz do pensamento positivista, com base voegeliana. Esse é o nosso modelo teórico para buscar respostas que se encaixam com essa teoria. Além desse, existem inúmeros outros modelos pelos quais o egresso da instituição

pode ser analisado. Já o modelo que concebemos as manifestações, como, por exemplo, árvore ou grama, é fixo, pois, se não o fosse, não conseguiríamos conceber.

Segundo Kuhn (1998, p. 224), “um paradigma governa, em primeiro lugar, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência”. As tensões de argumentos são características dentro do ambiente daqueles que fazem ciências. Seria incongruente se assim não fosse. Existem vários posicionamentos antagônicos, dados científicos antagônicos e, com isso, grupos antagônicos duelam na arena dos debates para buscar sobreposição como argumenta Paese (2007, p. 213-214):

as manifestações dos peritos sobre os riscos dos transgênicos, apoiadas em dados científicos e técnicos durante a controvérsia, ao invés de contribuírem para que se pudesse chegar a um consenso entre os diferentes atores envolvidos no debate, contribuíram para intensificar as disputas. Os atores, com seus posicionamentos favoráveis e contrários ao adiamento, poderiam brandir o escudo da ciência e da técnica para marcar sua posição e se defender dos ataques dos adversários. A ciência e a técnica não contribuíram para a constituição de um espaço em que o acordo e o entendimento fossem possíveis, pelo contrário. Destaque-se, entretanto, que a crença na capacidade de se chegar a acordos por intermédio da fundamentação do debate no conhecimento científico e técnico é difundida. (...) “O resultado é a oposição pública entre cientistas, tendo como consequência o aumento do ceticismo sobre o papel político dos cientistas, bem como a geração de uma consciência crescente das dimensões políticas das decisões usualmente definidas como técnicas”.

Partimos da premissa de que existem grupos que compartilham um arranjo de concepções positivistas e buscam impor sua visão. Em outras palavras, há um paradigma, um modelo que define como as manifestações devem ser interpretadas, limitando-se aos métodos utilizados em laboratórios. O paradigma positivista tem como objetivo principal redesenhar a sociedade, o indivíduo e a natureza, de acordo com a visão de cientistas, tecnocratas, financiadores e outros grupos seletos. As permissões e proibições, as possibilidades e limitações na sociedade devem ser validadas por este grupo. Surge, então, a questão: por que esses grupos assumem para si a responsabilidade de determinar a organização da sociedade?

O pensamento humano é capaz de formular inúmeras ideias que podem não resultar em um referente concreto. Ou seja, ideias podem ser pensadas, mas não

necessariamente realizáveis ou passíveis de serem analisadas pelos métodos laboratoriais. Um exemplo disso ocorre quando um padre afirma que um objeto comestível, feito principalmente de farinha, é o corpo de um indivíduo. Do ponto de vista positivista, ele apresenta uma ideia que não pode ser demonstrada cientificamente. O paradigma positivista realiza, então, um processo de filtragem das concepções humanas, assegurando que a sociedade seja construída com base em fundamentos palpáveis e experimentais.

Para que exista uma comunidade, é necessário que haja um compartilhamento de paradigma. Esse compartilhamento não é uma escolha, mas uma condição essencial para a existência de uma comunidade.

A relação entre uma comunidade e um paradigma pode ser comparada à relação entre a torcida de um time de futebol e a camisa do time. Para que haja normalidade na torcida, todos devem estar uniformizados com as cores do time. Qualquer desvio, como uma camisa do time adversário, seria visto como uma anomalia ou desconformidade com a concepção compartilhada naquele ambiente. Embora não haja consenso na ciência, pois sempre há confronto de argumentos, existem modelos que buscam estabelecer uma "normalidade" científica. O modelo predominante na comunidade científica atual considera as manifestações como puramente materiais.

O paradigma positivista impõe uma hegemonia na comunidade científica, estabelecendo o modelo pelo qual ela se orienta. Ele se destaca pela crença de que a ciência e a tecnologia são as ferramentas mais eficazes para resolver os problemas da sociedade. Hoje, observamos cada vez mais a influência da ciência nas decisões que moldam a vida cotidiana, como permissões, proibições e projetos de grande impacto. Grupos de pressão atuam para influenciar legisladores a favor ou contra determinadas pesquisas científicas, a construção de usinas ou a liberação de novos produtos e serviços tecnológicos.

Além disso, as disputas por financiamento entre diferentes partes interessadas geram tensões, refletindo a luta por recursos para pesquisa e desenvolvimento. O debate público, amplificado pelas mídias, também desempenha um papel crucial, pois a opinião popular pode apoiar ou contrariar essas aprovações. Dentro do

paradigma positivista, a ciência e a tecnologia devem servir como base para as decisões políticas e sociais. O ponto central é a unificação da sociedade em torno desse modelo, com o paradigma positivista como protagonista.

## 2. PRECURSORES DO POSITIVISMO

Para se formar um conceito é necessário a passagem pela via do pensamento antes da cristalização em uma expressão verbal. Porém, Voegelin (2019, p. 100) nos alerta que

a ideia tem de ser estudada, não como conceito, mas como símbolo que tira vida dos sentimentos; a ideia cresce e morre com os sentimentos que engendram sua formulação e, com os grandes pensadores, sua integração num sistema de pensamento que aproxima a assíntota da racionalidade. Apenas à medida que a ideia seja entendida aproximadamente como a expressão racional da vida de sentimentos é que podemos compreendê-la como uma entidade histórica".

Quando uma ideia é estudada apenas como conceito, ela enfrenta limitações em relação às suas possibilidades de significado, pois não há uma rede de conflitos incorporada na definição atribuída a ela. Em outras palavras, um conceito se desenvolve após um processo de restrição de significados, eliminando ambiguidades. Por outro lado, um símbolo carrega consigo uma tensão de forças que pode variar dependendo da situação, sendo um conjunto complexo de tensões que pode englobar significados contraditórios. Por exemplo, o positivismo pode ser interpretado como um conhecimento científico em um contexto, enquanto em outro contexto, pode ser visto como não-científico.

A abordagem simbólica nos permite explorar uma gama de concepções que ampliam nosso entendimento das complexidades do mundo. Através da interação de diferentes interpretações de ideias, surgem questões centrais, pois as concepções humanas são permeadas por posições antagônicas. Nas múltiplas nuances dessas ideias residem as várias direções que podemos seguir para compreendê-las em sua totalidade.

Um símbolo tem o poder de transformar a sociedade a partir de seu interior, seja por meio da literatura, do cinema, do sistema educacional, entre outros. Ele pode se tornar parte da história quando as pessoas decidem aderir aos seus significados e solidificá-los em leis, que eventualmente se institucionalizam. Essa transformação é particularmente relevante quando analisamos uma instituição educacional, pois examinar as interpretações que se consolidaram ao longo do tempo nos ajuda a entender o ambiente em que estamos inseridos.

Esse esforço de compreensão simbólica é essencial para entender o positivismo. A abordagem simbólica nos oferece a possibilidade de enxergar suas nuances — suas contradições, direções e ambições. É nesse contexto que, neste capítulo, buscamos apresentar as influências que surgiram com os precursores do positivismo no século XVIII, destacando o impulso que motivou essa corrente e os impactos de suas ideias na formação de um tipo humano.

Eric Voegelin (2019) dedica-se a examinar as forças radicais que impulsionaram o positivismo, aquelas que manifestam um alto grau de imanência e uma ambição por descobertas científicas e tecnológicas, com o objetivo de aumentar os níveis de controle humano sobre a sociedade e a natureza. Em termos gerais, há uma crença na capacidade exclusiva da razão humana para resolver todos os problemas enfrentados pela humanidade. Essa visão é relevante, pois o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), foco empírico desta dissertação, adota concepções positivistas, como será evidenciado ao analisar seu Plano de Desenvolvimento Institucional de 2019 a 2023.

Assim como um profissional de saúde ajusta a pressão de um equipamento para medir a pressão arterial de um paciente, descreveremos inicialmente as características do tipo humano positivista em sua versão mais exacerbada, para, em seguida, analisar como o IFMT molda esse tipo de ser humano.

Um dos principais objetivos de Voegelin (2019) é esclarecer as complexidades geradas pelas desordens ideológicas modernas, como o positivismo, que se baseia na capacidade científica e tecnológica para promover uma forma de pensamento sobre o ser humano. Esse pensamento considera os atributos do ser humano como algo que deve ser definido pelo conhecimento positivo.

Autores influentes discutem a ideia de que certos indivíduos têm a capacidade de conquistar o controle sobre a sociedade e a natureza, com a razão humana sendo expandida ao seu mais alto potencial. Nesse contexto, o universo material é proclamado como o único domínio abrangente de todas as manifestações, excluindo qualquer realidade que transcenda a dimensão tempo-espço, dando espaço apenas para as sensações e processos de raciocínio intramundanos. Com isso, a modernidade se desenvolve, fundamentada em

concepções imanentes do mundo, o que exige uma reorganização profunda nas formas de governar a sociedade, tanto no nível individual quanto no institucional.

Federici (2011, p. 54-55) argumenta que

saber o que deforma a ordem ajudou a esclarecer o que cria a ordem. A deformação da ordem era, afinal, de contas, o movimento que se afastava da experiência de ordem, que se afastava do *realissimum* (o realíssimo: o fundamento divino)".

A partir da ideia de resolver exclusivamente os problemas humanos por meio do conhecimento positivo, ou seja, demonstrado, conhecido e científico, surge no Ocidente a forma positivista de desordem. Em outras palavras, há uma busca pela segurança e controle total de todas as manifestações, a fim de se conceber uma sociedade permeada por respostas satisfatórias diante das adversidades. Existe, portanto, uma forte aderência às possibilidades determinadas, em que tudo deve ser acessível e controlável. A desordem, nesse contexto, reside principalmente na crença de que as capacidades humanas, por meio da ciência e da tecnologia, são suficientes para resolver todos os problemas.

A partir disso, surge a questão: quais são as origens dessas concepções de que é possível concentrar todas as manifestações do mundo nas capacidades humanas? "The New Science of Politics" (1952, p. vi, apud por FEDERICI, 2011, p. 55) destaca que

um monge calabrês do século XII, que fundou uma nova ordem religiosa, [e] deu à civilização ocidental a periodização da história em três estágios, que tornou possível a conceptualização da própria modernidade. A divisão de Joaquim fez da história em Idades do Pai, do Filho e do Espírito Santo foi a precursora da periodização da história em três estágios, que tornou possível a conceptualização da própria modernidade".

De acordo com Durham (1975, p. 3, apud FEDERICI, 2011, p. 55), esse monge foi responsável por introduzir uma "consciência de época", sugerindo que a história da humanidade é uma trajetória exclusivamente intramundana. Em sua visão da religião cristã, ele propôs uma nova estrutura que não mais se baseava em aspectos sobrenaturais, mas em fundamentos puramente materiais. Isso resultou na fragmentação da interpretação dos períodos históricos, ou seja, uma maneira de conceber os diferentes momentos do passado de forma sucessiva e distinta.

Segundo Federici (2011, p. 55), “Voegelin descreveu a crise espiritual como uma perda da consciência transcendente, que começou com o historicismo imanentista de Joaquim e, séculos depois, degenerou na rejeição positivista da realidade transcendente”. A partir dessa inversão fundamental, em que o ser humano concebe a si mesmo e ao mundo de maneira puramente material, surgem numerosos pensadores que buscam construir uma forma de organização humana não apenas habitável para todos, mas baseada exclusivamente em observação, cálculo, medição e experimentação. A ausência desses elementos exclui qualquer possibilidade de um conhecimento seguro. Assim, não há apenas um universo imanente a ser decifrado e dominado, mas também gerações de indivíduos a serem educados nessa perspectiva.

## 2.1 Helvétius

Voegelin (2019, p. 101) expressa que

a estrutura de sentimentos que aparece em Helvétius pode ser caracterizada geralmente pelo termo religiosidade intramundana. No conflito com a tradição cristã, a nova religiosidade expressa-se mediante a inversão da direção em que o *realissimum* da existência deve ser buscado”. (...) “A inversão da direção torna-se agora estabilizada, sob o título de genealogia, como o instrumento principal de interpretação da ordem interna da natureza humana. Sejam as variantes materialistas, sensualistas ou hedonistas - os estratos da natureza humana são interpretados geneticamente como derivados de uma substância física ou biológica no fundo da existência. A estrutura interna do homem já não é ordenada para um escopo transcendental, mas deve ser explicada pelas operações da sensibilidade física ou de mecanismos de prazer e dor”.

Inicialmente, é importante destacar o cristianismo como o principal adversário do positivismo. Quando se trata do sentido da vida, da existência e do propósito a ser buscado, o positivismo propõe que as respostas devem se limitar às possibilidades imanentes. Mas o que isso significa? O positivismo busca restringir o indivíduo às conquistas materiais, considerando-as o único campo no qual as ações humanas devem se concentrar. Por quê? Porque não há mais razão para buscar fundamentos além daqueles oferecidos pelo avanço tecnológico e pelas descobertas científicas. O termo "genealogia" é usado para se referir às "paixões", que exploram os primeiros graus de sensibilidade:

“(...) princípio de sensibilidade física e os sentimentos de amor ao prazer e ódio pela dor engendrados por esse princípio” (VOEGELIN, 2019, p. 70).

Assistimos a uma mudança drástica da abordagem cristã para uma perspectiva imanente, considerada mais segura, como será explorado com maior profundidade. Dessa forma, as manifestações passam a ser vistas como restritas ao domínio horizontal, que utilizamos aqui como um símbolo de imanência, e não como uma entidade física do mundo. Isso significa que os seres humanos só podem compreender e ser compreendidos dentro dos limites de suas capacidades sensoriais e racionais.

Voegelin (2019, p. 101) argumenta que “a inversão da direção é acompanhada pela perversão da ideia de ordem: a desordem das paixões é aceita como a ordem natural da alma humana”. O pensador alemão critica esse equívoco. Não há “paixão”, mas apenas “uma tentativa de obter felicidade” (p. 75). O positivismo busca redefinir a ontologia do ser humano, concentrando-se em suas experiências imediatas e limitando sua constituição a essas vivências sensoriais e racionais. Na visão positivista, aquilo que o cristianismo considerava como desordem—um apego excessivo ao material e ao sensual—passa a ser visto como a própria natureza humana. A ideia de “prejuízo”, por exemplo, é limitada aos objetos materiais, e os ganhos são mensurados apenas nesse aspecto. Fora desse contexto, as manifestações humanas são consideradas opacas.

Para Voegelin, essa abordagem reduz as capacidades humanas a aspectos superficiais e trata a desordem como uma direção ordenada a ser seguida. O ser humano é capaz de fazer inúmeras perguntas sobre temas que não estão dentro do escopo das investigações científicas. Por exemplo, ele pode questionar por que sua capacidade de perguntar não é acompanhada pela capacidade de responder.

Além disso, a desordem, dentro dessa perspectiva, é qualquer tentativa de resolver os problemas humanos por meio do próprio ser humano, como se ele fosse detentor das melhores respostas. A centralização dessas possibilidades torna-se uma força desordenada, fundamental para essa inversão, pois foca o indivíduo nos fenômenos, no útil, no material e na busca por dominação.

Para Helvétius, “o homem virtuoso deve ser definido como aquele em quem a paixão que leva aos resultados positivos é predominante, enquanto as outras paixões têm efeitos comparativamente fracos” (VOEGELIN, 2019, p. 87). É importante notar que questões sobre a origem das sensibilidades físicas, da razão humana e outras questões semelhantes são desconsideradas no contexto do positivismo. Esses aspectos são vistos como presenças inerentes ao mundo, sem necessidade de investigação. O conhecimento, portanto, é horizontal, centrado nas possibilidades determinadas, e expressa uma forma de "religiosidade intramundana". A ideia de direção, ou seja, o que devemos fazer e qual objetivo devemos alcançar, é construída unicamente pelo ser humano. Seguimos algo porque o construímos, exceto pelos sentidos, pelos mecanismos de prazer e dor, que são as bases que viabilizam essas possibilidades.

Nesse contexto, surge a necessidade de atores que possuam conhecimento desse mundo estritamente imanente, para oferecer as melhores respostas a serem seguidas. Valoriza-se a compreensão daqueles que têm expertise nesse domínio, pois o conhecimento construído pelo indivíduo possui maior potencial de controle do que as manifestações externas. Por exemplo, podemos conhecer as funções de um martelo, mas a origem de sua constituição material é complexa e não recebe a mesma ênfase.

Voegelin (2019, p. 102) argumenta que

a perversão da ideia de ordem está intimamente ligada ao problema que designamos com a expressão instrumentalização do homem. O homem já não é uma entidade que tenha seu centro existencial dentro de si; tornou-se um mecanismo de prazer, dor, e paixões que pode ser dominado por outro homem, o 'legislador', para seus propósitos. A instrumentalização mostrou que é um complexo singularmente rico de sentimentos e ideias". (...) “Apenas quando o centro espiritual do homem, através do qual o homem está aberto ao *realissimum* transcendental, é destruído é que o agregado desordenado de paixões pode ser empregado como um instrumento pelo legislador.”

Os eventos ao longo da história geralmente não seguem um curso calculado, pois imprevistos naturais podem influenciar as decisões humanas. A história se desenrola de forma imprevista, sendo moldada pelas ações humanas e pelas manifestações naturais. A continuidade de uma ideia ao longo do tempo depende, em grande parte, de sua reprodução e preservação nas gerações subsequentes.

A ideia de um "legislador" ou de um grupo específico com poder de decisão sobre os demais indivíduos se desenvolve ao longo da história. No entanto, essa abordagem, baseada em métodos científicos, tecnológicos e consensuais, ganha destaque em períodos mais recentes, influenciada pelos estudos nas ciências físicas, como os realizados por Isaac Newton. Essa ideia se desvincula do "centro espiritual" cristão, que orienta o ser humano em direção ao seu fundamento. A participação em uma esfera não exclui a outra, mas pode enfraquecer sua influência. É nesse enfraquecimento da concepção cristã que surgem novas formas de dominação, como as propostas pelo positivismo.

Dito de outro modo, Voegelin (2019, p. 103) argumenta que como

a desordem da alma é estabelecida como a natureza do homem, e daí a ordem pode ser instalada neste campo cego de forças psíquicas apenas vinda de um centro ativo fora do homem, aquele aspecto de instrumentalização vem à tona, o qual é designado pela expressão *artificialismo em política*.

Esse último aspecto reflete a crença na capacidade humana de resolver as adversidades entre os grupos sociais, fundamentadas nos interesses e paixões individuais. A ideia de superioridade e inferioridade é estabelecida por meio de uma hierarquia, que se inicia com o poder de vida e morte — o mais imediato e impactante em todas as situações. Nessa hierarquia, a única estabilidade possível é a constante possibilidade de mudança, que pode ser desencadeada por caprichos, descobertas científicas, tecnológicas ou eventos naturais, como catástrofes.

Nesse contexto, a sociedade é concebida como uma forma geométrica, composta por linhas e contornos que formam uma figura finita, com significados limitados e maleáveis. Se existe um processo de salvação para o ser humano, ele se dá exclusivamente dentro dos limites deste mundo imanente, por meio da harmonia entre os que estão no poder e os que obedecem. Em essência, surge a tentativa de salvar o ser humano pelo próprio ser humano, em detrimento da busca por algo transcendente.

Ainda em relação à citação anterior, o "campo cego de forças psíquicas", que surge com a aceitação da desordem como norma da condição humana, refere-se ao horizonte limitado estabelecido como o único espaço possível para manifestações.

Em outras palavras, a dimensão infinita deixa de ser reconhecida como fonte de sustento, e o finito e autossustentável.

A tentativa de compreender a ontologia humana a partir da separação entre o ilimitado e o limitado, confiando exclusivamente nas ações dentro deste último domínio fragmentado, revela o início da desordem. A ideia de revitalização só é considerada dentro dos limites do finito, ou seja, não há mais espaço para buscar respostas fora do campo do conhecimento positivo, já que é apenas neste campo que se espera encontrar um conhecimento mais seguro.

A "instrumentalização do homem" pode ser entendida como a tendência a massificar o indivíduo. A crença de que um "legislador" ou um grupo específico de "legisladores" detém o poder de tomar decisões sobre os demais permeia a história. No entanto, a busca por estabelecer ordem na sociedade por meio de grupos especializados em ciências fenomenais e tecnologias é uma característica central do positivismo. Essa massificação se torna possível quando, em uma determinada geração, ocorre um enfraquecimento significativo da concepção de possibilidades indeterminadas.

Além disso, é fundamental destacar que essa "instrumentalização do homem" e a massificação resultante estão intimamente ligadas à diminuição da importância atribuída às noções de liberdade e individualidade. A ideia de que cada indivíduo possui possibilidades únicas, não determinadas previamente, é substituída por uma visão em que as ações e escolhas são padronizadas e direcionadas por aqueles que detêm o conhecimento científico e tecnológico. Essa perspectiva restrita limita a capacidade de autoafirmação e autodeterminação dos indivíduos, promovendo uma sociedade mais homogênea e controlada.

Voegelin (2019, p. 106) argumenta que "o significado da vida foi transformado, do crescimento interno da alma na orientação para o *realissimum* transcendental, para a harmonia externa do interesse privado com o fato historicamente objetivo do interesse geral". A crença de que a inversão ontológica trará melhores alternativas implica que a ideia de evolução da sociedade só pode ser concebida dentro de parâmetros baseados em resultados imanentes. A saúde da sociedade é medida principalmente pelos seus aspectos econômicos,

considerando as interações sociais e o meio ambiente. O progresso é quantificado pelo aumento da capacidade produtiva, desde que não ocorram danos ambientais significativos. Nesse contexto, a preocupação se concentra na preservação do planeta e nas características externas da população.

Entretanto, é importante notar que estamos abordando aspectos gerais. Existem questões e disputas específicas entre classes, partidos e grupos dentro de um contexto nacional, bem como entre países e alianças internacionais. Não é nosso objetivo encontrar soluções para esses problemas de conformidade nacional e global, mas explorar a mudança de perspectiva que contribui para a formação do positivismo. É a partir dessa mudança que emergem as características do tipo humano, ou seja, os traços específicos que os distinguem.

Diante das concepções apresentadas, a formação do indivíduo no contexto do positivismo deve seguir as seguintes características:

1. Apostar que a formação das manifestações é exclusivamente imanente, sem qualquer influência transcendente.
2. Considerar o ser humano como uma estrutura composta por engrenagens que podem ser conhecidas e manipuladas de forma racional.
3. Priorizar a maximização do prazer como um mecanismo fundamental a ser buscado.
4. Enxergar o discurso transcendente como um obstáculo que impede o indivíduo de buscar plenitude e explorar suas possibilidades no mundo.
5. Defender que a ordem na sociedade deve surgir daqueles que possuem o conhecimento positivo, baseado em evidências científicas.
6. Exaltar como exemplo de indivíduo a ser seguido aquele que busca conhecer de forma demonstrativa as manifestações e fenômenos, priorizando a razão e a lógica como guias para compreender o mundo.

## 2.2. D'Alembert

O objetivo desta seção é expor os principais fatores decorrentes da visão de D'Alembert (1894 apud VOEGELIN, 2019) sobre o progresso da mente humana e como eles indicam um determinado tipo de ser humano.

Voegelin (2019, p. 121) sustenta que

quando secam as fontes intelectuais e espirituais de ordem na vida humana e social, não resta muito como fonte de ordem, exceto a situação historicamente factual”.

No positivismo, as fontes intelectuais e espirituais são abordadas dentro de um horizonte intramundano. Ou seja, as motivações que impulsionam o pensamento positivista buscam decifrar os fenômenos sem recorrer a questionamentos sobre suas causas primeiras ou fundamentos metafísicos. O foco está em identificar as leis que regem esses fenômenos, com o objetivo exclusivo de validá-las ou refutá-las. Essa abordagem caracteriza o positivismo ao eliminar qualquer elemento que seja inacessível ou que não possa ser diretamente abordado pelas ciências dos fenômenos. Em outras palavras, busca-se excluir tudo o que está além do alcance da experimentação científica.

Essa concepção histórica também se alinha com essa visão intramundana. Não é necessário esgotar as fontes intelectuais ou espirituais tradicionais para que a história seja utilizada como uma fonte de ordem e compreensão. Pelo contrário, o que se vê é o surgimento de uma nova via para o processo de formação da mente progressista dentro do positivismo. A compreensão sobre o passado, o presente e o futuro, sob a ótica positivista, já não é mais a mesma das concepções tradicionais. No lugar de uma narrativa histórica que busca uma verdade transcendental ou uma explicação metafísica, a história passa a ser vista como um processo contínuo e imanente, regido por leis naturais e sociais que devem ser observadas e compreendidas de acordo com os métodos científicos.

A partir de agora, exploraremos com mais detalhes como essa visão do passado, presente e futuro se desvia das abordagens tradicionais e como ela molda a compreensão do progresso e da evolução humana no contexto positivista.

Voegelin (2019, p. 122) argumenta que

quando, no entanto, uma situação de fato deve ser empregada como fonte de ordem, a situação tem de ser cercada por um corpo de doutrina que a dote de uma legitimidade específica. Daí, uma das ideias tipicamente recorrentes nesta contingência é a suposição de que a situação do momento (...) é superior em valor a qualquer situação histórica de fato anterior. A ideia de progresso através de várias fases da história, apoiada por um conjunto de materiais que mostram o crescimento no valor através das fases sucessivas, deu a base para esta primeira suposição necessária. A ideia de progresso, entretanto, cria legitimidade para o presente apenas à medida que evoca sua superioridade sobre o passado. Daí, tipicamente, na doutrina, uma segunda ideia é recorrente e se destina a proteger o presente contra a invalidação pelo futuro”.

No positivismo, a necessidade de um corpo doutrinário surge com o objetivo de eliminar a vulnerabilidade da ordem proposta. Mas que tipo de ordem é essa? Trata-se da ideia de que a humanidade está caminhando em direção a um futuro mais seguro e promissor para todos. A "vulnerabilidade" é mencionada porque, ao levar essa ideia ao seu extremo, as lacunas se tornam evidentes. Essas lacunas revelam uma verdade fundamental: o futuro, por mais que seja idealizado, é sempre uma incerteza. Qualquer afirmação sobre o que está por vir não passa de uma hipótese, uma previsão baseada em uma série de suposições.

Diante dessa incerteza, as lacunas são preenchidas com a crença de que o avanço contínuo do conhecimento científico e tecnológico resolverá os problemas humanos, transformando a sociedade, a natureza e o próprio ser humano. Quando dizemos "linear", queremos dizer que o progresso segue uma direção única e determinada, baseada em experimentação, observação e cálculo, visando sempre resolver problemas específicos. E, ao afirmar que o progresso é "contínuo", indicamos que a facilidade de acesso aos recursos materiais, como transporte, longevidade e outros bens, aumentará cada vez mais.

Na visão tradicional do tempo, o passado é algo irreversível, imutável, fixado pelas manifestações que já ocorreram. O presente, por sua vez, é visto como um campo de infinitas possibilidades, em que as variações podem ocorrer a cada momento, como um minerador que escava sem saber exatamente o que encontrará. O futuro, nesse contexto, permanece incerto e indefinido, com acontecimentos que podem ou não se realizar.

Porém, no positivismo, a concepção do tempo é diferente. O passado deixa de ser algo imutável e se torna passível de reinterpretação. O positivismo ressignifica os eventos históricos com base nos avanços científicos do presente, de modo que a história não é mais vista como algo fixo, mas como algo que pode ser moldado para atender às necessidades do movimento progressista. Para que o futuro seja visto como um avanço, ele precisa ser imerso em um paradigma intramundano e positivista, onde as melhorias humanas são vistas como um resultado natural e previsível do desenvolvimento das ciências e das tecnologias.

Neste contexto, o presente assume um papel central, pois é o momento decisivo para a realização do futuro que o positivismo promete. Esse futuro, antes incerto, agora se torna garantido, baseado na ideia de que, com o progresso científico, a humanidade inevitavelmente avançará para um cenário de melhoria contínua e intramundana.

A ênfase no conhecimento científico e tecnológico, especialmente em suas realizações mais tangíveis, fez com que o indivíduo se concentrasse em expandir ainda mais esse tipo de saber. Mais do que isso, essa valorização do progresso científico leva à ideia de que todos devem seguir o mesmo caminho, uma visão que, em certo sentido, visa uniformizar as sociedades de acordo com os parâmetros do conhecimento positivo. A história e o tempo, então, se tornam um quebra-cabeça, em que as peças, embora não garantam que permaneçam fixas, podem ser encaixadas de maneira cada vez mais um teor válido pelo paradigma positivista.

Entretanto, há uma contradição fundamental aqui: um dos traços característicos da condição humana é a ignorância sobre o ponto final da história. O fato de não sabermos qual será o desfecho da história impede que possamos determinar, com certeza, o futuro. Dessa forma, o futuro permanece flexível, moldado pelas ações que se sucedem. O que se busca no positivismo é o controle sobre o presente, para que o paradigma positivista guie o encaixe e desencaixe das "peças" do tempo, reformulando-as conforme os avanços do conhecimento.

No entanto, rejeitar a ideia de um futuro garantido, com base no desconhecimento do seu desfecho, não implica em desvalorizar o desenvolvimento científico e tecnológico, nem a capacidade racional que os fundamenta. O

conhecimento demonstrativo e empírico continua a ser independente das soluções para os problemas humanos mais profundos. A proposta do positivismo é, de certa forma, deslocar a atenção para o "entremeio" da realidade — aquele campo de incertezas, ignorado pela ciência, que não pode ser quantificado ou totalmente compreendido. A solução proposta é, portanto, colocar os detentores do conhecimento das ciências dos fenômenos como protagonistas do processo, relegando outros aspectos da experiência humana a um segundo plano.

Essa tendência a priorizar o campo material como o único válido faz com que muitas das concepções que anteriormente eram atribuídas ao cristianismo — como a busca por um fundamento transcendente e a valorização da subjetividade individual — sejam vistas como obsoletas, ou mesmo descartáveis. As práticas religiosas e espirituais, por não agregarem diretamente ao entendimento das ciências dos fenômenos, são vistas como desnecessárias para o avanço da "humanidade" no sentido positivista. O conhecimento deve, portanto, ser constantemente ressignificado à medida que novas descobertas científicas e tecnológicas emergem, e as velhas narrativas devem ceder espaço à lógica empírica.

Em suma, o positivismo coloca o conhecimento humano dentro de uma estrutura probabilística, onde as respostas para os problemas humanos não estão prontamente disponíveis, mas são construídas à medida que a ciência avança. A ignorância sobre o potencial pleno do conhecimento humano, junto com a impossibilidade de se quantificar completamente nossa ignorância, fazem parte desse processo contínuo de descobertas. O que o positivismo oferece, portanto, são possibilidades baseadas em probabilidades, não certezas absolutas — e, dentro dessa visão, as possibilidades do ser humano devem ser constantemente redefinidas à luz das descobertas científicas e tecnológicas.

Segundo Voegelin (2019, p. 122),

é normalmente desprezado este elemento de 'parar' ou 'congelar' a história num presente perpétuo na análise da ideia do progresso porque é uma contradição manifesta com a própria ideia de progresso. Esta contradição, no entanto, de que uma situação não pode ser estática e progressista ao mesmo tempo está apenas na superfície. A ideia de progresso é, na verdade, a ideia de uma situação estática à medida que enfrenta o futuro como 'uma

adição ao', ou 'uma elaboração do', presente". (...) "Já que o futuro não pode trazer nada senão uma perfeição dos valores incorporados na civilização presente; já que o futuro aberto dos homens na história é transformado num escopo presente projetado para o futuro, a ideia de progresso é estática".

De acordo com a visão positivista, podemos conceber o futuro como a construção de um grande edifício, no qual cada elemento desempenha um papel crucial. Não seria viável realizar revisões constantes em cada um desses elementos, pois isso inviabilizaria o avanço e a conclusão da obra. Para que a construção siga adiante, a maioria desses componentes precisa permanecer intacta, garantindo que as peças subsequentes se integrem de forma harmoniosa ao conjunto. A fixação desses elementos é fundamental para o progresso; sem ela, a edificação não seria concluída. Surge, então, a pergunta: será possível finalizar essa obra? Ou, em outras palavras, será possível alcançar o futuro desejado?

Dentro da perspectiva positivista, a resposta é afirmativa. Acredita-se que, por meio do conhecimento científico e tecnológico, é possível avançar em direção a um futuro melhor. As leis que regem os fenômenos naturais e sociais são vistas como bases sólidas e confiáveis para a construção desse futuro. À medida que essas leis são compreendidas e aplicadas, o progresso humano se torna uma possibilidade real.

No entanto, há uma nuance importante que o positivismo não pode ignorar: a presença de limitações e incertezas. Embora as leis científicas ofereçam uma base sólida para prever e planejar o futuro, não há garantia absoluta de que todas as peças do edifício se encaixarão perfeitamente. A complexidade da realidade, com suas dinâmicas imprevisíveis, pode introduzir contingências que alterem o curso dos eventos e, assim, o progresso almejado. O futuro, mesmo sob os melhores planos e previsões científicas, permanece sempre parcialmente incerto.

Essa tensão entre o desejo de certeza e a inevitabilidade da incerteza está no coração do positivismo. Ele defende a construção progressiva do futuro com base em conhecimentos científicos sólidos e princípios racionais, mas também reconhece que, para alcançar esse futuro, será necessário lidar com imprevistos e ajustes constantes ao longo do caminho. A construção do futuro, portanto, não é uma linha reta e sem desvios, mas um processo contínuo e iterativo. Os avanços

são conquistados a cada etapa, através da aplicação do conhecimento positivo para solucionar problemas e aprimorar as condições de vida.

Assim, o positivismo propõe um futuro que, embora idealizado e baseado em certezas científicas, deve ser encarado como um projeto aberto, sujeito a revisões e adaptações. Cada conquista no caminho é parte de uma evolução que, embora previsível em suas grandes linhas, é sempre permeada por desafios imprevistos e contingências que exigem flexibilidade e inovação. O progresso humano, sob a ótica positivista, não é apenas a realização de um destino pré-estabelecido, mas a constante busca por soluções racionais e a superação das dificuldades do presente.

Segundo Marx e Engels (2017, p. 19),

todas as relações fixadas e enferrujadas, com sua série de antigos e veneráveis preconceitos e opiniões, são varridas, e todas as novas formações se tornam antiquadas antes que possam se solidificar. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado e o homem é obrigado por fim a encarar com serenidade suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes.”

Percebe-se o dinamismo na construção do conhecimento, nessa última perspectiva. Sob essa ótica, as verdades absolutas e imutáveis são desafiadas. O que se revela como válido é a transitoriedade das relações humanas, ou seja, a constante mudança e reinterpretação das manifestações sociais e intelectuais. No entanto, surge uma questão: se tudo o que é sólido se desmancha, então a própria afirmação do positivismo não seria, ela também, algo sujeito a se dissolver com o tempo, tornando-se apenas mais uma entre as “relações fixadas e enferrujadas” de que Marx fala? Existe uma certa incongruência na ideia de um progresso contínuo e linear, dado que a própria noção de estabilidade parece ser efêmera.

No contexto positivista, ciência e tecnologia são os pilares principais para a construção desse futuro almejado. O positivismo concebe o futuro como uma meta constantemente projetada, mas que está sempre fora de alcance, como uma promessa que nunca se concretiza. Essa perspectiva pode ser comparada a um restaurante onde o proprietário promete vender fiado no dia seguinte, mas, quando chega o dia, a promessa é repetida, mantendo a venda sempre postergada. O futuro, assim, é visto como uma linha de chegada que nunca chega, uma meta que se mantém permanentemente à frente, inatingível no presente.

Mesmo que, em algum momento hipotético, esse futuro projetado pelos positivistas se torne uma realidade, ele nunca é concebido como o fim da história, mas apenas mais uma etapa do contínuo processo histórico. Para os positivistas, o mais importante não é questionar se esse futuro vai realmente se concretizar de acordo com suas projeções, mas sim continuar o processo. Ou seja, o foco está na crença de que a humanidade está sempre avançando em direção a esse futuro de maior desenvolvimento científico, tecnológico e social, independentemente das incertezas que envolvem esse processo.

Dentro dessa visão, o positivismo propõe que a busca por um conhecimento seguro, baseado em ciência e tecnologia, é a chave para a construção desse futuro. Esse conhecimento deve ser protegido e preservado ao longo do tempo, garantindo que as gerações futuras possam se beneficiar das conquistas científicas e tecnológicas da atualidade. Com a ausência de uma referência metafísica ou transcendente para guiar a humanidade, o positivismo se apoia na capacidade humana de estabelecer estabilidades dentro dos limites do conhecimento acessível. Esse processo de estabilização envolve a redução da complexidade das manifestações humanas, tornando-as compreensíveis e controláveis.

Esses “pontos acessíveis” de conhecimento são encontrados nas ciências, nas tecnologias e nos paradigmas positivistas. A partir desses campos, a ideia de progresso na modernidade surge com a convicção de que a mente humana deve explorar e entender os fenômenos naturais, sociais e individuais. À medida que o conhecimento avança, conceitos e ideias previamente estabelecidos são descartados ou modificados, abrindo espaço para novas descobertas e soluções.

D'Alembert (1894, apud Voegelin, 2019) enfatiza a importância de compreender os fenômenos por meio de uma abordagem racional e científica. Ele acredita que a mente humana tem a capacidade de analisar e classificar os fenômenos, formulando leis gerais que regem a realidade. Para ele, essa abordagem racional e científica é a chave para o progresso, pois permite um entendimento sistemático e objetivo do mundo, trazendo benefícios concretos para a humanidade. Essa busca incessante por progresso e aprimoramento é vista como a principal força motriz da humanidade, embora a própria noção de progresso seja uma meta constantemente em movimento, nunca totalmente alcançada.

Desse modo, Voegelin (2019, p. 121-122) argumenta que

quando, no entanto, uma situação de fato deve ser empregada como fonte de ordem, a situação tem de ser cercada por um corpo de doutrina que a dote de uma legitimidade específica. Daí, uma das ideias tipicamente recorrentes nesta contingência é a suposição de que a situação do momento, ou uma situação que é enfrentada como imediatamente iminente, é superior em valor a qualquer situação histórica de fato anterior. A ideia de progresso através de várias fases da história, apoiada por um conjunto de materiais que mostram o crescimento no valor através das fases sucessivas, deu a base para esta primeira suposição necessária”.

Ao considerar a sequência das etapas no processo histórico, pressupõe-se que os indivíduos da geração atual possuam um conhecimento considerável sobre os eventos passados. Compreender tanto as produções antigas quanto as atuais é essencial para justificar a ideia de que as produções anteriores são inferiores, ou seja, que estavam em estágios incipientes de desenvolvimento, com conquistas limitadas.

Por exemplo, antes do advento do rádio, a comunicação era restrita, com informações transmitidas de forma lenta e com alcance limitado. Houve uma mudança drástica, com a comunicação sendo instantânea e global. Este é apenas um exemplo específico, mas muitos outros podem ser citados. Para o positivismo, a humanidade passou por épocas em que sua mentalidade era comparada à de uma criança, em contraste com épocas posteriores, em que a mentalidade humana é vista como mais madura. No entanto, essa ideia não se aplica a pontos isolados, mas sim a toda a cognição humana, que, de acordo com o positivismo, estava, até então, debilitada.

Na visão positivista, a história é entendida como um processo contínuo de evolução, em que as realizações e descobertas do passado contribuem para o avanço do conhecimento humano. Através da compreensão das limitações das gerações anteriores, os positivistas buscam uma visão mais sofisticada e progressista do mundo, fundamentada na ciência, na razão e no método científico. O conhecimento acumulado ao longo do tempo permite à humanidade superar estágios anteriores e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade, sempre com a ideia de que a evolução do conhecimento é constante e implacável.

No entanto, qualquer tentativa de moldar um tipo humano a partir dessa concepção de progresso contínuo enfrenta uma dificuldade fundamental. Embora se acredite que a humanidade está cada vez mais próxima de eliminar a ignorância, não há uma forma científica de comprovar que somos totalmente moldados por um complexo sistema de condicionamentos que possa ser decifrado em sua totalidade. O que se tem, portanto, são apostas sustentadas pelo paradigma positivista, que considera essa a mais segura e confiável visão a ser seguida.

Nesse cenário, o "tipo humano" que emerge é aquele engajado no esforço de eliminar tudo o que ainda é desconhecido pela ciência. As manifestações metafísicas são descartadas como simples vestígios de uma mentalidade incipiente, e o paradigma positivista se torna a nova fonte de ordem. Não há outra fonte de organização mais legítima, pois, para os positivistas, ele compreende as manifestações da realidade de maneira mais completa do que qualquer outra estrutura.

Assim, os seguidores do paradigma positivista são vistos como os redentores intramundanos. Eles gastam suas vidas para fazer com que a "humanidade" atinja um estado de convivência ordenado e validado por eles, substituindo a visão apocalíptica do cristianismo por uma nova concepção de salvação. Esta salvação é entendida como um progresso contínuo, guiado pelas ideias e princípios do positivismo, em que a humanidade encontra seu destino não em uma transcendência religiosa, mas na aplicação do conhecimento científico para o bem-estar coletivo e o aprimoramento social.

Com o considerado rol de conhecimento seguros, dos quais a necessidade é apenas de aperfeiçoamento com novos estudos científicos, emerge a *Encyclopédie* com o objetivo de

informar o leitor de maneira confiável acerca dos verdadeiros descobrimentos e alertá-los dos erros; tem de estabelecer um ponto de partida a fim de 'facilitar a busca do que permanece por ser encontrado'. O estado presente de conhecimento tem de ser averiguado a fim de se obter uma visão clara dos meios para sua perfeição. Quando a *Encyclopédie* tiver obtido sua finalidade, 'então os *bons esprits* já não se ocuparão com a procura do que se sabia antes deles'. (...) "Que possa a *Encyclopédie* tornar-se o santuário onde o conhecimento do homem é protegido contra o tempo e as revoluções" (VOEGELIN, 2019, p. 125-126).

Acredita-se, com isso, que o desconhecido não é algo permanente, mas sim algo que pode ser desvendado pelo ser humano. Nesse contexto, surge a necessidade de desenvolver mecanismos de defesa contra aqueles que se opõem a esse processo de revelação do conhecimento. Assim, estabelece-se o chamado estado inercial positivo, no qual a humanidade, gradualmente se desvinculando das manifestações metafísicas, atingirá um nível avançado de conhecimento científico. Nesse estágio, não haverá mais inseguranças, pois o desapego será completo e suas bases, inabaláveis.

Contudo, essa visão se torna mais complexa quando se considera a finitude humana. Todos os indivíduos possuem vidas limitadas e capacidades restritas. Afirmar que é possível para o ser humano encontrar bases seguras de conhecimento em todas as manifestações possíveis seria, de certa forma, sugerir a possibilidade de uma imortalidade terrena. Isso porque, ao resolver os problemas mais complexos, seria contraditório que o ser humano permanecesse mortal. Nesse sentido, surgem várias questões: por quais meios poderemos descobrir as profundezas das complexidades das manifestações? Como saberemos se, de fato, existe um nível mais profundo de conhecimento? Estaremos presos a um ciclo perpétuo de descoberta, em que o que está além de nosso alcance nunca será plenamente compreendido? E, por fim, quanto tempo levará para que alcancemos essas descobertas fundamentais e outras ainda mais profundas?

Afirmar que estamos condicionados a um conjunto finito de conhecimento implica, de certa forma, estabelecer um limite para o que pode ser descoberto. Em vez de aceitar que a ignorância perpétua é uma parte intrínseca da condição humana — e, por conseguinte, da própria ciência —, a religiosidade intramundana busca transformar o mistério cristão, antes visto como intraduzível para o ser humano, em algo temporário e passível de compreensão. Nesse processo, ocorre uma inversão do sentido transcendente para o imanente, buscando uma fonte segura e definitiva para a extração do conhecimento.

Chegando a autores do século XX como, por exemplo, Giddens (1991,p. 39) vemos essas apostas exacerbadas se tornarem encurraladas por seus próprios esforços. O sociólogo britânico argumenta que

a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”.

A verificação contínua do conhecimento humano torna-se a assinatura da “queda” da *Encyclopédie*, pois, nesse sentido, não há conhecimento seguro, mas apenas conhecimento válido. Karl Popper (1962, p. 34 apud GIDDENS, 1991, 40) expressa que “toda ciência repousa sobre areia movediça”.

A dialética entre os cientistas é uma característica marcante da contemporaneidade, evidenciando que o conhecimento científico está sujeito a diferentes interpretações. Embora haja uma busca incessante por objetividade, sempre existirão razões mais fundamentadas e racionais que outras, pois as ciências matemáticas se distinguem das manifestações reais devido à sua precisão e exatidão. A natureza, por sua vez, é simultaneamente imediata à compreensão racional humana e, ao mesmo tempo, escapa à total apreensão.

## 2.3 Turgot

### 2.3.1 “Lei das três fases”

Voegelin (2019, p. 132) argumenta que

esta sequência de fases é, substância, a sequência que aparece no sistema de Comte como progresso do intelecto humano de sua fase teológica, através da fase metafísica, até a sua fase positiva. O fato em si é bem conhecido, mas só muito recentemente os historiadores começaram a tirar as consequências inevitáveis para a interpretação do movimento positivista. Na interpretação antiga, as ideias da hierarquia das ciência e da lei das três fases foram consideradas as grandes realizações de Comte. Por ora, vimos que essas doutrinas principais remontam a D’Alembert e Turgot; a Comte pode ser acordado o mérito de as ter elaborado, mas certamente as próprias ideias não foram criadas por ele; foram amplamente desenvolvidas e estabelecidas em meados do século XVIII. (...) Comte seria uma figura bem insignificante na história das ideias políticas se não tivesse sido o *fondateur de la religion universelle* e o primeiro alto sacerdote da nova religião. O carisma profético é a força de Comte.

Percebe-se, na visão positivista, a crença em uma sequência lógica de eventos históricos que conduzem a humanidade a um estado considerado superior. A evolução humana, inevitavelmente, ocorre de forma progressiva, à medida que se abandonam concepções “fictícias” e “precárias”, avançando em direção a um estado

positivo. Nesse estado, a mente humana alcançaria a condição mais segura já experimentada, fundamentada no paradigma positivista. Apesar das possíveis incongruências dessa posição, como iremos demonstrar em seguida, ela exerce uma influência significativa na modernidade.

O pensamento francês, particularmente sua teoria das três fases do desenvolvimento intelectual humano — teológica, metafísica e positiva — é uma das bases do movimento positivista. Nessa perspectiva, a humanidade evolui em direção a um estágio superior de conhecimento, no qual a razão e a ciência substituem as explicações religiosas e metafísicas. Esse modelo linear de progresso intelectual postula que, ao longo da história, as sociedades deixaram para trás concepções "precárias" e "fictícias", para avançarem em direção a um estado positivo, baseado em um entendimento científico, tecnológico e consensual da realidade. Embora essa visão tenha sido amplamente influente, o texto sugere que sua origem é mais complexa do que muitas vezes é reconhecido.

Embora o pensador francês seja amplamente creditado por desenvolver e sistematizar a ideia das três fases, o texto sugere que ele não foi o criador original dessa teoria. Já haviam discutido conceitos semelhantes sobre o progresso do pensamento humano. A ideia de uma hierarquia das ciências e a concepção de uma evolução das formas de conhecimento de um estado teológico para um positivo já estavam em circulação antes. Assim, embora ele tenha sido crucial para dar forma e visibilidade a esses conceitos, ele não pode ser considerado o único responsável por sua criação. Seu mérito está mais na elaboração e popularização dessas ideias do que na originalidade absoluta de seu pensamento.

Entretanto, o que realmente o distingue na história das ideias não é apenas sua sistematização do progresso intelectual, mas sua capacidade de transformar o positivismo em um movimento com dimensões religiosas e sociais. A criação da "religião universal", em que ele se colocaria como líder espiritual, é a verdadeira inovação de sua obra. Comte não se contentou em apenas propagar uma explicação científica para o mundo; ele fundou uma nova forma de culto à ciência, no qual a razão e o conhecimento científico se tornariam as forças centrais que organizariam e guiariam a sociedade. Nesse novo modelo, as explicações metafísicas e religiosas seriam substituídas por uma visão de mundo científica.

A "religião universal" de Comte propunha uma transformação radical nas instituições sociais e políticas, substituindo as religiões tradicionais por um novo sistema de crenças e rituais que visavam promover a ciência como a base de toda a ordem social. A sociedade, sob a liderança de uma nova classe sacerdotal composta por cientistas e filósofos, deveria se guiar pela razão e pelo conhecimento empírico. Ele assumiu um papel messiânico dentro desse movimento, acreditando que a humanidade, sob sua orientação, alcançaria finalmente um estado de progresso inquestionável e seguro. Nesse sentido, seu "carisma profético", sua capacidade de inspirar seguidores e consolidar um movimento global em torno de suas ideias, foi um fator central para seu impacto histórico.

Voegelin (2019, p.132) afirma que nessa

primeira fase de interpretação o próprio Turgot não cunhou um termo; foi chamada sucessivamente a fase de pensar fetichista ou animista; mais próximo do significado de Turgot estaria o termo *antropomórfico*".

Segundo Abbagnano (2007, p. 68), "crenças antropomórficas ou antropomorfismos são chamadas, em geral, as interpretações de Deus em termos de conduta humana". Isso significa que nesse estágio - que na visão comteana é traduzido como teológico -, as pessoas buscam representações divinas que se assemelham à sua própria imagem e comportamento, como é o caso dos deuses da mitologia grega. Essas representações divinas não apenas se assemelhavam fisicamente ao povo, mas também possuíam características humanas. Eles falavam, tinham preferências por certos personagens e mantinham relações diretas, entre outros comportamentos. Resumindo, a partir das representações ficcionais, ocorre uma transição para as múltiplas referências invisíveis, conhecida como politeísmo, até que se cristaliza em uma única e orientadora formação, o monoteísmo.

Percebe-se que, no positivismo, a ênfase em concepções não testadas ou não baseadas em experimentações rigorosas pode levar ao surgimento de ideias precárias. Esta é uma das primeiras contradições do pensamento positivista. Como podem sociedades de épocas remotas, que desenvolveram conhecimentos fundamentais em áreas como escrita, matemática, música, arquitetura, transporte e medicina, ser consideradas em um estado precário de razão humana? A ideia de

"precariedade" no pensamento dessas civilizações não se sustenta, pois não há, necessariamente, uma inferioridade intrínseca em suas capacidades racionais.

Essas culturas tinham suas próprias formas de interpretação e explicação das manifestações naturais e sociais, fundamentadas em observações, experimentações e cálculos que eram possíveis dentro do contexto de sua época. De fato, a ciência moderna de hoje também começa a partir de observações simples e questionamentos fundamentais, que evoluem ao longo do tempo. Portanto, não se pode desqualificar o conhecimento antigo como algo deficiente, apenas porque não se tinha as mesmas ferramentas científicas que temos hoje.

A analogia com a natureza pode ser útil aqui: assim como algumas árvores produzem mais frutos em determinados lugares e épocas devido a suas características específicas, as civilizações antigas também estavam profundamente conectadas ao seu ambiente e desenvolviam soluções adequadas às suas necessidades e condições. Para essas culturas, a explicação das manifestações e eventos do mundo ao seu redor muitas vezes envolvia uma compreensão de forças superiores que sustentavam essas ocorrências — uma crença que, embora distinta da nossa visão científica moderna, não pode ser considerada uma forma inferior de conhecimento, mas sim uma diferente maneira de interpretar e organizar a experiência humana.

Franca (2019a, p. 64) argumenta que

com o monoteísmo já se vai estabelecendo a transição para o estado *metafísico*, cuja função principal é destruir o pensar teológico e preparar o advento do positivismo. Percebendo o homem que o recurso para um mundo invisível nada explicava, criando apenas uma duplicata inútil que por sua vez precisava ser explicada, procurou no próprio universo a razão dos fenômenos. Às múltiplas divindades da fase anterior substituiu entidades abstratas, distintas dos corpos, mas neles inerentes. Nasceram assim as afinidades químicas, o princípio vital, as forças e faculdades e também o éter dos modernos físicos. A mesma tendência à unificação que no período anterior levou ao monoteísmo, reduziu, no período metafísico, a multiplicidade de forças a um princípio único - a *natureza*".

Na fase "antropomórfica", os indivíduos estavam profundamente ligados a representações "irracionais" dos fenômenos, explicando o mundo por meio de entidades sobrenaturais e forças divinas. No entanto, a fase metafísica marca uma

transição significativa, preparando o terreno para o surgimento do positivismo e, simultaneamente, para um contínuo desenvolvimento do conhecimento humano. Nesse estágio, o foco das indagações se desloca para a natureza, as substâncias, as essências e as forças subjacentes às manifestações.

O espírito humano, o *spirit humain*, passa por um refinamento, abandonando os devaneios característicos da fase teológica. Surge uma abordagem mais crítica, e a crença em seres invisíveis começa a ser confrontada, sendo muitas vezes desacreditada. A observação, agora, assume o papel central, e as "ficções" deixam de ser aceitas como fundamentos para as decisões humanas.

O estado metafísico atua como um mediador entre o mundo imaginário e o mundo empírico, que gradualmente o substituirá. Trata-se de uma fase de transição, onde a racionalidade ainda é considerada precária, mas desempenha um papel essencial no desenvolvimento que levará ao positivismo. Essa fase prepara o terreno para uma abordagem mais sistemática e científica do conhecimento, em que a observação, a experimentação e a busca por leis objetivas que regem o mundo natural ganham destaque. Assim, a fase metafísica representa uma etapa crucial na evolução do pensamento humano, pavimentando o caminho para o avanço do positivismo.

No contexto dessa transformação, os juristas ganham destaque como reguladores das ações na sociedade. No entanto, a violência ainda persiste como um desafio, principalmente devido à resistência daqueles que ainda se encontram em um estado de "infantilidade". Um exemplo disso é a tolerância a abusos por parte da nobreza romana, em que um patriarca tinha o direito de executar um filho em caso de desobediência. Essas práticas não eram vistas como violações, pois se acreditava que estavam alinhadas com a vontade divina.

Esse período marca o fim das concepções metafísicas e o auge da razão, encerrando a era do Renascimento, do Protestantismo e da Idade Média. Trata-se de uma fase de transição, em que as luzes da razão começam a superar as concepções do passado, abrindo caminho para a ascensão do pensamento científico e do positivismo.

Marx e Engels (2007, p. 94-95) argumentam que

totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu progresso de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida". (...)“Ali onde termina a especulação, na vida real, começa também, portanto, a ciência real, positiva, a exposição da atividade prática, do processo prático de desenvolvimento dos homens”.

De maneira geral, os indivíduos considerados "verdadeiramente ativos" são aqueles que se concentram exclusivamente no âmbito material das manifestações. Nesse contexto, as manifestações podem ser compreendidas apenas como presenças materiais, ou seja, com uma natureza geométrica, definida e determinada. No entanto, surge uma questão intrigante: por que a busca pelo conhecimento das causas primeiras e finais não faz parte de uma fase madura da razão humana? Segundo as concepções de Comte (1978), Marx e Engels (2007), o mundo "adulto" é aquele que se limita a respostas imanentes, ou seja, respostas focadas unicamente na realidade presente. No positivismo, a esfera científica é introduzida como a solucionadora de todos os problemas intramundanos, sem considerar suas origens e fins. A ideia de utilidade está reservada para a resolução de problemas materiais.

A busca por leis que governam os fenômenos — isto é, padrões de comportamento semelhantes ou sequenciais — passa a ser o foco central, estabelecendo o objetivo principal do estado positivo. Observações, experimentos e cálculos tornam-se os métodos fundamentais de investigação para adquirir conhecimentos considerados "maduros". Anteriormente, recorria-se a Deus ou à Natureza como intermediários explicativos, mas, agora, há uma redução das explicações às leis que, supostamente, decifram todo o mundo manifestado na ordem material.

Segundo Voegelin (2019, p. 132), a sequência que Comte propõe — teológica, metafísica e positiva — é identificada como o "progresso do intelecto humano". Contudo, deve-se observar que essas fases não são independentes, mas sim interligadas. As situações e questões que surgem nas fases iniciais também podem ocorrer na última fase, e, muitas vezes, são necessárias em ambas as fases.

No estado positivo, a humanidade é regulada por conhecimentos demonstráveis por meio de observações, experimentos e cálculos, o que proporciona um alto grau de segurança nas decisões a serem tomadas. Nos estados "teológico" e "metafísico", embora o foco fosse diferente, também havia a necessidade de observar as manifestações e realizar experimentos para extrair conclusões de acordo com a racionalidade disponível à época. A principal diferença entre o estado teológico-metafísico e o positivo é que, nas fases iniciais, os indivíduos se preocupavam em compreender os "porquês" dos fenômenos, buscando explicações para os fundamentos do mundo exterior. Já na fase positiva, considerada mais avançada, o foco se desloca para o âmbito matematizável, descritivo e fenomênico das manifestações, com atenção voltada para possibilidades definidas e determinadas.

Um exemplo útil para ilustrar essa transição é a questão das doenças. Ao longo das diferentes épocas, desde as mais primitivas, os seres humanos se depararam com enfermidades e, conseqüentemente, buscaram meios de cura. Não podemos afirmar que, na fase teológico-metafísica, o intelecto humano procurava tratar doenças com ficções ou fetichismos, pois, caso contrário, nossa espécie já teria sido extinta. Em todas as fases, existiu um esforço contínuo para buscar leis que governam os fenômenos, como no caso da procura por remédios. Ao longo da história, foram encontrados tratamentos eficazes em diferentes medidas. Elementos transcendentais, discussões sobre origens, destinos, fenômenos e substâncias sempre permeiam a mente humana. Portanto, não é possível separar essas fases de forma rígida e, conseqüentemente, não há uma transição histórica e progressiva de uma fase para outra.

Em outras palavras, a "lei das três fases" de Comte não implica um progresso linear ou definitivo no intelecto humano. A transição entre as fases teológica, metafísica e positiva não segue uma ordem rígida e isolada, pois os fenômenos e os conhecimentos desenvolvidos em cada uma dessas fases estão interligados e refletem diferentes modos de abordagem do mundo. Assim, não é possível afirmar que o intelecto humano progride de maneira unidirecional ou que cada fase representa uma superação da anterior. Em vez disso, as fases coexistem e se interagem de formas complexas ao longo do tempo.

Segundo Voegelin (2019, p.133)

(...) a sequência desenvolvida por Turgot não é uma lei geral da história, mas inequivocamente uma série de fases pelas quais passa nossa interpretação do mundo externo. A questão de se há três ou mais fases é muito irrelevante; o ponto crucial é que a ciência matematizada do mundo externo liberta-se historicamente de um contexto de símbolos antropomórficos, que em si mesmos podem estar em vários estágios de racionalização”.

Podemos identificar uma linha de progresso no desenvolvimento do conhecimento humano. A sequência de ações humanas, de maneira geral, resultou em uma diminuição da busca pelas causas primeiras e finais, bem como pela compreensão dos motivos subjacentes às manifestações e suas formas específicas. Em contrapartida, houve um deslocamento para uma maior ênfase na análise dos fenômenos em si, sua formalização matemática e a aplicação pragmática desse conhecimento para resolver problemas materiais, sem, no entanto, abordar questões mais fundamentais relacionadas à substância, essência e sentido da existência. Embora as fases "teológica", "metafísica" e "positiva" sejam distintas, os problemas que cada uma delas trata continuam sendo relevantes e significativos.

A concepção do ser humano, segundo o positivismo, emerge de forma clara nesse contexto. Ela se insere na ideia de "progresso", que, para Comte (1978, p. 236), representa "o desenvolvimento da ordem". A ideia de ordem implica a existência de uma direção a ser seguida, e qualquer desvio dessa direção causaria perturbações. Mas qual seria essa direção? Nos estados anteriores, a ordem vinha dos deuses, dos reis e da natureza — estas eram as fontes de autoridade e os pontos de referência nas respectivas épocas, de onde se originavam os princípios orientadores. Em outras palavras, o progresso estava ligado à harmonia com essas entidades. No "intransponível" estado positivo, a direção é ditada pela ciência e pelo paradigma positivista. O ser humano, agora concebido como um ser conhecedor, avança em direção a um nível mais elevado de clareza à medida que segue o método científico — ou seja, uma abordagem verificável.

Isso significa que o indivíduo, imerso no paradigma positivista, se torna tanto conhecedor quanto servo. Ele busca nelas respostas para todos os problemas e confia na ciência para lidar com questões ainda sem solução. A crença no desenvolvimento tecnológico e nas descobertas científicas como os meios mais

eficazes para definir valores para a conduta humana se torna central. Assim, a visão positivista vê a civilização como estando em progresso contínuo, em comparação com os tempos passados.

Essa "hidratação cognitiva" do indivíduo ocorre inicialmente por meio da completa eliminação de qualquer participação teológico-metafísica, sendo substituída por abordagens empíricas. Segundo Voegelin (2019, p. 133-134), é nesse contexto que a ideia de progresso se desenvolve, à medida que a "purificação crítica da ciência" aprimora o "intelecto humano". Nesse estágio, a humanidade é vista como destinada a um conhecimento superior, que deve ser constantemente aperfeiçoado para acelerar o processo de avanço para esse estágio ideal. Em resumo, essa é a essência subjacente à "lei das três fases", que sugere a ideia de emancipação e segurança. A libertação dos níveis inferiores da hierarquia é necessária para conquistar o domínio sobre si mesmo e sobre as manifestações externas.

O termo tecnocrata-progressista se refere ao indivíduo que, dentro do paradigma da "lei das três fases", personifica as ideias do estado positivo de desenvolvimento do conhecimento humano e da sociedade. Na visão positivista, a humanidade evolui de uma explicação teológica e metafísica para uma compreensão baseada na ciência e na observação empírica. O "tecnocrata-progressista" emerge como o produto desse avanço, um indivíduo que adota a ciência e a tecnologia como os instrumentos para resolver os problemas materiais da sociedade, sem se preocupar com questões transcendentais ou as causas primeiras dos fenômenos.

No estado positivo, o "tecnocrata-progressista" acredita que o progresso humano está intimamente ligado ao domínio das ciências naturais e ao desenvolvimento tecnológico. Esse indivíduo foca em respostas pragmáticas e verificáveis, colocando a ciência como o centro da sua visão de mundo e confiando nela para tratar de todas as questões, desde os mais simples problemas até as questões mais complexas da sociedade.

### 2.3.2 Pseudo progresso do "intelecto humano"

Segundo Voegelin (2019, p. 166),

o *esprit humain*, ou intelecto humano, é o sujeito do qual certa evolução necessária é predicada. O título *progresso* dado a sua evolução implica uma avaliação positiva, mas não acrescenta nada ao conteúdo da lei; e o intelecto humano não é definido em nenhuns outros termos além daqueles das fases características através das quais ele passa. Daí devemos concentrar-nos na análise da descrição das próprias fases. Quando, entretanto, tentamos traçar a identidade das funções que deveriam assumir três características sucessivas não são idênticas nas três fases. Já que as funções não são idênticas ou já que não há nenhum sujeito idêntico do qual características sucessivas pudessem ser afirmadas, não há três fases - progressivas ou outra coisa. A evolução descrita por Turgot e Comte não é, de maneira nenhuma, uma evolução do intelecto humano em geral; é a evolução de um problema muito específico que é bem conhecido de nós; ou seja, o problema do fenomenalismo”.

Procurar “traçar a identidade das funções” significa, *grosso modo*, buscar o processo de evolução que nas três fases funciona como uma fermentação ou desenvolvimento do “intelecto humano”. Voegelin (2019, p. 134-135) argumenta que

Turgot lida com firmeza com o problema do significado na história depois de estar perdido o significado cristão”. (...) “O pensador que tenta encontrar significado na história humana de uma posição intramundana tem de, em primeiro lugar, estabelecer que há tal coisa chamada humanidade, que a sucessão de gerações humanas no tempo tem uma estrutura discernível que possivelmente poderia prestar-se a uma construção de significado”.

Uma nova perspectiva emerge para interpretar as manifestações humanas, propondo uma abordagem que explora um conjunto de significados desvinculados de elementos transcendentais. Essa visão imanente inicia-se com uma reconstrução histórica, reconhecendo a existência de continuidades nos atos humanos, os quais são atribuídos à ideia de "humanidade". Embora esses atos variem amplamente — abrangendo conflitos por poder, território, dinheiro, religião, avanços tecnológicos e científicos — acredita-se que seja possível não apenas compreender a estrutura dessas ações, mas também os meios pelos quais elas se desenvolveram.

Além disso, essa perspectiva pressupõe a existência de uma "humanidade", entendida como a continuidade de indivíduos cujas ideias estão conectadas. A ideia é construir uma corrente histórica, cujos elos se encaixam como um quebra-cabeça, formando uma unidade. Segundo Voegelin (2019, p. 135), essa unidade se configura por três princípios: (1) a individualidade histórica de cada ser humano, que constitui a substância da qual o todo pode ser construído; (2) a continuidade das gerações, articulada pela cadeia de causas e efeitos que as liga; e (3) a acumulação

dessa substância ao longo do tempo, registrada na memória coletiva, na linguagem e na escrita.

No entanto, é importante notar que as fases históricas não são idênticas. A razão para isso é que não se trata apenas de um único "intelecto humano", mas de múltiplos "intelectos". Ou seja, não há um único sujeito que tenha vivido tempo suficiente para atravessar todas as fases históricas e desenvolver as ciências até o estágio mais avançado do positivismo. Além disso, a história das sociedades humanas não segue uma linearidade precisa. Muitas vezes, os eventos ocorreram de maneira independente e, em alguns casos, certas sociedades desapareceram, deixando poucos ou nenhum vestígio.

O que realmente existe são registros históricos cada vez mais numerosos de sociedades que não necessariamente seguem uma sucessão cronológica. A tentativa de organizar esses eventos em uma linha contínua de causa e efeito é, portanto, um desafio. Em outras palavras, dado que existem inúmeras variações de eventos históricos, também há diversas causas e efeitos que se sucedem de maneira independente. Como resultado, é impossível traçar uma continuidade exata entre as gerações nesse processo. Além disso, a quantidade de eventos históricos não é mensurável, o que torna ainda mais difícil estabelecer uma linearidade. Não podemos verificar cada um dos eventos individualmente, e a descontinuidade se torna uma característica intrínseca da história humana.

Essa falta de continuidade implica que o conhecimento histórico é, na prática, fragmentado e não verificável em sua totalidade. A infinidade de eventos, somada à finitude da vida humana, torna impossível uma leitura completa e contínua do passado. Além disso, é muito provável que eventos não registrados tenham influenciado aqueles que foram documentados, o que complica ainda mais a tentativa de estabelecer uma narrativa linear. As ações ao longo do tempo não estão totalmente condensadas em registros que permitam uma reconstrução precisa da história. O que possuímos são apenas fragmentos e evidências residuais. Um exemplo disso é o incêndio da biblioteca de Alexandria, ocorrido quase cinco séculos antes de Cristo, que resultou na perda de uma grande quantidade de registros históricos importantes, incluindo grande parte das obras de Aristóteles. Esse evento ilustra bem a dificuldade de tentar "geometrizá-las" as manifestações

humanas — ou seja, de delinear a história de maneira finita e com um significado imanente.

Diante disso, surgem algumas questões: a quem interessa esse delineamento finito da história? Em suma, esse interesse parece ser de quem busca construir um sentido para a história sem recorrer a noções de transcendência. Isso favorece a formação de um tipo humano que busca compreender o passado e o presente de maneira exclusivamente imanente, sem recorrer a explicações que envolvam o transcendente.

Segundo Voegelin (2019, p. 136),

a substância continuamente acumulante é a própria humanidade; e esta humanidade é concebida portadora de significado. Mas esse processo de acumulação mostra um significado no todo? (...) vimos que o significado do todo é inacessível ao pensador intramundano porque ele está vivendo em sua presença finita, e o todo, estendendo-se a um futuro infinito, é desconhecido por ele. O significado do todo é um problema insolúvel, partindo da posição intramundana. Daí Turgot não poder mais do que procurar linhas finitas de significado que podem ter-se tornado visíveis na história conhecida das artes e ciências, da moral e da política”.

A título de esclarecimento, o termo "substância" aqui é utilizado para se referir aos registros conhecidos feitos por indivíduos ao longo do tempo, que são traduzidos como "humanidade". Por que a "humanidade" é vista como um acúmulo de ações registradas? Em outras palavras, por que a acumulação de ações registradas resulta nessa noção de "humanidade"? Em essência, é porque evocar um significado imanente para todos os indivíduos humanos requer deixar de lado o desconhecido inalcançável. Acredita-se que somente por meio de comunicações acessíveis seja possível delinear uma forma para o curso dos acontecimentos.

Por que alguém se interessaria em direcionar o curso dos acontecimentos se todos têm uma vida finita? Essa é uma das principais perguntas que os positivistas procuram responder. Eles acreditam na possibilidade de resolver todos os problemas humanos, inclusive a finitude da vida humana. Esses problemas são

demarcados pelo paradigma positivista. Eles representam os vetores de direcionamento seguro que impedem a "humanidade" de se perder em concepções dos estados anteriores, como o teológico-metafísico.

Ao longo do tempo, os indivíduos deixam suas marcas, suas heranças, seus legados através de diferentes formas de comunicação. No entanto, essas gravuras não necessariamente formam um "fio de progresso". Em resumo, os pensadores franceses mencionados estão tentando transmitir a ideia de uma unidade na história. Essa unidade é concebida como um todo geométrico, delineado e fechado, no qual as formas e conteúdos mais importantes se tornam nitidamente evidentes no estado positivo. Essas formas são horizontais e intramundanas, enquanto os conteúdos são exclusivamente baseados em estudos observacionais, experimentais e calculistas dos fenômenos.

Para que haja uma sucessão progressiva nos três estados, os conteúdos abordados nas fases anteriores deveriam continuar a ser desenvolvidos no estado positivo. No entanto, Voegelin (2019, p.167) levanta uma questão relevante, que não é nosso objetivo responder aqui, mas apenas expor como um indicativo da desidratação ocorrida e do possível progresso que poderia surgir das fases: "se não excluirmos, mas continuarmos conscientemente a linha de pensamento iniciada na descrição da primeira fase, surge a pergunta: o que acontece com o problema da substância uma vez que ele passa além do estágio do simbolismo antropomórfico?".

O mundo dos fenômenos, ou seja, das aparências, é considerado o domínio em que os seres humanos devem se concentrar após abandonar as especulações sobre aquilo que não pode ser manipulado nos laboratórios. Isso caracteriza um descompasso, pois nos dois estados anteriores havia esforços para compreender as manifestações externas. No entanto, na última fase, o foco se limita aos fenômenos, sem a possibilidade de buscar compreender as manifestações em si mesmos. Isso é visto por Voegelin (2019, p. 167) como uma "retrogressão", pois os problemas que envolvem o intelecto e o espírito não são mais aprofundados, mas considerados como partes dispensáveis de um passado inevitável.

Por que a busca por respostas apenas no âmbito aparente do mundo externo é considerada a máxima evolução da razão humana? É incongruente afirmar que os problemas relacionados a substâncias, essências, causas primeiras e finais - e assim por diante - são desqualificados como conteúdo relevante para investigações, uma vez que esses problemas abordam o fundamento das manifestações existentes. Franca (2019a, p. 70) concorda com essa falta de argumentação racional ao perguntar:

"E se o pensamento teológico, metafísico e positivo, em vez de serem três fases que se sucedem e se excluem, constituíssem três exigências fundamentais da razão humana que coexistiram sempre e tendem a harmonizar-se, distintas, mas unidas numa síntese perfeita?" "Essa é exatamente a realidade. O conhecimento positivo é apenas uma das exigências de nossa vida intelectual; ao lado das leis constantes de sucessão e coexistência dos fenômenos, desejamos conhecer a natureza e finalidade das coisas que nos envolve, do universo do qual somos parte. A razão é, por essência, a faculdade dos porquês".

Aristóteles (2002) afirmava que todos os indivíduos, por natureza, têm o desejo de conhecer. Embora a ciência positiva ofereça muitas possibilidades compreensíveis, ainda há um vasto campo de conhecimento por ser explorado, assim como uma infinidade de curiosidades a serem satisfeitas, sendo estas últimas uma prioridade. O "desejo de conhecer" do ser humano não pode ser reduzido a uma forma geométrica, mas sim estabelecido como um sistema aberto. Isso ocorre porque os elementos a serem investigados nas manifestações humanas não podem ser abordados de uma única maneira. Em vez disso, exigem que cada geração se esforce para encontrar os registros mais importantes, compreendê-los em algum grau, responder a problemas ainda não resolvidos e formular novas questões. Esse processo é contínuo e infinito.

Nesse contexto, é evidente que os pensadores franceses mencionados, consciente ou inconscientemente — o que não altera a questão central aqui —, foram profundamente influenciados pelas possibilidades oferecidas pelas ciências dos fenômenos. Eles acreditavam que, por meio dessas ciências, a "humanidade" imanente poderia se libertar do conhecimento dos estados teológico-metafísicos sem sofrer grandes perdas.

No entanto, é lamentável que, como aponta Franca (2019a, p. 71), a visão comteana tenha sido guiada mais pela influência de uma suposta lei preconcebida

do que pela total aderência à realidade integral. Isso resultou em uma limitação significativa: a formação do indivíduo humano ficou comprometida, pois o foco no estudo positivo dos fenômenos obscureceu outras dimensões do conhecimento. Os positivistas tendem a acreditar que o conhecimento proveniente de abordagens teológicas e metafísicas foi superado, e que revisitar essas ideias seria regressar a um período de obscuridade e ilusões. Para eles, reintegrar essas abordagens seria desnecessário, já que não há base racional para reviver teorias já desacreditadas pelo estado positivo da ciência.

Essa limitação do positivismo, ao negligenciar o valor do conhecimento anterior, pode resultar na perda de valiosas contribuições que podem ser encontradas nas concepções teológicas e metafísicas. Ao descartar essas formas de pensamento como ultrapassadas, ignora-se questões fundamentais sobre substância, essência, causas primárias e finais, que são essenciais para compreender as bases das manifestações do mundo.

### 2.3.3 *La masse totale*

A análise apresentada busca refletir sobre a tentativa de atribuir significado à história e à experiência humana a partir de uma perspectiva imanente, que exclui a dimensão transcendental. O pensador francês tenta entender a evolução da humanidade através de uma concepção abstrata, a qual, apesar das oscilações e instabilidades, afirma que "*la masse totale* da humanidade marcha para uma perfeição cada vez maior" (VOEGELIN, 2019, p. 136). Essa ideia de perfeição, que se configura como uma busca incessante, não se baseia em uma experiência concreta, mas na mente daquele que a evoca.

Apesar de ser uma perfeição abstrata, essa concepção tem efeitos práticos. Um dos principais efeitos é a renúncia à busca pelo autoconhecimento e pela compreensão das manifestações que cercam o indivíduo em todos os aspectos possíveis. O membro da *masse* se torna um consumidor de apostas otimistas e antimetafísica, buscando um novo ponto de referência que oriente sua "salvação" no plano terrestre, substituindo assim o sentido cristão da história.

As "linhas de significado que correm através de todo o processo da história conhecida" expressas na forma das "leis das três fases" representam uma ideia da

*masse totale* que não resulta em um significado individual e espiritual para a pessoa humana (VOEGELIN, 2019, p.137). Esse significado é comparável à importância de um troféu de campeão para os torcedores de um time de futebol. Esse prêmio não tem relevância em uma trajetória em direção ao transcendente, mas é valorizado pela *masse* que se renova a cada geração e comemora incessantemente essa conquista.

Nesse sentido que Voegelin (2019, p. 137) indaga:

que interesse pode haver para um homem que vive e morre em seu presente finito, se a humanidade progrediu no passado ou progredir no futuro, se ele próprio leva uma vida miserável numa comunidade isolada e não iluminada, onde os costumes não são muito ternos? A resposta de Turgot é a *masse totale*".

O trecho citado coloca em discussão a relevância e o interesse do progresso da humanidade como um objetivo que, ao supostamente solucionar os problemas coletivos, teria algum valor para o indivíduo mortal, com uma condição cognitiva limitada. A resposta proposta pela "*masse totale*" sugere que o indivíduo pode encontrar consolo ou compensação ao se identificar com a massa coletiva da humanidade. Em outras palavras, o indivíduo pode atribuir sentido e significado à sua vida ao se conectar com o progresso global da humanidade, uma visão que transcende a individualidade.

Nesse sentido, a "*masse totale*" é uma entidade abstrata que vai além dos indivíduos. Ela serve como um refúgio ou uma fonte de significado para aqueles que abandonaram a concepção transcendental, como a ideia cristã de salvação. A perspectiva da "*masse totale*" ressalta a importância da conexão humana e a busca por algo além das questões individuais.

Tanto as "leis das três fases" quanto às conquistas de um time de futebol, por exemplo, não possuem significado para o "homem concreto" em sua individualidade. Essas noções abstratas são mais relevantes para a "*masse*", uma massa coletiva e indefinida de pessoas. No entanto, a ideia de "*masse totale*" e a atuação dos "porta-vozes", que atribuem um significado finito à história, desempenham um papel importante na pesquisa. Uma instituição de ensino voltada para a instrução científica e tecnológica, ao adotar uma definição intramundana e material do "homem concreto", influencia não apenas a formação dos membros da

"*masse*", mas também a formação dos porta-vozes que atribuem significado à "humanidade".

Isso significa que tanto aqueles que observam à distância o progresso científico e tecnológico quanto aqueles que são protagonistas desses avanços são moldados por essa ideia de *masse totale*. Portanto, a importância da ideia de *masse totale* e de porta-vozes, do significado finito da história para a pesquisa reside no reconhecimento de como essas concepções coletivas afetam a forma como o conhecimento é produzido, como as instituições são moldadas e como as pessoas se relacionam com o mundo ao seu redor.

Dai surge a seguinte indagação: o que significa ser o "homem concreto"? De acordo com Voegelin (2019, p. 139)

é a pessoa humana concreta na inteireza de suas dimensões, incluindo a intelectual e a espiritual. Lamentavelmente, já não é uma coisa natura". Essa redução de suas possibilidades "(..) ao nível de existência utilitária é o sintoma do colapso crítico da civilização ocidental através da atrofia da substância intelectual e espiritual do homem".

A necessidade de empregar o termo "homem concreto" surge como resposta ao impacto provocado pela evocação da *masse totale*. De maneira geral, esse termo representa uma nova abordagem para situar o homem dentro da sociedade, aproximando-o cada vez mais de uma dependência material e social. Nesse contexto, o pensador alemão atribui à natureza humana uma dimensão de possibilidades indeterminadas, inerentes ao ser humano como um todo. Essa concepção é adotada em nosso trabalho quando nos referimos ao termo "homem".

Em síntese, o termo "homem concreto" é utilizado para refletir sobre a integralidade do ser humano, considerando suas múltiplas dimensões. Ao resgatar essa compreensão mais ampla do homem, buscamos promover um equilíbrio e um florescimento humano mais completo, contrapondo a visão reducionista que prevalece no positivismo. A concepção de *masse totale* altera a grandeza singular do homem, relegando-o a uma peça útil dentro de uma engrenagem imanente, social e moldável.

Para Voegelin (2019, p. 138),

já que as linhas finitas de significado, que podem ser encontradas no processo civilizacional, não conseguem ter nenhum significado para o homem como pessoa espiritual, o homem e seus problemas concretos têm de ser colocados de lado; já que o homem e seus problemas concretos não conseguem ser o sujeito para que a história tem um significado, o sujeito tem de ser mudado; o homem é substituído pela *masse totale*. A *masse totale*, no entanto, não tem nenhuma existência concreta, nem a massa é dada à experiência humana; é a evocação de um portador de significado, de uma nova divindade, em que o homem que perdeu sua abertura para o realissimum transcendental projetou seu desejo de salvação. A *masse totale* não é uma realidade no sentido experiencial; é uma evocação hesitante de uma nova divindade intramundana”

Por que é importante modificar a ideia de homem? Um dos motivos para essa transformação é que, ao estabelecer novos objetivos, formas de conduta e interpretações, é necessário romper com a definição já estabelecida e progredir em direção a uma concepção que atenda às pretensões do definidor. Afinal, a mudança comportamental está intrinsecamente ligada à percepção que cada indivíduo tem de si mesmo. A alteração na concepção do homem é um elemento-chave na busca por transformações e avanços na sociedade. Ao questionar e reformular as noções preestabelecidas, é possível abrir caminho para a construção de novas perspectivas e abordagens. Essa redefinição do homem como um ser intramundano, que não transcende a mera utilidade material e não explora suas capacidades indeterminadas, possibilita a criação de novas possibilidades, de acordo com as aspirações e intenções do agente transformador.

A concretude de um indivíduo abrange todas as possibilidades racionais, incluindo aquelas além do alcance da ciência. Sua essência está entrelaçada no imensurável tecido eterno dos acontecimentos. É nesse aspecto indescritível que devemos buscar um sentido para a história? Na visão de Voegelian, sim, devido às fatalidades humanas, como a limitação temporal da vida e outras fragilidades da capacidade racional. A *masse totale*, por sua vez, carece de consciência moral, permitindo que suas ações sejam isentas de julgamento. Essa transposição imanente da ideia de "homem concreto" para membro da *masse totale* acarreta uma tentativa de ruptura substancial entre o homem e a transcendência. A individualidade de cada ser humano se dissolve em prol de uma comunidade intramundana.

No contexto educacional, por exemplo, observamos uma espécie de “purificação”, em que o objetivo de aprimorar o domínio interno e externo do indivíduo, como era buscado na educação clássica, cede lugar a uma perspectiva materialista, científica e tecnológica. Essas questões podem satisfazer o “homem concreto” apenas em sua dimensão intramundana, mas, para a *masse totale*, desprovida de uma concepção transcendente, elas podem se tornar o objetivo supremo.

Segundo Voegelin (2019, p. 171-172), o progresso da “*masse totale*” refere-se ao avanço do conhecimento e à crescente exploração tecnológica do ambiente terrestre. O mistério da criação passa a ser compreendido de modo intramundano e seus recursos naturais. A história da humanidade, sob essa perspectiva, evolui de um estado de isolamento entre as nações, devido à ignorância, para um cenário contemporâneo de comércio global e interconexão. Isso implica em uma maior troca de conhecimentos e recursos entre as nações, com o objetivo de criar uma sociedade global mais integrada e interdependente, na qual todos possam se beneficiar do comércio e da cooperação.

#### 2.3.4 Aposta no gênio como salvador

A importância dos gênios no contexto positivista reside no papel fundamental que esses indivíduos desempenham na transformação da sociedade e na evolução do conhecimento humano. No positivismo, o progresso da humanidade é entendido como um processo linear e acumulativo, em que a ciência, a razão e a tecnologia atuam como as forças motrizes para a melhoria das condições de vida humanas. Nesse cenário, os gênios são considerados agentes decisivos, responsáveis por desvendar as leis que regem o mundo natural e, conseqüentemente, por possibilitar avanços econômicos, alimentares, sociais e culturais.

Esses gênios, ao se dedicarem à busca de um conhecimento determinado e objetivo, ajudam a romper com as explicações teológicas e metafísicas da realidade, substituindo-as por abordagens científicas e empíricas. Isso, no pensamento positivista, é crucial para a emancipação da humanidade da ignorância e do sofrimento causados por concepções que não se baseiam na observação e na experimentação. Ao propiciar uma compreensão mais precisa dos fenômenos

naturais, esses indivíduos possibilitam o desenvolvimento de tecnologias, práticas agrícolas, soluções de engenharia e inovações médicas que podem transformar profundamente a sociedade.

No campo econômico, a contribuição dos gênios positivistas têm um impacto direto na eficiência e na produtividade. O avanço do conhecimento científico, por exemplo, permite o aprimoramento dos processos industriais, o aumento da produção de bens e serviços e a geração de riquezas. Esses progressos, por sua vez, são vistos como a base para a construção de uma economia mais robusta, capaz de proporcionar melhores condições de vida à população. O domínio das ciências naturais e a aplicação prática de seus princípios nas indústrias e no comércio contribuem para a criação de uma sociedade mais próspera, na qual os recursos naturais são utilizados de forma mais eficiente e o bem-estar das pessoas é aumentado por meio do progresso material.

Além disso, no campo alimentar, os gênios da ciência desempenham um papel fundamental ao desvendar as leis da biologia, da agricultura e da nutrição. Através de suas descobertas, novos métodos de cultivo, novos alimentos e novas formas de armazenamento e distribuição podem ser desenvolvidos, permitindo que uma população crescente tenha acesso a alimentos em maior quantidade e com maior qualidade. A revolução agrícola, que é fruto de descobertas científicas e inovações tecnológicas, é um exemplo claro de como o conhecimento pode transformar uma sociedade, tornando-a capaz de sustentar um número maior de pessoas e melhorar a qualidade nutricional da dieta de seus membros.

No campo da saúde, o papel dos gênios também é central. As descobertas científicas que permitiram o desenvolvimento de vacinas, medicamentos e tratamentos médicos revolucionaram a medicina e aumentaram a expectativa de vida das populações ao redor do mundo. Os avanços no entendimento das doenças e na criação de soluções para combatê-las são outro exemplo de como a ciência e os gênios podem proporcionar uma melhoria substancial nas condições de vida e bem-estar de uma sociedade.

Portanto, os gênios positivistas não são apenas construtores de um conhecimento abstrato; eles são vistos como artífices de um futuro prático e tangível para a

humanidade. Por meio de suas descobertas, esses indivíduos possibilitam que a sociedade supere desafios significativos, como a escassez de alimentos, a falta de recursos e as doenças que afligem a população. Em última análise, sua importância está na capacidade de transformar o conhecimento científico em soluções concretas que melhoram as condições econômicas, alimentares e sociais, levando a humanidade a níveis mais altos de bem-estar e prosperidade.

Essa visão positivista enxerga a ciência como a chave para um futuro melhor, e os gênios, como aqueles que possuem a capacidade de guiar a humanidade rumo a esse futuro, têm seu papel elevado a um status quase messiânico. Através de sua inteligência e visão, eles não apenas resolvem problemas imediatos, mas também pavimentam o caminho para o progresso contínuo da sociedade, sempre em direção a uma maior racionalidade, eficiência e, sobretudo, ao melhoramento da vida humana.

#### 2.3.4 Fragmentação do saber

Com a desidratação dos conhecimentos teológico-metafísicos, um saber mais integral se fragmenta. Observa-se, então, um tipo de ser humano que não apenas carece de conhecimento sobre questões que não podem ser matematicamente quantificadas, mas também tende a enxergar como progresso apenas aspectos específicos do conhecimento, sem estabelecer uma conexão universal entre essas manifestações. Surge, então, a seguinte indagação: o que seria necessário, em termos gerais, para que houvesse progresso na visão voegeliana? Seria essencial assimilar de forma aprofundada os conhecimentos das eras passadas, utilizando-os como base para a construção de novos saberes, em vez de desconsiderá-los, como ocorre no que ele chama de "pseudo-progresso" da "pseudo-lei". Mas por que "pseudo-lei"? Segundo Franca (2019a, p. 71), "toda lei é de fato necessária; ela expressa uma relação causal entre dois fatos". Nesse sentido, as fases do progresso humano se entrelaçam, e o segundo estágio, caracterizado por argumentações e críticas, não surge de um estado teológico fictício ou deísta. Pelo contrário, até mesmo esse estado teológico envolve argumentos e críticas.

O exemplo das doenças e da busca pela cura ilustra bem essa ideia: há uma mescla de diversos conhecimentos em todas as épocas, mas também uma desvalorização de um conteúdo em favor de outro. Em suma, a ênfase excessiva nos estudos fenomênicos e matematizados não resulta apenas de uma escassez aceitável das sociedades passadas, mas de uma supervalorização de um determinado tipo de conhecimento. Essa supervalorização tem impactos diretos na formação do ser humano.

Um dos aspectos mais suscetíveis a essa influência é o *status questionis*, ou seja, a história da dialética sobre determinados assuntos. Uma das consequências de não conhecer de maneira profunda as questões debatidas ao longo do tempo é a possibilidade de criar narrativas distorcidas que atribuem novos significados ao que já ocorreu. Problemas que já foram solucionados podem ressurgir como novidades, o que leva à perda de pontos de comparação com pensadores do passado. Esse fenômeno abre caminho para uma formação educacional provinciana, em que saberes distintos são interpretados apenas a partir de uma perspectiva regional, sem realizar o caminho inverso de compreender o contexto histórico mais amplo.

A desvalorização de conhecimentos das sociedades anteriores acaba por criar um distanciamento da totalidade do conhecimento humano, prejudicando a formação integral do indivíduo e limitando sua capacidade de compreender o progresso de maneira universal.

#### 2.4 Condorcet

Voegelin (2019, p. 186-187) afirma que pelo fato de Condorcet ser um matemático, uma de suas áreas preferidas era o cálculo de probabilidade aplicado aos “fenômenos de massa”: a progressista *masse totale* acaba sendo relacionada como uma “massa matemática” passível de ser calculável, manipulável, previsível etc. O objetivo deste tópico é apresentar as principais características do tipo humano engendrado por essa concepção. Todas essas possibilidades de balizar a *masse* se tornou

matéria-prima do credo positivista: podemos prever nas ciências naturais; por que não seríamos capazes de prever os fenômenos sociais?” “De novos temos que enfatizar, como numa ocasião similar quanto a um argumento de Helvétius: é tudo o que há. Neste argumento se fundamenta a ideia de direção do destino da

humanidade”, ou seja, “(...) a ideia de dirigir a história com base num conhecimento prévio de seu curso (...)” (VOEGELIN, 2019, p. 186-187).

O deslocamento das pessoas para um estado de massa implica tratá-las como seres desprovidos de autonomia e capacidade de tomar decisões por si mesmos. Trata-se de limitá-las às imposições e restrições de terceiros. Nesse processo, observa-se uma tentativa contínua de desqualificação, não apenas ao imergi-las em uma concepção imanentizada, tornando-as membros da *masse totale*, mas também ao transformá-las em meras amostras de laboratório. O positivista, com sua pretensa iluminação, busca identificar entre as variáveis os fatores que equilibram a equação no sentido esperado, criando a ilusão de uma "massa perfeita".

Essa busca pela previsão do curso dos fenômenos, na perspectiva voegeliana, representa uma negação da própria natureza humana. Ao tratar os fenômenos sociais e naturais de maneira restrita às possibilidades oferecidas pela ciência e pela tecnologia disponíveis, o positivismo adota uma abordagem limitada e reducionista. Essa abordagem ignora a riqueza e a complexidade da experiência humana, ao suprimir a liberdade e o potencial criativo do indivíduo.

Ao rejeitar a ideia de previsibilidade absoluta e reconhecer a singularidade, unidade e imprevisibilidade dos fenômenos humanos, o autor alemão enfatiza a importância de valorizar a natureza multifacetada e ilimitada da existência humana. Isso implica reconhecer que o conhecimento humano é limitado e que as respostas definitivas não podem ser alcançadas por meio da perspectiva científica.

Kolakowski (1977 apud Kimball, 2016, p. 29-30) argumenta que

com o desaparecimento do sagrado, que impunha limites à perfeição que poderia ser alcançada com o profano, ergue-se uma das mais perigosas ilusões de nossa civilização - a ilusão de que não há limites para as mudanças que a vida humana pode se submeter, de que a sociedade é 'em princípio' uma manifestação infinitamente flexível e de que negar essa flexibilidade é negar a autonomia total do homem e, assim, negar o próprio homem”.

A citação de Kolakowski (1977) destaca uma reflexão crítica sobre as consequências do desaparecimento do sagrado na modernidade e como isso pode influenciar a formação de um tipo humano. Ao afirmar que o sagrado impunha limites à perfeição que poderia ser alcançada com o profano, Kolakowski sugere

que, em um contexto em que os valores transcendentais (ou sagrados) foram substituídos por uma ênfase exclusiva no profano (o mundano, o material, o racional), surge a ilusão de que o ser humano e a sociedade não têm limites para a transformação.

Essa "ilusão de flexibilidade infinita" gera a crença de que tudo pode ser moldado, transformado e aperfeiçoado sem restrições, resultando na concepção de um ser humano capaz de alcançar qualquer ideal ou objetivo, independentemente das limitações naturais e existenciais. No positivismo, a ciência e a tecnologia se tornam chaves para essas transformações. No entanto, essa visão desconsidera a natureza limitada do ser humano e a necessidade de reconhecer suas finitudes, pois a ideia de que a sociedade e o ser humano são infinitamente flexíveis pode ignorar as condições humanas e suas limitações estruturais e éticas.

Ao negar a necessidade de reconhecer essas limitações, essa visão de progresso pode resultar em um tipo humano desconectado de sua própria essência e vulnerável a uma busca incessante por transformações que, em última instância, podem levar à alienação e à despersonalização.

Voegelin (2019, p. 180) afirma que a adesão por partes dos indivíduos a determinadas evocações não significa progresso,

ao contrário, a penetração pela ideia de progresso significa a destruição ideológica da personalidade intelectual e espiritual. A evocação verdadeira da *masse* cria o estado social que chamamos crise da civilização ocidental. O *Esquisse* de Condorcet mantém uma posição-chave para a compreensão deste processo porque, de um lado, apresenta um novo passo na fixação do dogma para o consumo da massa, enquanto, por outro lado, dá o passo deliberadamente, com uma intelecção clara das atrocidades da vulgarização”.

A citação expõe uma crítica profunda ao conceito de progresso, especialmente no que se refere ao processo de massificação das ideias e à destruição da individualidade intelectual e espiritual. Para Voegelin, a adesão das pessoas a determinadas "evocações" ou ideias, no contexto de um progresso linear e totalizante, não deve ser vista como uma forma de avanço genuíno. Pelo contrário, ele vê isso como um processo de degradação ideológica, no qual as pessoas se perdem na aceitação acrítica de ideais que, em última instância,

empobrecem suas capacidades de reflexão independente e de compreensão profunda do mundo.

A noção de "evocações", como a menciona o autor alemão, parece sugerir que certas ideias ou movimentos são, na verdade, chamadas vazias ou superficialidades que as massas seguem sem questionamento, em busca de soluções fáceis e rápidas para suas necessidades. Em vez de promover o desenvolvimento mais completo do ser humano e da sociedade, essas ideias manipulam e deformam as próprias capacidades intelectuais e espirituais dos indivíduos. Assim, ao invés de enriquecer a vida humana e promover a autonomia, o "progresso" sugerido por essas ideias massificadas resulta na uniformização das consciências e na estagnação da individualidade.

A crítica do autor alemão se aprofunda ao associar esse processo com o conceito de "crise da civilização ocidental". Para ele, a penetração de ideias progressistas na sociedade leva a uma crise não apenas política ou social, mas também existencial e espiritual, em que os indivíduos se veem desprovidos de sua capacidade de autonomia intelectual e moral. O que ele chama de crise da civilização não se refere apenas a um colapso material ou político, mas à perda da profundidade e da autenticidade da experiência humana.

Voegelin (2019, p. 192) argumenta que

(...) Condorcet assumiu em sua especulação que sua direção teria de operar com a matéria-prima humana imperfeita entregue a ele pela natureza. Agora ele planeja a possibilidade de criar uma nova substância ele mesmo: a criação do homem por Deus que foi eliminada como superstição, agora retorna como criação do super-homem mediante Condorcet".

Percebe-se uma forma de pensamento peculiar: o pensador francês, ao se ver como uma "matéria-prima humana imperfeita", concebe-se como o solucionador da imperfeição humana. Além disso, a referência à "matéria-prima humana imperfeita", entregue pela natureza, destaca o entendimento de que os seres humanos são naturalmente imperfeitos, mas que essa imperfeição pode ser superada. No lugar da explicação tradicional que atribuía a origem e o destino do ser humano à vontade divina, é apresentada uma visão em que a humanidade, por

meio dos esforços dos gênios, pode se reconstituir e aprimorar sua própria natureza. Nesse processo, a criação divina é substituída por uma criação humana, e a possibilidade de alcançar uma versão idealizada do homem — o "super-homem" — passa a depender da ação humana e do progresso científico e tecnológico.

O ponto central da análise está na transição da criação divina para a criação humana. Quando se busca eliminar a ideia de uma criação divina do homem, ele não apenas tenta refutar uma visão transcendental, mas também assume a responsabilidade de criar um novo tipo de ser humano, no qual o processo de perfeição humana não depende mais de uma força sobrenatural, mas sim da própria razão humana. Assim, a ideia de "super-homem" é apenas uma evolução das capacidades humanas, mas a criação de uma nova substância, algo completamente reconfigurado por intervenções racionais e científicas.

### 3. METAXY VERSUS IMANENTIZAÇÃO

O objetivo principal deste capítulo é explorar as características centrais da concepção de *metaxy* na formação de um tipo humano. Para isso, é fundamental entender a transposição intelectual, que implica uma mudança na sintonia mental, deslocando o intelecto para uma perspectiva antimetafísica, otimista, tecnicista e cientificista. Esse deslocamento resulta em uma horizontalização da tensão existencial, reorientando as possibilidades de intelecção do indivíduo para uma matriz de significados imanentes. Nesse novo quadro de pensamento, a busca por uma perfeição transcendente cede lugar a um ideal de aprimoramento puramente terreno, fundamentado na ciência e na tecnologia.

Essa sintonia não é algo externo ou ocasional, mas parte intrínseca do aplainamento positivista. A horizontalização das possibilidades humanas é uma condição indispensável para a purificação do "*sprit humain*" no contexto positivista. Em linhas gerais, essa nova forma de pensar, conforme proposta pelo positivismo, representa uma mudança significativa na maneira como a realidade e as possibilidades humanas são compreendidas e buscadas. Esse modelo, embora busque emancipar o indivíduo dentro de um contexto imanente, carrega consigo os riscos de subordinação do homem a uma visão reducionista e mecanicista do mundo.

Na concepção dos precursores do positivismo, observa-se uma busca pela independência do indivíduo no contexto intramundano. À medida que o "homem concreto" se imanentiza, ele se torna mais emancipado. Esses pensadores acreditam na redução das manifestações complexas a elementos mais simples, que podem ser manipulados pela capacidade científica e técnica do momento. Eles apostam nessa abordagem para alcançar um conhecimento completo das manifestações intramundanas. Essa capacidade de compreensão mede as possibilidades do homem no mundo.

Em contraste, o cientista concreto reconhece as limitações das capacidades humanas. Embora também busque ampliar a compreensão do mundo por meio científico e tecnológico, ele entende que o conhecimento total das manifestações humanas e naturais é inalcançável. Nesse sentido, o processo de conhecer leva o

homem cada vez mais para longe da verdade absoluta, à medida que se torna mais evidente a complexidade das realidades que ele busca compreender.

Comte (1978, p. 61-62) argumenta que o conhecimento positivo é aquele que se dedica ao real, em oposição ao "quimérico". O real, para ele, é aquilo que pode ser alcançado pela inteligência humana, em contraposição às especulações metafísicas. A busca por leis universais que regem as manifestações é a principal atividade da ciência positivista. Contudo, essa posição é paradoxal: ao enfatizar a imanentização do homem e da natureza, o positivismo acaba ignorando as questões sobre a origem e o destino da humanidade, que ele mesmo classifica como "banais" ou irrelevantes.

Na visão positivista, devemos nos concentrar em "como" as manifestações funcionam, estabelecendo uma coleção de dados válidos, que visam prever e controlar eventos. O objetivo é "ver para prever", ou seja, adquirir conhecimento para antecipar eventos e, principalmente, prover soluções. (COMTE, 1978, p. XII).

Franca (2019a) argumenta que essa posição comteana é contraditória, pois a imanentização do homem e da natureza acabam oferecendo respostas às questões sobre a origem e destino dos quais afirma serem questões banais: "cumpre supor que o fim último do homem se resume numa soma de bens terrenos, que a sua existência não se estende além da campa e que a vida presente encerra a totalidade de seus destinos" (p. 109).

A crítica à visão positivista pode ser observada na comparação com a concepção cristã da natureza humana. O cristianismo propõe uma transcendência, uma passagem do ser humano de uma existência terrena para uma outra imaterial e indefinível. Essa lacuna – o espaço entre o terreno e o transcendente – é parte constitutiva da natureza humana. Já o positivismo, ao se dedicar à resolução dos problemas terrestres, propõe uma "salvação" do homem exclusivamente no âmbito do mundo físico. Nesse ponto, surge o dilema central: qual é a verdadeira natureza do homem? Ele é puramente matéria ou vive, de alguma forma, em uma zona intermediária, a *metaxy*?

A resposta do pensador alemão é o "entremeio": "O polo imanente da tensão existencial em direção ao fundamento" é o significado do homem

(Voegelin, 2019, p. 466). Temos uma ligação do homem com a transcendência. Ao passo que para o movimento positivista a resposta é a imanentização total, ou seja, puramente matéria. O homem está situado em uma condição intermediária entre o mundo imanente e transcendente. Não está totalmente instalado no mundo dos sentidos e nem no mundo metafísico.

Aqui o movimento está acontecendo no reino do 'Entremeio', a *metaxy* de Platão, que não é um espaço vazio entre os objetos imanentes e transcendentais, mas um reino onde a realidade divina e a humana se comprometem em participação mútua" (VOEGELIN, 2009, p. 467).

A ideia de que o homem está situado em uma condição intermediária entre o mundo imanente e o transcendente é uma proposição fundamental na obra do pensador alemão, especialmente quando ele recorre ao conceito platônico de *metaxy* para descrever a posição do ser humano no cosmos. Para ele, o *entremeio*, ou *metaxy*, deve ser entendido como um reino dinâmico onde as dimensões humana e divina se encontram e interagem de maneira irreduzível.

Quando afirma que "o homem está situado em uma condição intermediária entre o mundo imanente e transcendente", ele se refere à complexa condição humana, que não pode ser simplificada ou reduzida a um único plano de existência. O ser humano não está totalmente imerso no mundo dos sentidos, ou seja, no reino da experiência concreta e material. Tampouco está completamente integrado ao mundo metafísico ou espiritual, que transcende a realidade sensorial e empírica. O homem, em sua essência, habita esse espaço intermediário, essa zona de transição, onde a experiência da realidade é marcada por uma tensão constante entre o finito e o infinito, entre a contingência e a necessidade, entre o material e o espiritual.

Esse "entremeio" não é apenas uma posição passiva ou neutra. Ao contrário, é um espaço ativo de interação e participação, onde a realidade humana e divina se comprometem em uma participação mútua. Aqui, a ideia de *metaxy* transcende a simples noção de espaço entre dois mundos, sendo, na verdade, um campo dinâmico onde os seres humanos podem experimentar e refletir sobre seu lugar no cosmos. No *metaxy*, a realidade divina, embora não seja inteiramente acessível ao homem, se manifesta de forma parcial e indireta, convidando-o a se abrir à transcendente. Por outro lado, a natureza humana, com todas as suas limitações e

imperfeições, se revela nas escolhas e ações do homem, na busca de significados mais profundos que ultrapassam o imediato e o tangível.

A participação mútua entre a realidade humana e divina implica que o ser humano não é apenas um ser material ou físico, mas que está sempre em busca de um entendimento mais amplo de sua existência, que o liga ao divino. A própria estrutura da realidade humana, com suas questões existenciais e seus dilemas, é um reflexo dessa tensão e dessa busca constante por um fundamento transcendente que dá sentido ao finito e ao transitório.

A compreensão dessa condição intermediária leva à percepção de que o homem, enquanto ser histórico e contingente, tem a responsabilidade de refletir sobre seu lugar no cosmos, sobre o significado das suas ações e sobre o seu relacionamento com o divino. O *metaxy* oferece, portanto, uma compreensão mais rica e complexa da experiência humana. Ao contrário de uma visão mecanicista ou puramente empirista, que reduz o ser humano à sua existência material e ao conhecimento imediato dos sentidos, o conceito de *metaxy* nos desafia a reconhecer a profundidade espiritual de nossa condição, e o fato de que nossa experiência não pode ser completamente explicada por qualquer uma dessas esferas de realidade, mas é sempre mediada pela tensão entre elas.

A visão do homem como um ser situado entre o imanente e o transcendente nos chama a uma reflexão sobre a natureza da liberdade humana, a moralidade, o conhecimento e o propósito da vida. O *metaxy* não é apenas um conceito filosófico ou metafísico; ele tem implicações profundas para como vivemos, para as nossas escolhas existenciais, e para como buscamos encontrar um significado mais profundo para nossa vida em um mundo que, muitas vezes, parece apenas ser composto de aspectos materiais e tangíveis. A proposta do pensador alemão, portanto, não apenas desafia as visões reducionistas e imanentistas, mas também sugere uma concepção mais integrada e holística da realidade humana, onde a experiência do divino e do humano são intrinsecamente entrelaçadas e mutuamente dependentes.

A estrutura do conhecimento humano é, em sua essência, marcada por uma tensão constante, sendo formada por uma dinâmica entre inclinações materiais e

espirituais que possuem um fundamento transcendente. Isso confere à compreensão dessa estrutura uma característica simbólica, pois ela não pode ser reduzida a um simples reflexo da realidade, mas está sempre em movimento, implicada por forças que estão além da sua própria esfera de manifestação.

Conforme Langer (2004), o símbolo é o instrumento por meio do qual essa tensão é mediada. Ele não é um signo de significado fixo, mas uma matriz de intelecções, um ponto de partida que, por sua natureza, carrega em si uma infinidade de significados. O símbolo é alusivo, aponta para algo, mas nunca chega a capturar totalmente o objeto ou a ideia a que se refere. Dessa maneira, o símbolo transcende o seu significado imediato, mostrando que o conhecimento nunca pode ser um reflexo literal ou completo dos fenômenos. O que se tem é um conhecimento simbolicamente verdadeiro, ou seja, um conhecimento que, embora não revele o fenômeno em sua totalidade, aponta para ele de uma maneira que permite a compreensão parcial e intuitiva.

Nesse contexto, a filosofia não se apresenta como uma disciplina que pode descrever os fenômenos de forma precisa e definitiva. Ao contrário, ela assume um papel de indicadora, de guia que sugere a direção na qual o entendimento pode se aprofundar, mas sem jamais alcançar uma explicação definitiva ou literal. Isso é essencial para a proposta voegeliana, pois o filósofo, ou qualquer emissor de conhecimento, não pretende fornecer uma descrição objetiva e exata do mundo, mas criar as condições que possibilitem ao receptor captar intuitivamente a mensagem transmitida. O discurso humano, assim, é sempre simbólico e, como tal, está repleto de lacunas que não podem ser preenchidas por um conhecimento total ou absoluto.

Um exemplo simples, mas ilustrativo, desse processo é o uso de palavras. Quando alguém menciona a palavra "mesa", o objeto físico em si não está presente na fala, mas apenas simbolizado. O receptor, ao ouvir ou ler a palavra, entende, por meio de sua própria experiência, o que essa palavra representa. Porém, essa representação nunca é o próprio objeto – ela é apenas um indicativo, um vetor que aponta para uma realidade mais ampla. O conhecimento, portanto, não reside no discurso ou na palavra em si, mas na cognição do receptor, que é quem realiza a ponte entre o símbolo e o fenômeno.

Essa lacuna entre a mensagem e os fenômenos é inevitável. Por mais que o discurso busque representar a realidade, ele jamais poderá abarcar a totalidade dos fenômenos que ele se propõe a descrever. A própria limitação do discurso humano impede que ele seja capaz de capturar a essência de qualquer objeto ou fenômeno de maneira plena. Assim, o conhecimento nunca é uma explicação literal, mas sempre uma tentativa simbólica de aproximar o ser humano daquilo que ele tenta compreender.

Por outro lado, Newton (1721, p. 377 apud BURTT, 1983, p. 175) argumenta que

esses princípios (massa, gravidade, coesão, etc.) não os considero como qualidades ocultas, supostamente resultantes das formas específicas das coisas, mas como leis gerais da natureza, pelas quais as próprias coisas são formadas; umas vez que sua verdade nos aparece pelos fenômenos, embora suas causas não tenham sido ainda descobertas; pois essas são causas manifestas, e somente suas causas são ocultas". (...)“Tais qualidades ocultas impedem o progresso da filosofia natural e, por conseguinte, têm sido rejeitadas nos últimos anos. Dizer-nos que toda espécie de coisas é dotada de uma específica qualidade oculta, pela qual atua e produz efeitos manifestos, é dizer-nos nada: Mas inferir dos fenômenos dois ou três princípios gerais de movimento, e posteriormente dizer-nos como as propriedades e ações de todas as coisas corpóreas decorrem daqueles princípios manifestos, seria um grande passo em filosofia, embora as causas daqueles princípios não fossem ainda descobertas (...)”.

A citação rejeita as “qualidades ocultas” e defende a adoção de leis gerais da natureza como explicações para os fenômenos naturais é um ponto central para compreender o desenvolvimento do pensamento científico moderno. O cientista inglês propõe que, em vez de buscar explicações metafísicas, devemos nos concentrar nas manifestações observáveis da natureza e deduzir princípios gerais que regem os fenômenos. Ele afirma que, embora as causas últimas ainda possam estar além do nosso alcance, os princípios observáveis, como a gravidade, oferecem uma compreensão prática e verificável das manifestações, marcando uma ruptura com a concepção tradicional que, em seu entendimento, via qualidades ocultas e misteriosas como explicações adequadas.

Uma característica importante do positivismo é a pretensão de compreender os fenômenos por meio de um sistema que permita a manipulação e previsão dos fatos. Nesse contexto, os fenômenos são considerados como um algoritmo, ou seja,

ao se conhecerem os seus "comandos", é possível controlar a realidade acessível. Embora essa abordagem seja eficaz em algumas situações, como no funcionamento de máquinas que podem ser compreendidas através de conhecimentos técnicos, o positivismo busca transformar os conhecimentos científicos e tecnológicos em um "manual" para entender o mundo. A ideia é expressar esses conhecimentos em fórmulas matemáticas que conferem ao ser humano o poder de dominar o conjunto de fenômenos.

Em contraposição a essa visão, Voegelin (2009, p. 402-403) argumenta que a alma, ou psique, é "um predicado cujo sujeito é o 'lugar (ou sítio) das tensões'". Ou seja, a alma é o campo onde as tensões da experiência humana são vividas e problematizadas. Os filósofos clássicos cunharam o termo "psique" para designar esse local de experiências do ser, porque perceberam que havia uma lacuna a ser preenchida: a necessidade de um espaço para as problematizações que transcendem a explicação simples dos fenômenos.

Para esclarecer essa ideia, o pensador alemão utiliza uma analogia com os órgãos sensoriais do corpo humano, como os olhos, os ouvidos e o nariz, que são responsáveis por perceber as sensibilidades físicas. Da mesma forma, o ser humano necessitaria de um "órgão" capaz de perceber as tensões internas e as complexidades da sua própria existência. Nesse contexto, a alma deve ser compreendida como um sensorium das tensões internas do ser, especialmente como um sensorium da transcendência. Assim, a alma não se limita a ser um "órgão" sensorial que capta as manifestações internas do ser, mas representa uma percepção profunda das experiências existenciais do próprio ser.

A "grande contribuição" para a filosofia natural seria a formulação desses princípios gerais, que serviriam como uma base sólida para futuras descobertas, mesmo que os detalhes mais profundos da natureza ainda estivessem além do nosso alcance. Essa postura reflete uma transição paradigmática, alinhando-se com a ideia de uma busca por um conhecimento direto e empírico, que se afasta da metafísica e se fundamenta na observação e dedução. Isso, por sua vez, sugere uma ruptura com a noção de *metaxy* — o espaço intermediário entre o imanente e o transcendente, onde a compreensão humana seria mediada por uma tensão entre o sensível e o divino.

A *metaxy* é vista como um espaço de tensão existencial, em que o ser humano, em sua busca por compreensão, se encontra entre o mundo sensível (o que é imediato e perceptível pelos sentidos) e o mundo das ideias ou do divino (o transcendente). Essa tensão entre os dois pólos exige uma constante negociação, resultando na criação de uma realidade simbólica que aponta para algo além do imediato e material. No entanto, o pensador inglês propõe a eliminação dessa “zona de mediação” ao defender uma abordagem de conhecimento baseada em princípios experimentais, em vez de depender de uma explicação simbólica ou metafísica dos fenômenos. Esse movimento racionaliza a compreensão do mundo natural, sugerindo que podemos interpretar os fenômenos como sistemas fechados. Por exemplo, ao descrever matematicamente a lei que governa um fenômeno, podemos descobrir outras leis que regem a natureza. Assim, o ser humano pode criar um "manual" da natureza, utilizando esse conhecimento para obter benefícios práticos.

Porém, mesmo em sua busca por um conhecimento mais direto e objetivo, a concepção do físico inglês pode ser relacionada ao conceito de *símbolo* proposto por Langer (2004). A ideia de símbolo, como uma matriz de intelecções que aponta para múltiplos significados e que não pode descrever a totalidade da realidade, pode ser aplicada aos princípios newtonianos, como gravidade. Esses princípios não são uma explicação literal dos fenômenos, mas sim representações das leis que regem a natureza, funcionando como guias que nos orientam no entendimento dos fenômenos naturais. Assim, ao rejeita a ideia de qualidades ocultas, princípios físicos ainda podem ser considerados símbolos que apontam para uma realidade mais profunda e que, embora não expliquem totalmente os fenômenos, nos ajudam a compreendê-los e a prever suas interações.

Esse movimento pode ser visto como uma forma de simbolização no campo da física, em que as leis gerais não capturam a totalidade da realidade, mas representam uma aproximação de sua ordem subjacente. Assim, as leis físicas funcionam de maneira simbólica, pois são mediadoras entre o conhecimento humano e o mundo natural.

Voegelin (2009, p. 412) argumenta que

permanecemos no 'Entremeio', numa corrente temporal de experiência em que a eternidade está, no entanto, presente. Esta corrente não pode ser dissecada num passado, num presente e num futuro do tempo do mundo, pois em cada ponto da corrente persiste a tensão em direção ao ser eterno que transcende o tempo. O conceito mais apropriado para expressar a presença do ser eterno na corrente temporal é *presença corrente*".

A citação nos leva a uma reflexão profunda sobre a condição humana e sua relação com o tempo e a transcendência. A noção de que "permanecemos no 'Entremeio', numa corrente temporal de experiência em que a eternidade está, no entanto, presente", revela a compreensão de que a experiência humana não se restringe ao plano físico e linear do tempo, mas é atravessada por uma tensão constante em direção a algo que transcende o tempo – o ser eterno.

O "Entremeio", é utilizado para descrever o espaço entre o ser humano e o divino, reflete a condição humana de viver em uma realidade temporária, mas, simultaneamente, estar consciente da presença de uma dimensão eterna que ultrapassa os limites da experiência temporal. Como dissemos, O "Entremeio" não é apenas um espaço de transição, mas um estado contínuo de experiência em que o ser humano experimenta a temporalidade de sua existência, mas ao mesmo tempo percebe que essa experiência está impregnada de uma busca por algo que não pode ser plenamente apreendido no mundo material e finito.

Cada indivíduo está imerso nesta tensão, confrontado com a falta de respostas para inúmeras questões existenciais. Todos nós somos, de alguma forma, condicionados por forças externas e por uma ordem que não nos é inteiramente própria, mas que nos molda e nos orienta. A dualidade entre o que podemos controlar e o que nos transcende reflete a complexidade da "presença corrente", em que o ser humano é simultaneamente imerso no mundo material e, ao mesmo tempo, direcionado para uma dimensão imaterial que escapa à sua total compreensão.

A "corrente temporal de experiência", sugere que o ser humano vive dentro de uma dinâmica temporal que envolve o passado, o presente e o futuro. No entanto, essa corrente temporal não é uma linha reta ou uma divisão clara entre esses momentos. Em vez disso, cada ponto dessa corrente mantém uma tensão em

direção ao ser eterno, uma espécie de percepção contínua de que a experiência humana, embora vinculada ao tempo, é também marcada por uma busca transcendental. Essa busca não se dá por meio da simples linearidade do tempo cronológico, mas pela consciência de que a experiência do ser está imersa em uma realidade mais ampla, que transcende a finitude da existência terrena.

O conceito de "presença corrente" sugere que o ser eterno não está distante ou desconectado da experiência temporal, mas está presente de maneira constante, embora não seja completamente identificável ou tangível. A eternidade não se revela como algo a ser alcançado no futuro ou como uma memória distante do passado, mas como uma presença contínua que permeia cada momento da experiência. Essa "presença corrente" expressa a tensão existencial entre o ser humano e o absoluto, um movimento em que a busca por compreensão e significado nunca se encerra, mas é continuamente vivida no aqui e agora, imersa no fluxo do tempo.

A reflexão do pensador alemão nos leva a pensar que a experiência humana não pode ser reduzida a uma explicação simplista ou materialista, pois está sempre imersa em uma tensão que a vincula ao eterno, à transcendência. O ser humano não é apenas um ser temporal, mas um ser que, ao longo de sua existência, está consciente da presença do eterno, de algo que está além do alcance imediato da razão e da percepção, mas que ainda assim se faz presente em sua vivência cotidiana.

Em seu contexto filosófico, Voegelin (2019) propõe que essa dualidade da experiência humana é profundamente afetada pela crise entre transcendentalistas e imanentistas. Cada um desses grupos oferece diferentes interpretações sobre o "homem", sua constituição e seus limites. O positivismo, com sua visão mecanicista e redutora, busca transformar a realidade em algo manipulável, mas, ao fazer isso, ignora as dimensões mais profundas da experiência humana. O positivista se assemelha a um construtor que, ao erguer uma casa, se esquece de deixar espaço para as portas e janelas, ou seja, limita-se a construir uma estrutura que não pode acolher as manifestações e experiências que transcendem as capacidades da ciência e da razão humanas.

A partir dessa crítica, surge a necessidade de uma reintegração existencial. Essa reintegração refere-se ao movimento de expandir a visão da existência humana, além das limitações do tecnicismo, para incluir a complexidade das dimensões existenciais, espirituais e filosóficas. A ampliação existencial implica um reconhecimento da tensão entre o humano e o transcendente, e da impossibilidade de reduzir a experiência a um sistema rígido.

O "homem concreto" busca sintonizar-se com as ordens manifestas que lhe são apresentadas. Isso se dá por meio de um processo de reconhecimento e aceitação das tensões e das limitações que permeiam sua existência. Essa sintonia com o mundo não é um controle ou uma dominação sobre ele, mas um reconhecimento das fronteiras que existem entre o que é acessível e o que transcende a experiência humana. Como exemplo, uma fruta que não pode se transformar em som devido às suas próprias limitações e composições, nos ajuda a entender essa busca por sintonia. O "homem concreto" sabe que não pode se transformar em algo que não lhe pertence, assim como a fruta não pode se transfigurar em algo que não condiz com sua natureza. A vida humana, assim, está em constante confronto com o que é limitado e o que é ilimitado, com o que é real e o que é transcendental.

Segundo Santos (1960, p. 19),

para alcançarmos a concreção de algo, precisamos, não só do conhecimento sensível da coisa, se é objecto dos nossos sentidos, mas também da sua lei de proporcionalidade intrínseca, e da sua heicidade, que inclui o esquema concreto, que é a lei (logos) da proporcionalidade intrínseca da sua singularidade, e, também, das leis que presidem à sua formação, à sua existência e perduração, bem como ao seu término".

O pensador brasileiro nos oferece uma visão sobre a unidade fundamental que os seres de uma mesma espécie compartilham, mas que, ao mesmo tempo, se individualizam por meio de suas particularidades acidentais. Para ilustrar essa ideia, podemos pensar em uma fruta. Embora todas as maçãs compartilhem uma "lei de proporcionalidade intrínseca", cada uma delas possui características únicas, o que significa que uma maçã é distinta da outra, mesmo pertencendo à mesma espécie. Em outras palavras, há uma articulação interna, uma unidade constante nas macieiras, que garante a produção das maçãs. Caso contrário, uma macieira não

seria capaz de produzir maçãs, mas algo completamente diferente. Isso implica que, embora as maçãs compartilhem uma essência comum, elas apresentam variações, mantendo, no entanto, uma continuidade interna que as torna reconhecíveis como maçãs.

Além disso, essa perspectiva sugere que existe uma ordem nos fenômenos, que pode ser compreendida de duas formas. A primeira vê o fenômeno como um caos que deve ser organizado pelo ser humano, como acontece em muitas situações da vida social, onde há uma desordem que precisa ser reordenada, como no caso de uma sociedade que se organiza a partir de suas interações. A segunda forma se refere à "interioridade" do ser humano, que pode se manifestar de maneira caótica, como no caso de uma pessoa em processo de alucinação, que, para se situar, precisa de pontos de referência externos. Nesse caso, são os fenômenos, ou seja, as condições externas, que impõem ordem à experiência interna, ajudando o indivíduo a encontrar um sentido ou direção. Em ambas as situações, a relação entre o caos e a ordem se torna uma dinâmica importante para entender como os seres humanos lidam com os fenômenos e como essas manifestações internas e externas interagem para criar um sentido de realidade.

Essa compreensão nos leva a uma visão mais holística da existência humana, que não pode ser reduzida a um conjunto de fenômenos manipuláveis e controláveis, como pretende o positivismo. Ao contrário, a experiência humana está marcada pela presença contínua do "entremeio", onde as tensões entre o finito e o infinito, o material e o imaterial, são vividas constantemente. A "presença corrente" do ser eterno permeia cada momento da existência humana, e é nesse ponto que o ser humano encontra seu significado – não em um mundo totalmente compreensível e controlável, mas em um mundo onde a tensão entre o temporal e o eterno, entre o possível e o impossível, faz parte da própria experiência da vida.

Na concepção imanente dos fenômenos, Franca (2019b) argumenta que o ser humano já não reconhece uma estrutura da realidade estabelecida, com verdades objetivas ou relações irredutíveis. De acordo com essa visão, o positivismo, na perspectiva cristã, busca romper com a ordem das manifestações naturais para forjar a sua própria. Nesse movimento, o homem se torna criador de sua própria realidade. Ele não mais aceita que os fenômenos determinem suas

possibilidades, mas, ao contrário, é o seu próprio conhecimento que passa a moldar os fenômenos.

o princípio de imanência levado ao extremo de suas virtualidades veda-lhe qualquer afirmação transcendente ou exterior ao pensamento” (FRANCA, 2019b, p. 72).

Segundo a concepção do pensador brasileiro, esse processo conduz ao fechamento das possibilidades humanas. Mesmo utilizando um termo pouco usual, ele sugere que o ser humano precisa ser “chumbado” a manifestações que sejam acessíveis à sua capacidade cognitiva. Isso leva a um reforço na dependência do avanço científico e tecnológico, pois esses campos ampliam a capacidade humana de controlar os fenômenos e, portanto, de impor ordem ao mundo. Em outras palavras, o ser humano se vê cada vez mais dependente de uma lógica imanente, onde o conhecimento científico se torna o único meio de interação com o mundo, excluindo outras formas de compreensão transcendental ou metafísica.

Graciano Neves (1903 apud LINS, 1964, p. 225) argumenta que

o laço que une a Humanidade inteira, o jugo a que se curvam as cabeças dos sacerdotes e dos profanos, dos reis e dos servos, dos soberbos e dos humildes, é a força irresistível das verdades científicas contra as quais nada prevalece, quer seja o amor, quer seja a fé (...). "O fanático anuncia à boca cheia relações de intimidade que tem com Deus e desaparece do mundo sem ter legado à Humanidade verdades de que ela possa eternamente aproveitar-se". "(...) No terreno filosófico da causalidade quanto mais radical é a ignorância dos crentes, tanto maior é a sua audácia teórica (...)."

Essa visão contundente sobre o poder das verdades científicas e o impacto delas na humanidade. Ele sugere que a ciência, com sua força imparável, transcende todas as divisões sociais, culturais e religiosas, unindo os seres humanos em torno de uma verdade universal. O "laço que une a Humanidade inteira", segundo Neves, é a ciência, uma força que se impõe sem contestação, capaz de influenciar tanto os poderosos quanto os humildes, sem que qualquer outro fator — como a fé ou o amor — possa ser comparado ou resistir a ela.

Percebemos que os resultados científicos são considerados uma autoridade incontestável, que ultrapassa todas as outras formas de conhecimento ou crença, e que impõe um domínio absoluto sobre a razão humana. Em sua análise, ele coloca

a ciência como um ponto de união entre diferentes segmentos da sociedade, sendo capaz de dissolver os muros que separam os indivíduos e as classes sociais. Para ele, os cientistas, em seu trabalho de busca pela verdade, possuem uma missão maior: garantir que as descobertas e conhecimentos adquiridos sejam, de fato, legados à humanidade de maneira duradoura e proveitosa.

Há uma crítica aos fanáticos, que afirmam ter uma conexão íntima com Deus, mas que, ao longo de suas vidas, não deixam nenhum legado concreto ou verdade universal que possa ser aproveitado pela humanidade. A sua crítica é dirigida àqueles que, sem base científica ou comprovada, declaram possuir verdades transcendentais ou místicas, e cujas afirmações não possuem a capacidade de beneficiar a sociedade de maneira duradoura. Os "fanáticos" são retratados como figuras que, apesar de suas declarações, falham em deixar algo tangível e proveitoso para a evolução do pensamento humano.

Além disso, o pensador também critica a audácia teórica dos crentes em relação à causalidade. Neves argumenta que, quanto mais profunda é a ignorância dos crentes, maior é a sua ousadia ao afirmar teorias sem respaldo ou justificativa sólida. Ele se opõe a uma postura que, sem o devido conhecimento, ousa propor explicações ou teorias que não estão fundamentadas na lógica científica ou na observação empírica. Essa crítica reflete uma visão sobre o papel da razão e da ciência: apenas por meio do conhecimento rigoroso e comprovado é possível afirmar algo com legitimidade sobre o mundo e seus fenômenos.

A ciência como um pilar central para a compreensão e evolução da humanidade. Ele defende que as verdadeiras descobertas científicas são as únicas capazes de unir os seres humanos, superando barreiras sociais e culturais, enquanto a fé e a crença, sem base científica, não oferecem uma contribuição duradoura para o progresso humano. O cientificismo do autor também se reflete em sua crítica àqueles que, sem comprovação ou razão, avançam teorias que não contribuem para o conhecimento coletivo, mas apenas perpetuam a ignorância.



#### 4. POSITIVISMO RESIDUAL

A crítica de Voegelin (2019) ao positivismo e ao retorno da concepção de Comte (1978) à teologia, com a criação da "Religião da Humanidade", revela uma tensão fundamental na formação desse tipo humano. Embora o positivismo busque formar um ser humano racional e dominador da natureza, o retorno a elementos religiosos e emocionais indica que a busca por um tipo humano exclusivamente racional não é suficiente para abordar a totalidade da experiência humana. Voegelin (2019) observa que a tentativa de controlar a realidade e o espírito humano por meio da ciência, sem levar em consideração a dimensão transcendental da existência, leva à formação de um tipo humano limitado, que acaba por se ver subjugado pelas mesmas forças que pretende controlar.

na biografia que Littré fez de Comte, no capítulo '*Retour à l'état théologique*', aparece a descrição do "estado 'normal' do espírito, que é o estado 'positivo'. Neste estado, o espírito humano concebe fenômenos com governados por leis imanentes. Não há nenhum sentido em dirigir-lhes preces ou adorá-las. O homem deve aproximar-se delas pela inteligência; tem de entrar em contato com elas e submeter-se a elas a fim de obter por esses meios um domínio crescente sobre a natureza e sobre si, '*ce qui est le tout la civilization*'. Este estado de espírito é o estado maduro e essencial que é alcançado historicamente depois que o espírito passou pelos estados teológico e metafísico, transitórios e não essenciais. Em seu primeiro período, Comte desenvolveu a teoria do espírito e Littré aceitou-a inteiramente. Na segunda fase, entretanto, Comte reverte para o tipo teológico; cria novas divindades; e o que é pior, cria uma trindade de deuses supremos". (...) Ademais, esta recaída na teologia, como num tipo de segunda infância, não é uma fraqueza inconsequente (...)". "O retorno ao estado teológico é uma matéria de princípio para Comte. Quando o espírito alcançou a altura de sua evolução, quando sua atitude para com os fenômenos se tornou positiva, então deve retornar a seus começos fetichistas e superpor-se no universo de leis de um mundo de 'ficções' que dá livre expressão à parte afetiva e volicional da alma humana. Esta parte da filosofia de Comte é para o Littré liberal a grande Queda. (VOEGELIN, 2019, p. 200-201).

Voegelin (2019) sugere que a tentativa de imanentizar o homem, ou seja, reduzir toda a experiência humana a explicações científicas e naturais, ignora a dimensão da *metaxy*. O ser humano não é apenas um ser racional, mas também espiritual e emotivo, sempre entre o terreno e o divino, entre o finito e o infinito. Ele busca, ao mesmo tempo, compreender seu lugar no universo e encontrar sentido em sua existência, algo que vai além das leis naturais. Com isso, o tipo humano

"positivo" proposto por Comte (1978), embora racional e prático, é limitado porque não reconhece o ser humano como um ser que vive em constante tensão existencial, em busca de significado e transcendência, características essenciais da condição humana.

O retorno de Comte (1978) à teologia, ainda que em uma forma secularizada, com a criação da "Religião da Humanidade", é uma tentativa de preencher o vazio existencial deixado pela limitação do positivismo. No entanto, Voegelin (2019) aponta que essa solução não resolve a questão da *metaxy*, pois a religião de Comte (1978), ao se basear em novos "deuses" e rituais, não responde adequadamente à tensão entre o humano e o transcendente de forma autêntica, mas apenas a reformula em um novo contexto secular. A "Religião da Humanidade" tenta preencher o vazio da transcendência com ficções humanas, algo que, para Voegelin (2019), é uma distorção da verdadeira busca por significado.

A visão positivista, ao tentar excluir as explicações metafísicas e religiosas, falha em fornecer uma compreensão completa do ser humano, que não é apenas um ser racional e científico, mas também espiritual, emocional e transcendente. A *metaxy*, enquanto conceito, exige que o ser humano reconheça e aceite sua posição intermediária, seu estado de busca constante e de tensão entre o finito e o infinito. Essa condição é parte daquilo que faz o ser humano completo e complexo, e qualquer modelo de humanidade que ignore essa tensão estará, inevitavelmente, fragmentado.

Lins (1964, p. 11) argumenta que

"ACEITANDO APENAS O ESPÍRITO GERAL DA DOCTRINA E O SEU MÉTODO, SEM ADERIREM AO CULTO E ÀS PRESCRIÇÕES DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE, foram os positivistas independentes que, nas últimas décadas do século passado, tornaram possível encontrasse entre nós ressonância política a ação sistemática da igreja e Apostolado Positivista". "Sem êsses positivistas independentes (muitos dos quais ingressaram no magistério superior e secundário, militaram na imprensa, participaram do Governo Provisório, da Constituinte e das assembleias e governos estaduais, além de ocuparem importantes postos no Exército e na Marinha, no alto funcionalismo, na diplomacia e na magistratura) quase nula teria sido a influência política do Apostolado (...)"

É fundamental fazer uma distinção entre os aspectos mais importantes e aqueles que perderam relevância dentro do contexto do positivismo. Um ponto

essencial deste capítulo é destacar o "espírito" positivista e seu método, que visam a formação de um novo tipo de ser humano. O "espírito positivista" se revela como um discurso sobre a compreensão da história humana, centrado nas ciências dos fenômenos e no avanço das tecnologias, com o intuito de transformar a sociedade, a natureza e, principalmente, o próprio ser humano, direcionando-os para um futuro mais seguro e controlável.

Dentro dessa perspectiva, a crença central é que os fenômenos são regidos por leis imutáveis, e essa constatação de imutabilidade se traduz em um aumento da segurança e da utilidade, com as duas características profundamente entrelaçadas à interação entre os indivíduos. Em outras palavras, o positivismo propõe uma visão iluminada e racional das manifestações humanas e naturais, onde a abordagem antimetafísica rejeita as explicações transcendentais e busca a ordem e o controle por meio do conhecimento científico e da aplicação prática dessas leis universais.

No tocante ao método, Bentham (1802-1803, p. 209 apud VOEGELIN, 2019, p. 89) argumenta que a possibilidade de encontrar algum a fim de se tornar

mestre de tudo o que poderia acontecer a certo número de pessoas, arranjar tudo ao redor delas de tal modo que se produzisse nelas a impressão que se quer produzir, tornar-se certo das ações delas, das suas conexões e de todas as circunstâncias de suas vidas, de tal modo que nada pudesse escapar, nem pudesse opor-se ao efeito desejado, não poderia haver dúvida de que um método assim seria muito poderoso a um instrumento útil que os governos poderiam aplicar a vários objetos da mais alta importância".

A citação acima descreve um poder absoluto sobre a vida e as ações humanas, atribuindo à manipulação de circunstâncias externas a capacidade de moldar as percepções, decisões e comportamentos de um grupo de pessoas de maneira sistemática e controlada. Essa visão, em que a realidade das pessoas seria configurada de forma a garantir que seus comportamentos e reações se ajustassem a uma intenção preestabelecida, reflete uma ideia de controle social total, quase um "design" da vida humana, onde nada escapa ao planejamento ou à influência.

O conceito subjacente a essa citação é o de uma intervenção extrema na liberdade individual, em que os indivíduos se tornam peças em um jogo cujas movimentações estão completamente determinadas pelos interesses e desejos de

uma autoridade central. Nesse cenário, o método sugerido não seria apenas uma técnica de gestão de comportamentos, mas uma engenharia social que visa criar uma realidade artificial, na qual os desejos, as decisões e até mesmo as percepções das pessoas são moldados de forma tão meticulosa que se tornam previsíveis e inquestionáveis. Tal abordagem assume que, ao manipular as condições externas e as circunstâncias das vidas humanas, é possível garantir que os resultados, ou seja, as reações e atitudes das pessoas, se alinhem com o objetivo desejado.

No contexto de governos ou de qualquer entidade que busque exercer um controle total sobre seus cidadãos ou membros, esse tipo de método seria visto como extremamente poderoso. O poder de modelar as ações humanas de maneira a garantir a eficácia das decisões governamentais ou políticas seria um instrumento de enorme importância. A ideia de "não haver dúvida" sobre a eficácia de tal método implica em um grau de confiança nas ferramentas de controle social, seja por meio de manipulação de informações, condicionamento, ou outras formas de intervenção direta nas vidas dos indivíduos.

Contudo, essa visão de controle absoluto sobre as ações humanas pode ser questionada sob várias perspectivas. Em primeiro lugar, ela esbarra na questão da liberdade individual. O controle total sobre os comportamentos e as percepções das pessoas não só aniquila a autonomia individual, mas também transforma os indivíduos em meros objetos ou agentes passivos em um sistema onde não há espaço para a escolha, a criatividade ou a reflexão pessoal. A liberdade de pensamento, de agir e de se expressar se torna irrelevante quando todas as circunstâncias da vida de uma pessoa são desenhadas para atender a um único propósito, o que geraria uma sociedade uniformizada, destituída de diversidade de pensamento e de ação.

Além disso, tal método de controle seria, em última instância, desumano. A manipulação das emoções, crenças e decisões das pessoas para que se adaptem a um modelo predeterminado não leva em consideração a complexidade da experiência humana. As relações, as emoções e as convicções que constituem a subjetividade dos indivíduos não podem ser tratadas como simples variáveis a serem manipuladas e ajustadas para se adequar a um resultado específico. Isso transforma a vida em uma espécie de experimento social onde as pessoas não são

vistas como seres livres, mas como elementos de um sistema de controle que visa apenas a eficiência e a conformidade.

Embora a eficiência de um sistema de controle total seja, de fato, inegável — pois ele garantiria resultados previsíveis e totalmente alinhados com os interesses do governo ou de uma autoridade central —, as implicações éticas e filosóficas são extremamente problemáticas. O poder sobre a vida humana não pode ser tratado como uma mera ferramenta de controle político, pois envolve questões profundas sobre a dignidade humana, a liberdade e a autonomia. A possibilidade de controlar todos os aspectos da vida humana revela, portanto, um dilema existencial: o que seria mais valioso, o controle da sociedade ou a preservação da liberdade individual e da complexidade da experiência humana?

Ao questionar a viabilidade de um controle absoluto sobre os seres humanos, essa citação nos leva a refletir sobre os limites do poder governamental e os perigos de desumanização que acompanham a tentativa de uma “engenharia” social em larga escala. Em um mundo onde o controle sobre as ações humanas se torna uma possibilidade concreta, surge uma questão crucial: como o positivismo, com sua ênfase na razão científica e na regulação das leis naturais, poderia ser instrumentalizado para alcançar tal controle social?

O processo de realização dessa teoria, fundamentado na aplicação do positivismo, pode ter alguma chance de sucesso, especialmente se houver um aplainamento de todas as questões que não se encaixam nas possibilidades científicas e tecnológicas aceitas por esse paradigma. No entanto, esse processo não seria suave nem isento de desafios. Ele enfrentaria resistências significativas nos campos político, cultural e econômico, pois entraria em conflito com tradições profundamente arraigadas, às quais milhões de pessoas permanecem fiéis. A tentativa de implementação de um modelo positivista, portanto, exigiria uma transformação radical no modo de pensar e viver das sociedades, o que inevitavelmente geraria tensões e divisões.

Além disso, uma condição fundamental para o sucesso desse projeto é a presença de recursos substanciais e de pessoas influentes nas esferas sociais capazes de promover a agenda positivista. Esses recursos e essas figuras de poder

são essenciais para a disseminação de qualquer manifesto positivista, fornecendo as bases sobre as quais esse projeto pode se expandir e se consolidar. O sistema educacional, por exemplo, se apresenta como um exemplo-chave para a aplicação desse método. Ao introduzir conteúdos e formas de ensino que busquem resultados específicos com o mínimo de variação, seria possível controlar, de maneira eficaz, as ações e crenças dos indivíduos. Esse processo pode ser visto como um tipo de “adestramento”, em que quanto mais cedo um programa de aprendizagem alinhado com os princípios positivistas for implementado, maior será a capacidade de moldar as visões de mundo dos indivíduos, baseadas nas observações, experimentações e cálculos que orientam o positivismo.

Esse controle, porém, não se limita à educação, mas implica em uma mudança profunda nos objetivos dos indivíduos. O positivismo, com seu foco em soluções demonstráveis e mensuráveis, passaria a priorizar a resolução de problemas fenomênicos, como fome, doenças, saneamento, transporte, segurança, direitos humanos, desemprego e analfabetismo. Esses problemas, que são intrinsecamente complexos, seriam abordados de forma sistemática e técnica, ganhando uma chance real de serem solucionados por meio de caminhos bem definidos, com os quais todos poderiam concordar.

Contudo, esse modelo de solução, que privilegia a racionalidade científica e a objetividade, limita o entendimento dos problemas humanos, ao reduzir a complexidade da experiência humana a desafios técnicos a serem resolvidos pela ciência. Assim, a aplicação do positivismo poderia alcançar soluções pragmáticas para questões práticas, mas também estaria imersa em tensões, pois não poderia contemplar toda a amplitude das experiências e dimensões humanas que escapam a uma abordagem puramente racional e técnica.

Voegelin (2019, p. 286-287) argumenta que

a humanidade, ao marchar pela história, finalmente produziu suficientes fatos para observação, de tal maneira que Comte, em retrospecto, pode agora descobrir que a marcha tinha algum sentido, e em particular o sentido de permitir ao próprio Comte discernir-lhe o curso e mapeá-lo para o futuro. Comte chegou ao problema cardeal: como conciliar o processo inconsciente da história com o significado da história; e ele dá ao problema a solução gnóstica: que o significado da história consiste na evolução do espírito humano desde a inconsciência até a consciência do auto entendimento. ‘Não fazemos nada senão

submeter-nos a esta lei (que é nossa verdadeira providência) com compreensão, tornando clara para nós mesmo a marcha que ela prescreve, em vez de sermos empurrados cegamente por ela; e nisto consiste precisamente o grande avanço da filosofia que é reservada à época presente”.

A concepção positivista que propõe para a humanidade tem um poder considerável, principalmente por sua universalidade. O conhecimento positivo, que busca basear-se em observações e em leis demonstráveis, é um conhecimento que transcende fronteiras e é aplicável a todas as sociedades, sem exceção. Não existe sociedade que não necessite das inovações trazidas pelas ciências e tecnologias, sejam elas na área da saúde, transporte, defesa ou alimentação. O positivismo oferece solução prática e eficaz para vários problemas, e sua visão de progresso é irrevogável, pois o desenvolvimento científico e tecnológico não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade inescapável para o avanço da sociedade humana.

Além disso, o gênio positivista é visto como um agente acelerador desse processo inevitável de desenvolvimento do espírito humano. Na concepção marxista, como Federici (2011, p. 58) observa, a liberdade do indivíduo é conquistada quando ele adquire domínio sobre si mesmo e sobre os fenômenos naturais, o que é possível através dos avanços tecnológicos que atendem às necessidades materiais. Para o positivismo, esse domínio sobre a natureza e a própria existência humana é a chave para a emancipação e o progresso.

O propósito da marcha humana, então, não é apenas acumular mais conhecimento verificável, mas também fornecer um guia moral e existencial para os indivíduos. A sociedade deve orientar-se segundo aquilo que está dentro do paradigma positivista, permitindo que tanto indivíduos quanto instituições ajam dentro dos limites do possível e do demonstrável. O positivismo, portanto, se constrói sobre uma série de vertentes, como o cientificismo, o tecnicismo, o otimismo, o historicismo e o materialismo, entre outras, que refletem uma visão de mundo moderna e orientada para a prática e a utilidade.

O positivismo, dessa maneira, busca garantir a estabilidade da sociedade, fundamentada em um entendimento puramente imanente da realidade, e promete a unificação da humanidade sob uma visão comum. Os intelectuais que dominam as

ciências mais avançadas, como a matemática e a física, são os chamados a administrar essa nova ordem, pois têm a capacidade de guiar a sociedade em direção a um futuro mais seguro e racional, onde as complexidades do mundo intramundano possam ser organizadas pelo paradigma positivista.

Lins (1964, p. 244) cita trechos de um discurso de Ferreira Viana em 1882 na Câmara dos Deputados na sessão de 4 de agosto:

quem domina esta massa viva, que se chama - corpo humano é o espírito. Quem domina o espírito, domina o homem; e quem domina o homem pelo espírito, governa a sociedade. Os impulsos vêm do espírito".

A construção de uma comunidade positivista unificada, independentemente das diversas concepções religiosas, políticas, culturais ou filosóficas, surge como um projeto que visa maximizar o poder de certos indivíduos sobre outros. Contudo, a questão que se impõe é: como visões de mundo tão distintas podem se unir sob uma mesma bandeira? A resposta encontra-se na capacidade de resolver problemas por meio de "sistemas especializados", capazes de operar em níveis micro e macro, promovendo soluções pragmáticas para os desafios enfrentados pela sociedade.

No nível macro, um exemplo evidente dessa união é a resposta global à pandemia de Covid-19. A crise sanitária mundial gerou um objetivo comum: a erradicação da doença. Nesse processo, a ciência e a tecnologia se tornaram essenciais, pois sua aplicabilidade prática se estendeu a diversas áreas, como saúde, economia, logística e geopolítica. Nesse contexto, pessoas com crenças e visões de mundo extremamente diversas — budistas, católicos, marxistas, liberais, capitalistas, agnósticos — acabaram se rendendo à necessidade do conhecimento demonstrável e à lógica do paradigma positivista. O que une essas distintas correntes não é a adesão a um corpo de conhecimento específico, mas a aceitação do poder pragmático da ciência e da tecnologia para resolver problemas concretos.

Esse fenômeno revela uma ambiguidade central do positivismo: ele não é uma ciência em si, mas um sistema de poder que se valida pela quantidade de adeptos e pela eficácia de suas soluções. A tecnocracia emerge como a expressão dessa ambiguidade, um regime que concentra o poder nas mãos de especialistas, cujas decisões são fundamentadas em conhecimento técnico e científico. A

tecnocracia, nesse sentido, pode ser entendida como uma nova "religião intramundana", em que a busca pelo bem universal é mediada por aqueles que detêm o conhecimento necessário para administrar as complexas questões do mundo moderno.

Nesse novo arranjo social, os cientistas, técnicos, administradores e empresários de alto escalão se tornam os novos "sacerdotes". Esses indivíduos, considerados os mais capacitados a lidar com os problemas da sociedade, assumem a posição de autoridades que orientam e dirigem as ações coletivas. As massas, por sua vez, se voltam a esses especialistas em busca de soluções para questões fundamentais da vida cotidiana, como saúde, segurança, economia e bem-estar social. Assim, o paradigma positivista e a tecnocracia se consolidam como uma força centralizadora de poder, com a promessa de oferecer respostas universalmente aplicáveis, desde que a sociedade se submeta à autoridade do conhecimento demonstrável.

Essa transição para um modelo tecnocrático traz consigo uma série de implicações profundas. A busca pelo bem universal, longe de ser uma abstração moral ou ética, torna-se um objetivo pragmático, guiado pela aplicação de métodos científicos e tecnológicos. A força do positivismo reside na sua capacidade de produzir resultados concretos, que transcendem as ideologias e as crenças individuais, reunindo uma pluralidade de pessoas em torno de soluções tangíveis.

Com "sistemas peritos", Giddens (1991, p. 30) se refere

a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje. A maioria das pessoas leigas consulta 'profissionais' — advogados, arquitetos, médicos etc., — apenas de modo periódico ou irregular. Mas os sistemas nos quais está integrado o conhecimento dos peritos influencia muitos aspectos do que fazemos de uma maneira contínua. Ao estar simplesmente em casa, estou envolvido num sistema perito, ou numa série de tais sistemas, nos quais deposito minha confiança. Não tenho nenhum medo específico de subir as escadas da moradia, mesmo considerando que sei que em princípio a estrutura pode desabar".

A organização moderna da sociedade é amplamente sustentada por sistemas técnicos que permeiam todos os aspectos de nossa vida cotidiana. De forma explícita ou implícita, a maior parte das pessoas, em sua maioria leigas, interage

com especialistas — advogados, médicos, engenheiros, arquitetos — de forma periódica ou esporádica, buscando suas orientações em momentos específicos de necessidade. Contudo, essa interação, muitas vezes limitada e pontual, não é a única forma pela qual o conhecimento especializado influencia a vida de cada um de nós. A presença contínua e onipresente desses sistemas profissionais vai muito além das consultas formais; ela molda, de maneira sistemática e invisível, as condições materiais e sociais em que estamos inseridos.

Quando alguém entra em sua casa, por exemplo, não está apenas entrando em um espaço físico; está, de certa forma, se inserindo em uma rede de sistemas técnicos e especializados que garantem sua segurança e conforto. O edifício no qual se encontra foi projetado e construído por engenheiros, arquitetos e trabalhadores qualificados. A estrutura da casa, a rede elétrica, a hidráulica e até mesmo o design de seus espaços internos são produtos do trabalho de especialistas. Mesmo que o morador não tenha ciência direta de cada detalhe envolvido, ele confia na competência dos profissionais responsáveis por esses sistemas. Esse sistema de confiança permeia até as ações mais cotidianas e simples, como subir as escadas da residência. Poucos questionam a solidez da estrutura, e, em grande medida, esse tipo de confiança é automático. O fato de alguém se sentir seguro em sua casa, sem temer o desabamento de uma escada ou o funcionamento do sistema elétrico, é a prova de como esses conhecimentos especializados estão entranhados em nossa experiência cotidiana.

No entanto, a confiança no saber dos especialistas não se limita aos aspectos tangíveis da vida material. Ela se estende ao modo como os sistemas sociais e econômicos são organizados, influenciando desde a produção de bens e serviços até a regulação do sistema jurídico e político. Estamos imersos em uma rede de sistemas técnicos, legais, econômicos e sociais nos quais dependemos da competência de profissionais para garantir a funcionalidade da sociedade. Não importa se sabemos exatamente como uma vacina funciona ou como um advogado pode resolver um conflito legal; o que importa é a confiança nas instituições e nos profissionais que detêm esses saberes especializados.

O problema que surge com essa confiança, no entanto, é o risco de uma despersonalização do conhecimento. Ao depender de sistemas especializados e da

competência dos profissionais para garantir nossa segurança e bem-estar, corremos o risco de nos desconectar dos processos que sustentam essas redes e de perder a capacidade de questionar ou entender a fundo as implicações dessas dependências. A confiança na especialização e na competência profissional, embora essencial para o funcionamento da sociedade moderna, também pode gerar uma alienação, na qual o indivíduo se torna cada vez mais dependente dos sistemas sem entender seu funcionamento ou os impactos dessa dependência.

Em última instância, o papel dos sistemas técnicos e dos especialistas é, portanto, ambíguo: eles são indispensáveis para a organização e manutenção da vida moderna, mas também carregam consigo o desafio de criar uma sociedade na qual o saber se torna fragmentado e desconectado da experiência direta do indivíduo. O domínio da técnica e da competência profissional, ao se consolidar como o fundamento das estruturas sociais e materiais, pode tanto ampliar a eficácia e o bem-estar como, paradoxalmente, contribuir para um distanciamento do indivíduo em relação ao mundo ao seu redor, tornando-o, em certo sentido, menos consciente de sua própria capacidade de agir sobre o que acontece à sua volta.

Essa dinâmica, que permeia tanto os aspectos tangíveis quanto os intangíveis da vida cotidiana, nos coloca diante de um novo desafio: como equilibrar o avanço dos sistemas técnicos e especializados com a preservação da autonomia e do entendimento crítico do indivíduo sobre os mecanismos que regem sua vida. É nesse ponto que o debate sobre o papel da ciência, da tecnologia e da especialização se cruza com questões mais profundas sobre liberdade, conhecimento e a relação do ser humano com a sociedade que ele constrói.

## 5. RACIONALIZAÇÃO POSITIVISTA E O FAVORECIMENTO À BUROCRACIA E AO TECNICISMO

O objetivo deste capítulo é analisar as principais consequências da racionalização positivista na formação de um novo tipo de ser humano. Sob o prisma positivista, os seres humanos tornam-se os solucionadores de seus próprios problemas, em um processo de total imanentização de suas capacidades, mediado por mecanismos de controle e orientado por uma mentalidade fenomênica e progressista. O positivismo propõe que o homem deve se submeter a uma realidade reduzida e controlável, com foco na resolução de problemas simplificados, longe das complexidades da "realidade concreta", que são consideradas impenetráveis.

O poder espiritual estará nas mãos dos cientistas (...). "(...) porque (1) têm a capacidade e a cultura intelectual que os fazem competentes para este tipo de trabalho, porque (2) de fato eles dão mesmo agora os portadores do novo espírito porque (3) somente eles na sociedade moderna possuem a autoridade moral que obrigará o povo a aceitar a nova doutrina orgânica e porque (4) de todas as forças sociais existentes apenas a dos cientistas é europeia no caráter". "Apenas o cientista dispõe da autoridade que poderia unificar a nação do ocidente" (VOEGELIN, 2019, p. 289-290).

A citação de Voegelin (2019) sobre o poder espiritual nas mãos dos cientistas ressalta a posição central que a ciência e seus praticantes ocupam dentro do paradigma positivista. A partir dessa perspectiva, os cientistas são os detentores da autoridade para resolver os problemas humanos, pois, além de possuírem a competência técnica necessária, eles são os portadores de um "novo espírito" que pode guiar a sociedade para a "nova doutrina orgânica". Eles são vistos como os únicos capazes de unificar e moldar a sociedade moderna, com sua autoridade moral, conquistada pela ciência, que é considerada a única fonte de verdade e progresso.

No entanto, a racionalização positivista, ao apostar na resolução de problemas simplificados, enfrenta limitações. A ideia de que todos os problemas podem ser reduzidos a questões mensuráveis e controláveis ignora a complexidade das manifestações humanas e da realidade concreta. Os cientistas, ao aplicarem a ciência e a tecnologia, oferecem respostas baseadas em modelos simplificados, mas a realidade é sempre mais complexa e não pode ser totalmente explicada ou

controlada por essas reduções. A confiança nas respostas científicas e tecnológicas, embora válidas em muitos casos, nem sempre garante segurança, pois todo avanço implica riscos inerentes.

Essa redução a um ponto funcional e controlável é uma característica da racionalização positivista, que visa eliminar as questões metafísicas e simbólicas para criar um sistema de conhecimento puramente empírico e experimental. A dessimbolização das manifestações, proposta pelo positivismo, implica na limitação dos significados simbólicos, reduzindo-os a elementos tangíveis, mensuráveis e observáveis, o que enfraquece uma compreensão profunda que os seres humanos podem ter do mundo. Esse processo de simplificação serve para tornar o conhecimento mais manipulável e estável, mas também implica na perda de nuances importantes da experiência humana.

A analogia do navio principal e dos botes de segurança ilustra a relação entre a ciência, a tecnologia e o paradigma positivista. O navio principal representa a ciência e a tecnologia, responsáveis por impulsionar o progresso e o movimento em direção ao futuro. Já os botes de segurança simbolizam o paradigma positivista, que oferece abordagens para lidar com problemas ou controvérsias que possam surgir ao longo do caminho. No entanto, a busca pela conformidade dentro do próprio paradigma positivista pode limitar a criatividade e a inovação, restringindo as soluções a um conjunto fechado de ideias e respostas.

Porém, se os resultados científicos desafiam o paradigma positivista, a solução proposta é a adaptação e a modificação dos dados ou dos métodos. Como Voegelin (2019) argumenta, o "poder espiritual" reside nas mãos dos cientistas, não nos dados brutos, e esses dados podem ser moldados ou ajustados para servir aos fins do paradigma positivista. Nesse sentido, a ciência e a tecnologia são vistas como ferramentas que, embora baseadas na observação e na experimentação, podem ser manipuladas para se ajustarem à visão do mundo dos cientistas. Isso é o funcionamento da racionalização positivista.

Voegelin (2019, p. 288-290) argumenta que

Comte leva a sério seu cientificismo: 'não há liberdade de consciência em astronomia, física, química, fisiologia'; daí não deve haver liberdade de consciência em matérias espirituais e políticas. O povo deve aceitar os resultados da ciência política no mesmo espírito de confiança que aceita os descobrimentos dos físicos"

Esse pensamento, baseado em uma visão estritamente cientificista da realidade, desemboca no tecnicismo, caracterizado pela ênfase em uma racionalização técnica e instrumental da sociedade. Ao colocar a ciência e a técnica como pilares de organização do mundo humano, a racionalidade positivista nega a complexidade das manifestações humanas e suas dimensões transcendentais. O mundo, agora visto como um sistema fechado e autossuficiente, se torna um objeto a ser compreendido, manipulado e regulado de acordo com leis universais e imutáveis. Essa visão imanente, desprovida de qualquer dimensão transcendente, valoriza as ambições materiais e sensuais e passa a tratar o ser humano e suas instituições como partes de um grande mecanismo, regido exclusivamente por leis racionais e científicas.

O tecnicismo, portanto, é um reflexo direto da racionalização positivista. Na busca por um mundo "dominado pela razão", a técnica se torna a principal ferramenta para organizar a sociedade. As práticas científicas e técnicas, ao serem centralizadas em reduzir a complexidade das manifestações humanas a parâmetros mensuráveis, ignoram as dimensões subjetivas, metafísicas e espirituais da existência. Com isso, a sociedade é estruturada de maneira cada vez mais especializada, departamentalizada e regulada, baseada em sistemas de controle cada vez mais detalhados e burocráticos. A técnica, longe de ser um meio para um fim, torna-se um fim em si mesma, regendo a organização da sociedade de maneira mais inflexível e impessoal.

## 5.1 Tecnicismo

. Corção (1963, p. 18) argumenta que

tecnicismo não é o exagero de máquinas ou de aparelhos elétricos; não é a expansão da técnica; e muito menos será o gosto e a admiração pelo progresso técnico que são perfeitamente razoáveis. Não é também o disparate produzido pela falsa inventividade que atravanca a vida de utensílios inúteis. Não. O que chamo de tecnicismo é a transplantação dos métodos, do critério e do estilo, que são próprios da técnica, que são a sua coroa, para os domínios da vida moral. É a ilusão de

resolver os problemas da vida humana como se resolve um problema de linha de transmissão".

A ilusão da qual o autor brasileiro fala é aquela que reduz a resolução dos problemas humanos a um mero acerto técnico, uma combinação de elementos heterogêneos com propósitos determinados, em que a solução final se resume apenas à aplicação dessas técnicas. Se o resultado não corresponder às expectativas, basta testar novas possibilidades de solução técnica até alcançar um ponto considerado adequado. Não há uma tentativa de compreender as manifestações em sua essência, mas apenas de desenvolver ações técnicas para manipulá-las, visando obter resultados dentro de nossa zona de controle, até certo ponto. Isso é o que a concepção moderna da técnica busca, tratando apenas dos fenômenos.

Em outras palavras, o objetivo é encontrar novas formas de facilitar o acesso às possibilidades, diversificando os modelos de ação humana sobre a natureza e a sociedade. Essa busca por possibilidades tecnológicas diz respeito apenas ao que o ser humano é capaz de realizar com o que lhe é apresentado. Essa é uma questão fundamental. Levando essa visão às últimas consequências, o tecnicismo surge, compreendendo as manifestações como peças de uma engrenagem passíveis de serem organizadas pela ação humana, visando não apenas resultados ao alcance da técnica, mas também apostando que esses efeitos podem conferir ao ser humano um poder ilimitado dentro de uma escala limitada.

Para Corção (1963, p. 21), o erro começa

onde se abre a brecha que deixa transvazar o conteúdo moral dos atos humanos, e a monstruosidade cresce na proporção em que se substitui a prudência pela técnica. E esse fenômeno existe, não na prática dos testes pela técnica, mas na filosofia em que a maior parte dos profissionais a envolvem". (...) "A ideia que está na base desse novo evangelho é a que faz do homem um animal apenas mais aperfeiçoado, mas ainda assim, como os inferiores, ordenado a um determinado tipo de operações. Ora, essa ideia é falsa. O homem, pela força do espírito, é extraordinariamente adaptável e capaz de superar moralmente as mais embaraçosas de ajustagens psicológicas. O homem não é monovalente; não nasce especialista como o castor; não se diferencia em tipos simples como as abelhas. Ao contrário, o que é preciso ensinar e propagar é que o homem tem sempre enormes reservas de recuperação, e que é na personalidade moral e não apenas no desabrochar de suas tendências naturais que consiste a sua mais alta realização".

O que Corção (1963) aponta é que a busca incessante por resultados técnicos e a aplicação de métodos impessoais podem minar a capacidade do ser humano de agir com discernimento transformando os indivíduos em peças de um sistema, em que os valores morais e a prudência são substituídos pela mera eficiência técnica.

Essa "brecha" que Corção menciona é uma crítica ao movimento de redução do ser humano a um ser que pode ser aperfeiçoado e ajustado como se fosse uma máquina. Ao afirmar que a ideia central do "novo evangelho" é tratar o homem como um "animal apenas mais aperfeiçoado", o autor rejeita a visão mecanicista da natureza humana, que não reconhece a complexidade, a liberdade e a capacidade moral do ser humano. Além disso, a visão técnica da vida humana ignora a força do espírito humano, sua extraordinária adaptabilidade e a capacidade de superar desafios psicológicos e existenciais de maneira criativa e ética. O ser humano não é um "especialista" rígido, como o castor que constrói sua represa de maneira instintiva, nem uma criatura monovalente, como as abelhas, que atuam de acordo com um instinto limitado e predeterminado.

O autor brasileiro propõe uma visão mais holística do ser humano, que se baseia não apenas na eficiência técnica, mas nas "enormes reservas de recuperação" que o ser humano possui. Essas reservas dizem respeito à capacidade de resiliência moral e ética que transcende as respostas automáticas e técnicas aos desafios da vida. O homem, portanto, é mais do que um conjunto de tendências naturais a serem desabrochadas ou ajustadas. A maior realização humana, segundo Corção (1963), não reside no aperfeiçoamento de suas habilidades técnicas ou instintivas, mas no desenvolvimento de sua personalidade moral, na capacidade de agir com discernimento e responsabilidade.

Disso emerge a pergunta de Corção (1963, p. 78):

Qual será o peculiar atrativo da técnica, que explica o tecnicismo? Ou então: por que será que um certo tipo de civilização desliza insensivelmente da moral para a técnica?" A resposta é que "o homem tem a tentação de trazer para o desarrumado mundo moral os processos que lhe deram tão prodigiosos e nítidos resultados na dominação das coisas exteriores".

A questão colocada — por que um certo tipo de civilização desliza insensivelmente da moral para a técnica — nos leva a uma reflexão sobre o papel da técnica na sociedade moderna e os perigos desse deslocamento. A resposta de que o homem tem a tentação de aplicar à esfera moral os processos que lhe trouxeram tanto sucesso no domínio do mundo exterior sugere um desejo profundo de controle, previsibilidade e eficácia. Esse impulso, aparentemente racional, é uma reação à complexidade e, muitas vezes, à incerteza das questões morais e espirituais.

O ser humano, ao longo da história, foi capaz de conquistar o mundo exterior por meio da técnica, desenvolvendo instrumentos, métodos e sistemas capazes de transformar e dominar a natureza. Essa capacidade de manipular a realidade física, seja na produção de bens, na construção de infraestruturas ou no avanço da medicina, trouxe uma sensação de poder e segurança. Os resultados da técnica, em sua maioria, são tangíveis e de impacto imediato: a criação de tecnologias que melhoram a qualidade de vida, o aumento da produção e eficiência, a conquista de novos territórios e possibilidades. O sucesso palpável dessas realizações gerou uma confiança nas possibilidades da técnica, alimentando a ideia de que, se esses processos são eficazes no mundo material, poderiam também ser aplicados no mundo moral e humano.

A tentação de transferir para o campo moral os mesmos métodos de resolução de problemas que funcionam no campo físico reflete um desejo de simplicidade e controle. O mundo moral, por sua vez, é muito mais complexo e multifacetado, carregando consigo ambiguidades, incertezas, e frequentemente, dilemas éticos que não podem ser facilmente resolvidos por uma simples aplicação técnica. Entretanto, a sedução da técnica reside em sua clareza e objetividade: ela oferece soluções que são vistas como diretas e eficazes. A racionalidade técnica, com seu foco na otimização, no cálculo e na eficiência, proporciona uma ilusão de que a moralidade também poderia ser tratada da mesma forma — como um conjunto de regras e procedimentos a serem seguidos para alcançar os resultados desejados.

Esse deslocamento da moral para a técnica implica uma visão de mundo que reduz as complexidades da natureza humana a algo mensurável, regulável e

manipulável. A moralidade, que envolve valores, sentimentos, escolhas individuais e o cuidado com o outro, se vê, assim, distorcida pela lógica da técnica, que tende a simplificar os problemas e tratar as relações humanas como se fossem apenas mais um conjunto de fatores a serem controlados e organizados. Nesse contexto, questões éticas e sociais podem ser abordadas como "problemas" a serem resolvidos por meio de processos técnicos, sem uma verdadeira reflexão sobre o significado mais profundo dessas questões e sem considerar suas implicações para a liberdade, a dignidade e a subjetividade humana.

Desse modo, outro ponto deste tópico emerge: responder à pergunta de Corção (1963, p. 13):

(...) onde demarcaríamos nós o limite e com que critério determinaríamos nós a barreira que o homem não deve ultrapassar, na ordem da especulação e na ordem prática, para não perder o seu teor de Humanidade?"

A questão nos convoca a refletir sobre os limites da intervenção humana, tanto no plano da reflexão teórica (especulação) quanto no da ação prática, e sobre o impacto dessas ações sobre a própria essência humana. A preocupação de Corção (1963) se volta para os perigos de uma transgressão desses limites, que poderia resultar na perda de aspectos fundamentais da humanidade, como a moralidade, a dignidade e a capacidade de reflexão ética.

Para começar, é preciso compreender o contexto dessa pergunta. Em um mundo cada vez mais dominado por avanços científicos e tecnológicos, surge a tentação de expandir a capacidade humana para áreas em que o ser humano, por sua natureza, pode não ter plena compreensão das consequências de suas ações. O aumento do poder humano por meio da ciência e da técnica pode ser visto como uma forma de domínio sobre a natureza e a sociedade, mas também gera uma interrogação ética: até que ponto esse poder pode ser exercido sem comprometer a própria essência humana?

A questão do limite da especulação está diretamente ligada aos campos do conhecimento e da reflexão intelectual. Corção (1963) sugere que, ao especular sobre o mundo, o ser humano deve tomar cuidado para não ultrapassar um ponto em que a busca pelo saber se distancie das condições que garantem a sua

humanidade. Em outras palavras, o saber não deve se tornar um fim em si mesmo, nem uma ferramenta para manipular a realidade sem consideração pelos valores humanos e éticos. Esse limite envolve a preservação de um senso de responsabilidade moral, de consciência crítica, e da reflexão constante sobre as consequências das ideias e teorias que desenvolvemos. Ao ultrapassar esse limite, a especulação pode levar à desumanização, à objetificação do ser humano e à alienação do seu próprio sentido de dignidade e liberdade.

No plano da ação prática, o limite se torna ainda mais complexo, pois envolve as consequências diretas das ações humanas sobre o mundo e os outros seres humanos. O ser humano, ao agir no mundo, pode alterar profundamente a realidade social, política e ambiental, afetando o equilíbrio natural e a justiça social. Corção (1963) nos desafia a questionar até que ponto a intervenção humana, motivada pela busca de progresso ou por ambições tecnológicas, pode ir sem comprometer a liberdade, a solidariedade e o bem-estar coletivo. Aqui, o limite não é apenas um critério técnico ou pragmático, mas uma questão moral e ética: o homem não deve ultrapassar um ponto em que suas ações resultem na perda de sua humanidade, em que ele se distancie de seus valores mais fundamentais e da sua capacidade de agir com ética e compaixão.

Determinar esse limite, no entanto, não é uma tarefa simples. Não há uma linha clara e fixa que se possa traçar de forma objetiva, pois o conceito de humanidade é, em grande medida, subjetivo e está sujeito a mudanças históricas e culturais. É preciso questionar não apenas o que podemos fazer, mas o que devemos fazer, levando em consideração as implicações de nossas ações no longo prazo e as interações complexas entre os indivíduos e as sociedades.

Um critério possível para determinar esse limite seria o respeito pelos valores éticos universais, como a dignidade humana, a liberdade, a justiça e o bem-estar coletivo. Esses valores servem como referência para que possamos avaliar as consequências de nossas ações e teorias, orientando-nos para decisões que preservem a humanidade em sua complexidade e pluralidade. O limite, então, seria a barreira que nos impede de reduzir a vida humana a um conjunto de operações técnicas ou a um simples mecanismo de produção e consumo, e nos desafia a

manter o sentido de que o ser humano, em sua liberdade e singularidade, não deve ser tratado como um mero objeto manipulável.

## 5.2 Burocracia

O objetivo principal deste tópico é explorar a relação entre a burocracia, conforme descrita na visão weberiana, e o positivismo, bem como suas principais consequências na formação do ser humano. No contexto do positivismo, que enfatiza o conhecimento científico e a racionalidade técnica, as descobertas científicas e os avanços tecnológicos ocorridos nos últimos séculos têm fortalecido os principais poderes que os seres humanos podem adquirir: o poder de eliminar vidas, o poder de acumular riqueza, o poder de controle territorial e o poder sobre comportamentos e concepções. Esses poderes são muitas vezes potencializados pela aplicação de princípios burocráticos, que buscam regular e administrar de forma eficiente as estruturas sociais e institucionais.

Segundo Voegelin (2019, p. 190), o lema nacional-socialista "Wo gehobelt wird, da fliegen Späne" [Onde se aplaina, voam lascas] ilustra que, ao realizar um processo de aplainamento, as lascas inevitavelmente voam. Isso simboliza como, ao tentar moldar ou uniformizar algo, há uma redução nas possibilidades do que está sendo aplainado em certas esferas, ao mesmo tempo em que se ampliam as possibilidades para quem exerce o aplainamento.

Corção (1963, p. 95) argumenta que o esforço em centralizar as decisões no saber técnico e científico

está contido na mensagem de cientificismo e do tecnicismo". "Em vez de super-homem, anuncia-se o sub-homem. E nesse melhor dos mundos a prudência entra na compulsória porque agora compete aos psicólogos, aos atuários, aos pedagogos do reflexo condicionado, aos psicotécnicos das vocações e dos reajustamentos sociais, achar a solução perfeita dos estafantes problemas. A educação se transforma em um adestramento; o casamento deverá submeter-se a laboratórios e à psicanálise; a previdência individual fica dispensada e substituída pela previdência estatal. E assim se conseguirá uma super-sociedade de sub-homens".

O surgimento dos "sub-homens" é resultado da ação de forças externas que moldam o ser humano, impondo-lhe uma visão limitada e restrita da vida. Esse fenômeno simboliza a diminuição da capacidade intrínseca do indivíduo em explorar e compreender a complexidade das manifestações humanas. Em um contexto como

esse, a percepção fica circunscrita ao que é permitido perceber, o estudo se restringe ao que é permitido estudar, e a liberdade de ação e pensamento é delimitada. A liberdade, nesse sentido, é um obstáculo para a construção da "super-sociedade", pois essa sociedade precisa, para existir, da obediência e conformidade dos indivíduos, que são despojados de sua autonomia. A "super-sociedade" idealizada é, portanto, uma construção simbólica, organizada por especializações fragmentadas em departamentos que regulam e padronizam todas as ações e decisões humanas.

A ideia de "sub-homem" é justamente o oposto do ser pleno e autônomo. Ela se refere a um tipo humano desprovido de sua liberdade, individualidade e capacidade de tomar decisões por si mesmo. Conforme indicado na citação, esse indivíduo é submisso a um sistema burocrático, cientificista e tecnicista, onde sua vida é coordenada por especialistas e suas ações determinadas por procedimentos pré-estabelecidos. Assim, o "sub-homem" é o ser que perde sua capacidade de escolha, transformando-se em um ente funcional, controlado e regido por uma lógica impessoal, desprovida de espaço para o exercício da liberdade humana.

Carroll (2020, p.123) argumenta que

o homem de negócios moderno passou a trabalhar apenas em razão do seu negócio, o que é em si um absurdo". "Além disso, as técnicas de racionalidade, que progressivamente tornaram menos arriscados e mais eficientes, assumiram o controle e tornaram-se fins em si mesmos. O símbolo disso é a burocracia moderna, que corre o risco de se tornar uma 'jaula de ferro', um agente da 'petrificação mecanizada'. Na equação decisiva de Weber, a racionalização significa o desencantamento do mundo, a criação de um mundo profano sem espírito e sem sensualidade. Na verdade, é uma teoria sobre *a morte de Deus*".

A burocracia, segundo Weber (1992, p. 351), significa "o tipo tecnicamente mais puro de dominação legal". Que é dominação? De acordo com o mesmo autor significa "a probabilidade de encontrar obediência a uma determinada ordem" (p. 349). Ela implica em um processo de adaptação que permeia toda a sociedade, tornando-se um controle de possibilidades difícil de ser desfeito, como um cadeado na "jaula". Nesse contexto, o saber técnico está intrinsecamente ligado à burocracia, pois é por meio desse conhecimento que se adquire poder e capacidade de influenciar decisões.

A citação apresentada faz uma crítica contundente ao processo de racionalização e burocratização que permeia a sociedade moderna, e que, sob a ótica weberiana, configura um “desencantamento do mundo”. O que o autor alemão chama de “racionalização” não é apenas o avanço da razão técnica, mas a progressiva eliminação de outras formas de conhecimento e de sentido que outrora permitiam ao ser humano uma experiência mais completa e espiritualizada da realidade. A racionalização, portanto, não se limita à implementação de técnicas mais eficientes ou à maximização de lucros; ela transforma o próprio sentido da vida, esvaziando-a de seu significado mais profundo.

O homem de negócios moderno passa a ser um exemplo dessa racionalização. Ele não trabalha mais por vocação - necessariamente -, por uma missão ou por um propósito ético ou existencial; ele trabalha apenas em razão de seu negócio. O trabalho se desvia de sua possível ligação com a realização pessoal ou com o bem coletivo, tornando-se um processo impessoal, mecânico e, muitas vezes, alienante. O “absurdo” mencionado na citação reside justamente no fato de que a própria natureza do trabalho moderno perdeu seu vínculo com os valores humanos e espirituais, reduzindo-se a uma mera engrenagem do sistema econômico.

A racionalização, por sua vez, não se manifesta apenas na esfera econômica ou no mundo dos negócios. Ela se reflete, principalmente, nas estruturas burocráticas que dominam a administração pública e privada. Weber (1992), ao falar da “jaula de ferro”, faz alusão à rigidez imposta pelas normas e procedimentos burocráticos, que não apenas limitam a liberdade, mas desumanizam os indivíduos ao transformá-los em peças dentro de um grande mecanismo impessoal.

A burocracia, tal como descrita por Weber (1992), *grosso modo*, é um sistema de controle que impõe uma lógica de eficiência e previsibilidade, muitas vezes em detrimento das qualidades humanas, como a criatividade, a autonomia e a ética. O risco que ela corre, segundo Weber (1992), é o de se tornar um “agente da petrificação mecanizada”, ou seja, uma força que impede qualquer tipo de movimento ou transformação genuína, tornando o indivíduo cada vez mais prisioneiro de um sistema rígido e sem alma.

Essa racionalização das esferas sociais e econômicas não se limita a aspectos burocráticos ou organizacionais; ela tem implicações profundas para a maneira como o ser humano percebe o mundo. O desencantamento do mundo significa a perda do sentido transcendental e espiritual que antes estava imbricado nas experiências cotidianas. O mundo deixa de ser um espaço de mistério e de possibilidades infinitas, passando a ser visto de maneira puramente utilitária, como um conjunto de recursos a serem explorados de acordo com princípios lógicos e eficientes.

O “mundo profano sem espírito e sem sensualidade” descrito por Weber (1992) é aquele que, após a ascensão da racionalização, desidrata sua dimensão simbólica. O desencantamento do mundo é um processo de secularização, mas não apenas no sentido religioso da palavra. Trata-se de uma secagem do mundo em sua totalidade, uma redução da vida humana a aspectos puramente materiais e funcionais.

Para Weber (1992, p. 350), na burocracia

obedece-se à pessoa não em virtude do seu direito próprio, mas às regras estabelecidas, que estabelece ao mesmo tempo quem e em que medida se deve obedecer. Aquele que manda também obedece a uma regra no momento em que emite uma ordem: obedece à 'lei' ou a um 'regulamento' de uma norma formalmente abstrata. O tipo daquele que manda é o 'superior', cujo direito de mando legitimado pelas regras estabelecidas no âmbito de uma competência concreta cuja legitimação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para a atividade do funcionário. O tipo do funcionário é aquele de formação profissional específica, cujas condições de serviço se baseiam num contrato, com um pagamento fixo, graduado conforme a hierarquia do cargo e não conforme o volume de trabalho e direito de ascensão profissionais em virtude do seu dever objetivo do cargo. O seu ideal é o seguinte: proceder *sine ira et studio*, ou seja, sem a menor influência possível de motivos pessoais e sem a influência de sentimentos de qualquer espécie que sejam, portanto, livre de arbítrios e caprichos, e, principalmente, 'sem considerações às pessoas', portanto, de maneira estritamente formal segundo regras racionais ou, no caso em que elas falham, segundo pontos de vista de conveniência 'objetiva'. O dever de obediência está graduado numa hierarquia de cargos, com subordinação dos inferiores aos superiores, e prevê um direito de queixa que é regulamentado. A base do funcionário técnico é a disciplina".

Na equação decisiva de Weber (1992), esse processo de racionalização é diretamente associado à "morte de Deus", um conceito que se relaciona com o esvaziamento de uma visão de mundo que antes havia sido orientada por valores espirituais e transcendentais. A "morte de Deus" não se refere à morte literal de uma divindade, mas sim ao desaparecimento de um sentido último que guia a existência humana. Quando a racionalização e a burocratização tomam o controle, a referência transcendente que dava sentido e propósito à vida humana é substituída por uma lógica tecnicista e impessoal. Nesse novo contexto, o ser humano, sem a possibilidade de transcender suas limitações materiais, passa a viver uma existência fragmentada, marcada pela despersonalização e pela alienação.

Essa reflexão crítica nos convoca a reimaginar uma sociedade em que o trabalho e a vida humana não sejam reduzidos a processos mecanicistas e impessoais, mas reconheçam a profundidade espiritual e ética do ser humano, capaz de buscar sentidos maiores, de transcender as limitações imediatas e de compreender a complexidade da vida em todas as suas dimensões.

Weber (1999, p. 230) argumenta que

de modo geral, podemos apenas dizer que o desenvolvimento em direção à 'objetividade' racional, ao homem 'profissional' e 'especializado', com seus múltiplos efeitos, é fortemente fomentado pela burocratização de toda dominação. Temos que nos limitar a indicar um componente importante deste processo: o efeito sobre a forma da educação e formação. Nossos estabelecimentos de ensino ocidentais continentais, especialmente os superiores - universidades, escolas superiores técnicas e comerciais e escolas secundárias -, encontram-se sob a influência dominante da necessidade daquela espécie de 'educação' que é criada pelo sistema de exames especiais, cada vez mais indispensável para o burocratismo moderno: o ensino especializado".

Nesse sentido, a modernidade é marcada pela ascensão de formas de dominação racional e legal, que se estruturam em torno de processos de organização e controle, chamada de burocracia. A burocracia é caracterizada pela estrutura hierárquica, pela divisão clara de tarefas, pela padronização de procedimentos e pela impessoalidade nas relações de trabalho. Este movimento em direção à objetividade, que Weber (1992) observa, envolve também a ascensão de um tipo de homem "profissional" e "especializado", que é moldado para atuar em conformidade com essas normas e procedimentos impessoais.

A educação contemporânea é um reflexo direto desse processo de burocratização. Em particular, as instituições de ensino, como universidades e escolas técnicas, passaram a ser organizadas de acordo com os mesmos princípios que estruturam a burocracia. Em vez de um ensino generalista ou voltado para a formação integral do indivíduo, há uma ênfase crescente em um "ensino especializado" que prepara os alunos para funções específicas na sociedade, muitas vezes vinculadas ao funcionamento das organizações burocráticas.

Esse "ensino especializado" é caracterizado pela crescente importância dos exames como mecanismos de avaliação e certificação. O exame, como Weber (1992) menciona, torna-se um componente central da educação, não apenas como uma ferramenta de seleção, mas também como um meio de garantir a padronização dos conhecimentos adquiridos e a conformidade com as exigências de uma sociedade burocrática. O sistema de exames ajuda a determinar quem está qualificado para ocupar determinadas posições dentro da estrutura burocrática, reforçando a ideia de que a educação deve formar indivíduos que possam desempenhar funções especializadas de forma eficiente e impessoal.

Em uma sociedade burocrática, o trabalho não é mais uma atividade multifacetada, mas é segmentado em áreas específicas que exigem treinamento e competências cada vez mais especializadas. As universidades e escolas técnicas, então, não formam mais cidadãos com uma educação ampla e humanista, mas sim especialistas capazes de atuar em áreas específicas de maneira eficiente.

Esse processo, segundo Weber, cria uma tensão entre a especialização e a formação de um tipo de "homem profissional" que perde a flexibilidade e a capacidade de adaptação a diferentes contextos. O profissionalismo se torna, assim, um reflexo da estrutura burocrática que requer indivíduos altamente capacitados para desempenhar funções técnicas e especializadas, mas que muitas vezes carecem de uma compreensão mais ampla do mundo social e das questões políticas ou filosóficas.

A educação passa a ser vista como uma preparação para o mercado de trabalho, em vez de um meio de desenvolvimento integral do ser humano. Essa especialização e objetividade, embora proporcionem uma eficiência em muitos

aspectos, também resultam em uma forma de fragmentação, onde os indivíduos são cada vez mais definidos por suas competências técnicas e especializadas, e não por sua capacidade de refletir criticamente sobre o mundo ou de desenvolver uma visão mais holística de sua condição. Além disso, a crescente padronização da educação, impulsionada pelo sistema de exames, contribui para a homogeneização dos saberes e a diminuição da diversidade de formas de aprendizado. A educação deixa de ser uma experiência formativa para cada indivíduo e passa a ser um processo de conformidade com normas pré-estabelecidas, alinhadas com as necessidades de uma sociedade burocrática.

A “jaula-de-ferro” pervade as manifestações delimitando os objetos de estudo. Segundo Lins (1964, p. 145-146),

(...) as demais também sofriam o influxo da filosofia de Comte, como se vê no volume de Júlio Ribeiro - Traços Gerais de Linguística, de cuja introdução extraio os seguintes tópicos: os meios de investigação e verificação de que dispõe o homem fazem com que o seu conhecimento seja limitado no tempo e no espaço”. (...) “O limite entre o cognoscível e o incognoscível varia incessantemente, acompanhando os meios de investigação: assim, pois, o universo ilimitado vai-se também incessantemente dividindo com relação ao homem em *conhecido* e *desconhecido*”. “Os instrumentos do método experimental são os sentidos e o juízo. Todos os objetos do universo são a sede de manifestações ou fenômenos que se reduzem a seis ordens principais, a saber: 1) fenômenos de quantidade, extensão, forma, movimento ou fenômenos matemáticos; 2) fenômenos do movimento, tamanho, e distância respectiva dos astros, ou fenômenos astronômicos; 3) fenômenos de calor, luz, eletricidade, magnetismo, acústica, ou fenômenos físicos; 4) fenômenos de composição e decomposição, ou fenômenos químicos; 5) fenômenos de organização e vida, ou fenômenos vitais; 6) fenômenos do desenvolvimento das sociedades, ou fenômenos sociais”.

Nesse contexto, há uma análise não apenas do desenvolvimento das ciências, mas também da formação de um sujeito que é, em grande medida, produto da racionalização e da especialização do conhecimento.

Ao refletir sobre a constituição do “conhecimento limitado”, sobre os meios de investigação e sobre as divisões dos fenômenos do universo, é delineado um quadro em que o ser humano, ao buscar entender e dominar o mundo ao seu redor, acaba se tornando um “produto” da estrutura racionalista que o conhecimento científico vai criando. Nesse sentido, a citação não se limita à mera descrição dos métodos de investigação, mas também à caracterização de um tipo humano

moldado pela lógica positivista. Vamos detalhar essa interpretação considerando não apenas as mudanças no campo do saber, mas também as consequências sociais para a formação desse sujeito.

No núcleo da reflexão de Ribeiro está a ideia de que o conhecimento humano é, de fato, limitado pelo tempo e pelo espaço, mas ao mesmo tempo é progressivamente expandido à medida que os meios de investigação e os instrumentos científicos se aperfeiçoam. Essa noção de limite implica que, enquanto o ser humano se vê como o centro da investigação e do conhecimento, sua capacidade de compreensão do mundo está permanentemente contida por suas ferramentas, pelos seus sentidos e pela sua própria capacidade de juízo.

A ideia de um "tipo humano limitado" é crucial aqui. O homem, no pensamento positivista, não é um ser cujo conhecimento é absoluto e imutável; pelo contrário, ele é um ser que vive constantemente à sombra de sua própria limitação. Essas limitações não são vistas como barreiras definitivas, mas como condicionantes, que orientam a trajetória do saber e a própria existência humana. No entanto, o tipo humano que surge dessa condição não é um sujeito passivo diante da realidade. Pelo contrário, ele é alguém que, diante de suas limitações, desenvolve constantemente formas de superar tais restrições, aperfeiçoando suas ferramentas e métodos.

O humano comtiano, portanto, não é um ser transcendental ou essencialista, mas um sujeito que está em constante evolução dentro de um sistema que depende da ciência, da técnica e da racionalização. A construção de saberes especializados, como aqueles descritos na citação, não ocorre apenas no âmbito das ciências naturais, mas também na forma como o ser humano se organiza e se desenvolve. Assim, a evolução do conhecimento torna-se também um processo de evolução do próprio ser humano, que se transforma conforme suas práticas e suas formas de entender o mundo.

Ao descrever os "fenômenos" que o ser humano observa e classifica, divide-se o universo em seis grandes ordens de fenômenos: matemáticos, astronômicos, físicos, químicos, vitais e sociais. Essa divisão não apenas reflete uma organização do conhecimento, mas também propõe uma especialização

crescente. O homem se torna cada vez mais especializado em uma dessas áreas, seja como matemático, astrônomo, físico, químico, biólogo ou sociólogo. Esse processo de especialização é parte da formação de um sujeito que, conforme o avanço do positivismo e da ciência, tende a ser mais fragmentado e a operar dentro de campos de saber cada vez mais limitados.

A especialização, embora vista como um avanço, tem implicações profundas sobre a formação do ser humano. Esse processo transforma o ser humano em um profissional, alguém que adquire um conjunto restrito de competências e habilidades dentro de um domínio específico. Nesse contexto, a educação não serve mais como meio de desenvolvimento humano integral, mas como um treinamento para o mercado de trabalho e para o desempenho de funções especializadas. O "homem profissional" que emerge desse processo não é mais aquele que busca um entendimento holístico da realidade, mas aquele que se conforma com a necessidade de atuar dentro de um campo restrito de saberes.

Os indivíduos se tornam parte de um sistema que valoriza a especialização, a eficiência e o cumprimento de normas. Neste processo, os indivíduos podem se sentir cada vez mais subordinados à lógica impessoal da burocracia, sendo guiados por normas e processos que eles próprios não controlam. O ser humano moderno, com sua visão estreita e fragmentada do mundo, se vê cada vez mais afastado de sua capacidade de questionar o sistema em que está inserido. Em vez de um ser livre e autônomo, ele se torna um funcionário especializado, cuja identidade está atrelada às funções que desempenha.

Esse sujeito, portanto, é duplamente fragmentado: por um lado, ele perde a capacidade de contemplar a totalidade do conhecimento e da experiência humana, e por outro, ele é submisso a um sistema burocrático que exige conformidade e precisão técnica. Essa alienação, vista sob a ótica da filosofia positivista, é tanto uma consequência da racionalização da sociedade quanto uma forma de adaptação do indivíduo a um novo mundo onde o conhecimento é cada vez mais especializado.

Apesar de toda essa limitação e fragmentação, o pensamento positivista de Ribeiro não vê a especialização e a racionalização como processos negativos em si

mesmos. Pelo contrário, ele vê o desenvolvimento do conhecimento como uma evolução contínua, em que cada avanço das ciências permite a ampliação das fronteiras do cognoscível. O sujeito que surge dessa evolução é alguém que constantemente desafia seus próprios limites e busca expandir suas capacidades. Porém, isso não ocorre sem implicações: o tipo humano que se forma é alguém cada vez mais tecnicista e especializado, mas também cada vez mais distante de uma visão holística da realidade.

Essa visão fragmentada e especializada do homem, portanto, traz consigo uma ambiguidade: enquanto o conhecimento se expande e o sujeito se torna mais capaz de compreender fenômenos específicos de forma mais precisa, a capacidade de compreender o todo e de questionar o sistema em que está inserido diminui.

## 6. DAS CONCEPÇÕES ÀS CONCEPÇÕES DO EDIFÍCIO

Ao direcionar a formação de indivíduos para aspectos específicos de suas capacidades, inevitavelmente limita-se o desenvolvimento de outras potencialidades humanas. Este processo de restrição antecede a própria formação, uma vez que a exclusão de determinados elementos já impõe um delineamento das características do tipo humano resultante. Assim como, ao traçar um desenho, é necessário evitar certos traços que poderiam alterar a forma desejada, a formação humana passa por uma seleção de direções e habilidades a serem priorizadas. Esse processo de escolha, fundamental para a construção da identidade e do potencial de cada indivíduo, reflete, de forma mais ampla, as intenções e os projetos educacionais instituídos pelas organizações responsáveis pela formação.

No caso do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), essa seleção e priorização de habilidades e competências estão claras no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), vigente no período de 2019 a 2023. O IFMT, como parte do sistema de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, tem como missão formar profissionais qualificados, aptos a atuar nas mais diversas áreas do conhecimento, com especial atenção à inovação tecnológica. Ao longo de sua história, o Instituto Federal de Mato Grosso se consolidou como um importante centro de ensino, pesquisa e extensão no estado.

### 6.1 Fase embrionária

O cenário em que o embrião do instituto se desenvolveu é situado em um ambiente de confrontos militares. Segundo Kunze (2006, p. 14-15),

durante o processo de formação do Estado brasileiro foram organizados Arsenais de Guerra destinados à sua proteção nas províncias consideradas pontos estratégicos do reino, como as da Bahia, Mato Grosso, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Para uma província localizada numa região de fronteira como a de Mato Grosso, num momento em que estava ocorrendo movimentos separatistas e confrontos bélicos com nações limítrofes, a presença militar se justificava, e a existência de uma instituição como aquela significava a salvaguarda da fronteira oeste brasileira”.

O embrião do Instituto, como mencionado no texto, surge em um período de intensa militarização e necessidade de defesa das fronteiras nacionais. O fato de a educação estar ligada a um arsenal de guerra indica que, inicialmente, a formação institucional estava profundamente conectada aos interesses de segurança do Estado. A função educacional, então, não se restringia apenas à formação intelectual, mas também estava atrelada ao fortalecimento das fronteiras, tanto físicas quanto simbólicas, do Brasil. Esse tipo de instituição, portanto, não pode ser visto apenas como um centro de ensino, mas como uma estrutura estratégica dentro de um projeto maior de autossuficiência e soberania nacional.

A localização de Mato Grosso em uma região de fronteira, num período de tensões políticas e militares, coloca a província em um cenário de constante vigilância e resistência. Os confrontos entre nações nessa época faziam emergir a necessidade da unidade territorial brasileira no período e a necessidade de reforço das instituições nas regiões periféricas. O Instituto que surgiria no contexto de Mato Grosso pode ser compreendido como uma resposta a essa situação de fronteira, ajudando a consolidar a presença do Estado em áreas distantes dos centros de poder.

A militarização de espaços como os arsenais de guerra e as instituições educacionais reflete uma visão utilitária e pragmática da formação. O tipo humano que seria forjado nesse contexto teria uma formação voltada para a disciplina, a hierarquia.

Com a criação do Arsenal em 1832 em Cuiabá, Kunze (2006, p. 14-15) argumenta que um dos objetivos era

o abastecimento das tropas militares sediadas em território mato-grossense e, pela Lei do Ministério da Guerra n° 85, de 26 de outubro de 1839, que organizou no seu interior a Companhia de Aprendizes Artífices, passou também a servir de abrigo a instituição educacional para meninos pobres". (...) "As vagas, que até 1850 eram 25 e a partir daí aumentaram para 50, foram limitadas e definidas de acordo com a lei de orçamento para as despesas da Companhia. Por isso, o seu preenchimento se dava a partir do recrutamento autorizado pelas autoridades competentes e mediante análise das petições dos autores e dos requerimentos dos familiares dos menores". (...) "Conforme a organização do ensino, os internos tinham aulas de primeiras letras - leitura e escrita, desenho linear e religião - e eram inseridos nos trabalhos das oficinas necessárias ao Arsenal,

considerando-se as suas aptidões, inclinações e condições físicas para a aprendizagem de um ofício dentre os de carpinteiro, ferreiro, seleiro, funileiro, sapateiro, alfaiate, latoeiro, torneiro, armeiro, espingardeiro, coronheiro e tanoeiro. Ingressando como aprendizes, eram formados para serem artífices e, até mesmo, mestres de oficinas”.

Kunze (2006, p. 15) continua explanando que

essa experiência de ensino profissional perdurou por quarenta anos em Mato Grosso e teve seu fim com a extinção da Companhia de Aprendizes Artífices do Arsenal de Guerra em 13 de janeiro de 1899, por determinação do Decreto nº 3195”.

Silva (2001, apud KUNZE, 2006, p. 15) argumenta os objetivos entre a Companhia de Aprendizes Artífices do Arsenal de Guerra e a Companhia de Aprendizes Artífices do Arsenal da Marinha de Mato Grosso eram os mesmos,

UTILIZAVA O DISCURSO DE QUE A REGENERAÇÃO E A RETIRADA DA POPULAÇÃO LIVRE E POBRE, BEM COMO DAS SUAS NOVAS GERAÇÕES, DO DESTINO DOS VÍCIOS E CRIMES, PELO CAMINHO DO TRABALHO, ERA A ÚNICA ALTERNATIVA PARA SUA ASCENSÃO SOCIAL”. “Funcionando em Cuiabá de 1857 a 1878, foi então transferida para Ladário, cidade situada no sul do Estado, e lá permaneceu até sua extinção”.

Ato contínuo, Kunze (2006, p. 17) argumenta que

com o advento da implantação da República, em fins do século XIX, o governo central republicano, que estava se instituindo, promoveu a extinção daquelas Companhias e, em consequências, as experiências de educação profissional de característica militar criadas pelo antigo governo imperial foram suprimidas”. (...) “Essa decisão ocorreu como consequência da reorganização de toda a estrutura administrativa do país que pretendia estabelecer as medidas necessárias à consolidação e prosperidade do novo regime político”. (...) “AS MUDANÇAS OCORRIDAS DIMINUÍRAM A OFERTA DO ENSINO PROFISSIONAL EM MATO GROSSO QUE PASSOU A CONTAR SOMENTE COM O ATENDIMENTO DE UMA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA”.

As citações revelam uma história complexa sobre a formação educacional em Mato Grosso durante o período imperial brasileiro, com ênfase na interação entre educação, militarização e questões sociais. A partir dessa narrativa, é possível extrair insights sobre a relação entre as instituições educacionais e a construção do Estado, especialmente em uma região periférica como Mato Grosso.

O discurso utilizado pelas Companhias de Aprendizes Artífices, tanto do Arsenal de Guerra quanto do Arsenal da Marinha, evidencia uma visão de educação como um meio de regeneração social. O foco da instituição era retirar os jovens de uma trajetória de "vícios e crimes", oferecendo-lhes uma alternativa de ascensão social através do trabalho. Isso reflete uma concepção de educação pragmática, voltada para a qualificação profissional e para a integração de populações marginalizadas à sociedade por meio de habilidades técnicas. A ideia de "ascensão social" também remete à mobilidade econômica, colocando a educação como uma estratégia para garantir o acesso a melhores condições de vida e emprego.

Esse tipo de educação, com forte vínculo com o mercado de trabalho, delineia um modelo em que os indivíduos não eram apenas formados para o exercício de ofícios, mas também eram socializados dentro das estruturas de disciplina e hierarquia próprias de um sistema militar. A escolha de ofícios relacionados ao Arsenal de Guerra — carpinteiro, ferreiro, armeiro, entre outros — destaca a necessidade de mão de obra especializada para a manutenção das forças armadas, mas também evidencia a função da educação na formação de trabalhadores militares e artesãos.

Segundo Francisco (1998, p. 117-118 apud KUNZE, 2006, p. 17-18),

a Congregação Salesiana, oriunda do norte da Itália e fundada em 1859 como Sociedade São Francisco de Sales, chegou em Mato Grosso em 18 de junho de 1894 com o objetivo de prestar seus serviços de catequese e pacificação dos indígenas. No ano de 1896 instalou em Cuiabá, em um imóvel doado pelo governo do Estado, o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo. Atuando em duas frentes, essa escola ofereceu às 'elites dirigentes' o curso de Ciências e Letras e às 'massas populares', o curso profissional com as oficinas de alfaiataria, ferraria, carpintaria e curtição de couro". "(...) A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO REALIZADA NO INTERIOR DO LICEU CUMPRIU AS FUNÇÕES DE RECUPERAR A INFLUÊNCIA REGULADORA DA IGREJA JUNTO ÀS CAMADAS MAIS POBRES DA POPULAÇÃO, DE FORMAR MÃO-DE-OBRA ÀS DEMANDAS DO PROCESSO MODERNIZADOR E TAMBÉM AS INDIVIDUALIDADES ORDEIRAS E 'CONFORMADAS' COM OS PAPÉIS E FUNÇÕES QUE PRECISAM DESEMPENHAR NO CORPO SOCIAL". (...) "Durante quatorze anos (1896-1909), essa instituição religiosa manteve a unicidade da oferta desse ensino na região, até que no ano de 1909, por um ato do governo federal no bojo das mudanças administrativas estabelecidas, foi criada uma rede de escolas públicas de aprendizes artífices. Esse foi o resultado da instauração da primeira política nacional de educação profissional para um país, cujo objetivo era se tornar

industrializado e modernizado para se equiparar às nações civilizadas”.

A expressão “educação para o trabalho” defendida pela Congregação Salesiana estava profundamente vinculado à ideia de funcionalizar a educação, ou seja, formar trabalhadores para atender às necessidades de um país que se dirigia para o processo de industrialização e modernização. No entanto, essa educação tinha um caráter limitador, pois ao formar as camadas populares para funções técnicas, ela não oferecia aos indivíduos a oportunidade de ascensão social ou de contestação das desigualdades estruturais da sociedade.

A criação das escolas públicas de aprendizes artífices também representa a centralização das políticas educacionais pelo Estado, que agora assumia o papel de garantir a formação de trabalhadores capacitados para atender às demandas do processo de industrialização. Esse movimento, além de marcar uma mudança no modelo de ensino, também reflete a mudança de foco das políticas educacionais no Brasil, com a transição do ensino técnico e religioso para o ensino público profissional, visando a transformação do país em uma nação mais moderna e industrializada.

Em síntese, a presença da Congregação Salesiana e a fundação do Liceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo em Mato Grosso revela uma estratégia de educação voltada para a formação de uma sociedade hierarquizada, em que as camadas populares eram preparadas para funções técnicas e subalternas, enquanto as elites eram preparadas para liderar os processos políticos e sociais. A transição para as escolas públicas de aprendizes artífices reflete não apenas uma mudança na estrutura administrativa e educacional do Brasil, mas também um movimento em direção à industrialização e modernização, onde o Estado se torna o principal responsável pela formação dos trabalhadores que iriam atender às necessidades da nova ordem social e econômica.

## 6.2 Escola de Aprendizes Artífices

Segundo Kunze (2006, p. 31),

(...) o fato é que em 23 de setembro de 1909 o Presidente da República, Nilo Procópio Peçanha, expediu o Decreto nº 7.566 criando em cada capital do país uma escola de aprendizes artífices com o objetivo de oferecer o ensino de ofícios referentes às especificidades industriais dos estados”.

A criação dessas escolas foi um marco na história da educação profissional no Brasil, representando a primeira política nacional voltada para a formação técnica e profissionalizante em larga escala. A iniciativa visava proporcionar oportunidades de aprendizado e qualificação para os jovens, contribuindo para o desenvolvimento da indústria e da economia do país, além de promover a inclusão social e a ascensão profissional de jovens provenientes de camadas menos privilegiadas da sociedade.

Segundo Brasil, (1913, p. 445), os motivos se deram por conta que

(...) o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existências; que para isso se torna necessário não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual , como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadão úteis à Nação (...).”.

Segundo Brasil (1918, p. 371-373),

essas escolas, criadas em 1909, vêm prestando ao país um serviço utilíssimo que abrange, ao mesmo tempo, o ensino primário e o adestramento de gerações de futuros operários nas diferentes artes industriais”. “O PROBLEMA DO ENSINO TÉCNICO É PARA QUALQUER NAÇÃO DO MUNDO A PRÓPRIA QUESTÃO DO SEU EVOLUIR E DA SUA GRANDEZA ECONÔMICA”. “NA LUTA DAS COMPETIÇÕES VENCEM UNICAMENTE OS POVOS ESPECIALIZADOS DE ACORDO COM AS EXIGÊNCIAS DAS INDÚSTRIAS MODERNAS”.

O decreto de 1909 e a criação das escolas de aprendizes artífices podem ser vistos como um reflexo da visão utilitarista do governo republicano sobre a educação: ela deveria ser voltada para a formação de trabalhadores especializados, ou seja, mão de obra técnica que atendesse às exigências das indústrias modernas. Ao mesmo tempo, essa educação se configurava como uma forma de controle social, moldando a força de trabalho e moldando um tipo de cidadão que cumpriria com o papel esperado em uma sociedade em transformação.

O ensino técnico não só formava operários, mas também disciplinava o caráter do trabalhador, alinhando-o às exigências da modernidade e ao progresso da nação. No entanto, ao fazer isso, a educação não se limitava a desenvolver habilidades técnicas, mas também passava a ser um instrumento de ascensão social limitada, dada a forte ênfase na moralização e no afastamento das camadas populares dos problemas sociais. Assim, a educação técnica de 1909 era, antes de tudo, um reflexo das necessidades econômicas do país, mas também um mecanismo de ordem social.

### 6.3 Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) de 2019, como apresentado pelo próprio documento (IFMT, 2019, p. 18), configura-se não apenas como um instrumento de política educacional, mas também como uma expressão das múltiplas transformações que caracterizam a sociedade contemporânea. Ao afirmar que o PDI reflete as mudanças ocorridas nos últimos anos, o instituto demonstra um entendimento da educação como um processo dinâmico, que precisa evoluir constantemente para se adequar às novas demandas e desafios sociais, econômicos e tecnológicos.

Nesse contexto, o IFMT adota uma perspectiva progressista, que vai além da simples adaptação, buscando uma evolução contínua em sintonia com as transformações externas. Ao entender que o progresso está diretamente vinculado à capacidade de acompanhar e absorver mudanças, o instituto se posiciona como um agente ativo na formação de cidadãos que não apenas respondem às necessidades de um mundo em constante mutação, mas também contribuem para esse movimento de transformação. Este foco na atualização constante reflete uma visão

de que o conhecimento não é algo estático, mas deve ser flexível e atualizado, para que os indivíduos formados pelo IFMT sejam capazes de enfrentar os desafios contemporâneos de uma sociedade cada vez mais dinâmica.

Essa concepção está intimamente ligada à visão de que o desenvolvimento de um país está diretamente relacionado à formação de profissionais capacitados, mas não apenas com habilidades técnicas, e sim com competências que permitam aos indivíduos se adaptarem a um mundo em que as transformações tecnológicas e sociais são a regra, e não a exceção.

O avanço tecnológico, como é amplamente reconhecido, tem sido um fator central nas transformações que definem as sociedades modernas, mas ao mesmo tempo, também é um dos principais motores das desigualdades. O IFMT (2019), ao se posicionar contra as desproporções sociais, econômicas e intelectuais geradas por essas novas tecnologias, adota uma postura crítica e propositiva. Ao oferecer educação pública de qualidade, o IFMT busca não apenas qualificar tecnicamente seus alunos, mas também proporcionar uma formação cidadã, que ajude a reduzir as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

Nesse sentido, o instituto não se limita a ser um centro de formação técnica; ele se coloca como um instrumento de transformação social. A formação oferecida pelo IFMT visa criar indivíduos capazes de contribuir para o avanço coletivo, ao mesmo tempo em que adquirem uma consciência crítica em relação às desigualdades sociais. A educação, nesse caso, é vista como uma das principais ferramentas para a redução das disparidades e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A estrutura do IFMT, conforme estabelecida pela Lei nº 11.892/2008, é apresentada como uma rede de atuação ampla, espalhada por diversos municípios do Estado de Mato Grosso, com um currículo diversificado, que atende a diferentes realidades locais e às necessidades específicas de cada comunidade. A atuação dos servidores, que desempenham um papel central na execução do conteúdo programático e na gestão institucional, garante que a transformação educacional proposta seja efetiva. São esses servidores que asseguram que os alunos passem por um processo contínuo de transformação educacional, levando-os à capacitação

técnica e ao desenvolvimento de competências essenciais para o exercício de suas profissões.

Por outro lado, os estudantes são descritos como beneficiários principais dessa jornada, mas também como agentes ativos da transformação. Ao ingressar no IFMT, eles passam a fazer parte de uma rede de mudanças, em que sua formação individual contribui para um movimento maior de transformação social. O efeito multiplicador dessa dinâmica é destacado: à medida que os alunos concluem sua formação e se tornam egressos, eles não apenas carregam consigo as competências adquiridas, mas também contribuem para a formação de uma sociedade mais qualificada e capacitada, em que as mudanças sociais são fomentadas por meio da educação tecnológica e científica.

O IFMT pode ser interpretado, portanto, como uma verdadeira máquina de transformação. Sua estrutura e funcionamento garantem que as engrenagens do processo educacional se movam de forma eficaz, ampliando constantemente a formação de novos indivíduos e fortalecendo o impacto da educação na sociedade. O número significativo de ingressantes, juntamente com o processo contínuo de formação e egressos, contribui para a expansão do impacto social da instituição. Cada ciclo de formação não apenas reforça a missão do IFMT, mas também aumenta a capacidade de atuação da instituição na transformação social, permitindo que o conhecimento adquirido pelos alunos seja disseminado e utilizado para o avançar coletivo da sociedade.

Segundo Manacorda (2000, apud IFMT, 2019, p. 46)

o homem não nasce homem', mas vai se formando ao longo da vida ou, 'talvez o homem nasça homem, mas apenas enquanto perspectiva'. Em ambos os casos, ele aponta que a aprendizagem, a educação, num contexto social adequado, é que permite a ele as experiências, noções e habilidades que o permitirão executar atos 'tanto humanos quanto não naturais, como o falar e o trabalhar segundo um plano e um objetivo'".

A reflexão proposta, que sugere que "o homem não nasce homem", mas se forma ao longo da vida, ou ainda, "talvez o homem nasça homem, mas apenas enquanto perspectiva", destaca um ponto fundamental sobre a natureza da humanidade e o processo de formação do indivíduo. Essa ideia remete a uma

compreensão filosófica e antropológica da condição humana, em que o ser humano não é visto como uma entidade predeterminada ou imutável desde o seu nascimento, mas sim como um ser em constante construção e desenvolvimento, cujo potencial humano se realiza a partir das experiências e contextos nos quais ele é inserido.

A chave dessa interpretação está na ideia de que a aprendizagem e a educação desempenham um papel central na constituição do ser humano. O homem, como ser social, não se define por um conjunto fixo de características inatas, mas pela experiência social, cultural e educacional que adquire ao longo da vida. O autor sugere que o ser humano, ao ser inserido em um contexto social adequado, é capaz de desenvolver habilidades e competências que o transformam em "homem", ou seja, o tornam plenamente humano no sentido mais amplo da palavra.

A ideia de que o homem nasce apenas como "perspectiva" e se realiza ao longo da vida sugere uma visão do ser humano como um projeto em aberto. Em vez de ser um ente fixo e predeterminado, o ser humano é compreendido como um ser em processo de realização, que se constrói a partir das interações com o meio social e com as condições de vida às quais está exposto. Essa perspectiva desafia concepções essencialistas do ser humano e sugere que a educação não deve ser vista apenas como um meio de transmitir conhecimento, mas como um processo contínuo de desenvolvimento humano.

O Instituto Federal de Mato Grosso considera o indivíduo, essencialmente, definido como trabalho (IFMT, 2019, p. 46). Isso significa que o indivíduo é visto como uma possibilidade em constante mudança. O trabalho é considerado um ato neutro que possui o potencial de gerar uma variedade de resultados.

Primeiramente, ao definir o indivíduo como "trabalho", o IFMT está abordando a dinamicidade da identidade humana, sublinhando que o ser humano não é um ente estático, mas um projeto em construção. O trabalho, nesse contexto, não se limita apenas à função produtiva ou técnica, mas se configura como um processo contínuo de transformação e realização pessoal. Assim, a identidade do indivíduo, ao ser entendida como trabalho, está ligada à sua capacidade de adaptação,

aprendizado e desenvolvimento ao longo da vida. Em vez de um ser fechado, com uma identidade pré-determinada, o sujeito é considerado um ser em movimento, que se redefine a partir de suas experiências e da atuação no mundo.

O conceito de trabalho aqui não deve ser reduzido ao simples ato de executar uma tarefa ou de produzir bens materiais. Em um contexto educacional, o trabalho pode ser visto como uma metáfora da ação humana. Ele representa não apenas o exercício físico ou intelectual de um ofício, mas também a capacidade de moldar o próprio destino e de contribuir para o desenvolvimento social e coletivo. O trabalho, então, é uma forma de expressão do ser humano, que, ao colocar suas habilidades em ação, constrói sua identidade e sua relação com a sociedade.

O instituto educacional, ao adotar essa perspectiva, coloca o trabalho como centro da formação. Nesse sentido, os alunos não são vistos como apenas receptores de um conhecimento técnico, mas como agentes ativos de sua própria formação, em processo de aprendizagem constante. Isso implica em uma abordagem que estimula o desenvolvimento de competências, mas também em uma postura que busca formar cidadãos dinâmicos.

Este "trabalho", enquanto aspecto definidor do ser humano, coloca o estudante em uma posição de protagonismo sobre sua própria trajetória, mostrando-lhe que, por meio da educação e do esforço contínuo, ele tem a capacidade de transformar a si mesmo e à sociedade ao seu redor.

O sujeito a ser formado pelo IFMT é o "omnilateral. Ou seja, a formação do homem para atingir a sua plena capacidade produtiva, de consumo e prazeres, onde o gozo dos bens materiais e espirituais deve ser considerado" (IFMT, 2019, p. 47). Aí está a dimensão perene e substancial do homem, enquanto que a cultura, a religião, a metafísica e outros aspectos devem gravitar em torno. É no desenvolvimento do tecido histórico que todas as realizações humanas têm lugar, e é nesse tecido que se encontra a visão de uma sociedade ideal, igualitária, racional, burocrática, científica, tecnológica, materialista e flexível.

No entanto, o tipo de indivíduo a ser formado pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) permanece como uma incógnita a ser explorada nas entrevistas. Nesse contexto, o termo "homem", empregado pelo instituto, deve ser entendido

como uma figura de linguagem, não como uma descrição literal. Sob a ótica da filosofia de Voegelin, o “homem omnilateral” é uma abstração do “homem concreto”. Essa abstração serve para representar o indivíduo, oferecendo uma caracterização que, embora suficiente para sua identificação, não o esgota completamente. Trata-se de um símbolo que abre um leque de possibilidades, englobando tanto concepções imanentes quanto transcendentais acerca da natureza humana, ampliando suas dimensões, particularmente as verticais.

A abordagem positivista do mundo contemporâneo reconhece que a ciência e a tecnologia desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento das potencialidades criativas do ser humano. O IFMT, alinhado com essa visão, adota a compreensão de Costa (2010), para quem "o homem é dotado de vontade e isso o impulsiona a inovar, a fazer ciência". Assim, a vontade humana não apenas impulsiona o trabalho intelectual, mas também o físico, sendo a força propulsora de grandes avanços científicos e tecnológicos.

O instituto, portanto, reconhece a importância desse progresso e busca oferecer as condições necessárias para que os indivíduos desenvolvam suas capacidades criativas, propiciando uma formação que não só os prepare para o mercado de trabalho, mas também os inspire a inovar. Através de sua proposta educativa, o IFMT visa capacitar seus estudantes a explorar seu potencial criativo, incentivando a participação ativa na produção científica e tecnológica. Desta forma, a instituição contribui para o aprimoramento contínuo da sociedade, promovendo uma evolução na ciência e na tecnologia, e alinhando-se com a crescente necessidade de transformação e adaptação no mundo moderno.

Segundo o IFMT (2019, p. 49),

(...) a fim de trilharmos os caminhos que nos levem à construção daquilo que idealizamos como práticas pedagógicas contributivas na formação de um projeto de homem e de sociedade, nas perspectivas autônoma e emancipatória". "(...) torna-se imprescindível interagir com a tendência crítica da pedagogia que se caracteriza pela prática pedagógica dialógica, reflexiva e transformadora, com vistas a contribuir para um processo de formação e transformação social. Pretende-se cultivar esse processo de formação no cotidiano dos campi do IFMT para que se ressignifique os processos de assimilação e de produção do conhecimento, de modo que cada vez mais se encontrem experiências que privilegiem as práticas libertadoras, contribuindo para a dissipação das práticas bancárias e autoritárias (...)"

## **7. TIPO HUMANO DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO (CAMPUS CUIABÁ)**

A pesquisa acadêmica, ao buscar compreender as complexidades humanas e os fenômenos que as permeiam, visa explorar as diferentes facetas de contextos educacionais específicos, como o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Dentro dessa abordagem, torna-se crucial desvendar o tipo humano formado pela instituição, especialmente sob a ótica de um modelo educacional positivista, que prioriza a ciência e a técnica como elementos fundantes da educação e da formação do indivíduo. No caso do IFMT, o tipo de sujeito formado por suas práticas pedagógicas tem grande relevância para entender como o instituto contribui para a construção de um indivíduo capaz de aplicar e disseminar o conhecimento técnico e científico na sociedade.

Neste contexto, a entrevista semiestruturada se apresenta como uma metodologia essencial para revelar as experiências, percepções e trajetórias dos discentes que passam pelo IFMT. Sua flexibilidade permite que sejam exploradas as complexidades dos participantes, proporcionando uma visão aprofundada de como eles percebem o processo de formação e como a instituição, com sua forte ênfase no desenvolvimento científico e tecnológico, influencia essa formação.

Foram realizadas entrevistas com alunos do campus de Cuiabá, representando diferentes estágios da formação no IFMT: três discentes do último ano do ensino médio, um do segundo ano e um aluno do curso de Bacharelado em Engenharia da Computação. Essas entrevistas buscavam não apenas captar as impressões pessoais dos entrevistados, mas também identificar os padrões e as tendências emergentes dentro da formação técnica e científica oferecida pela instituição. O objetivo é compreender como os alunos estão sendo moldados para atuar dentro do paradigma positivista, ou seja, como eles absorvem e aplicam o conhecimento técnico e científico de forma pragmática, visando à resolução de problemas práticos e à aplicação direta desse saber na sociedade.

A análise dos dados coletados nas entrevistas revelou importantes insights sobre o tipo humano projetado pelo IFMT. Sob a ótica do positivismo, o indivíduo formado no instituto é o reflexo de uma educação que visa a transformação do aluno

em um sujeito produtivo, capaz de lidar com os desafios do mundo contemporâneo por meio da aplicação da ciência e da tecnologia. Essa formação, longe de ser estática, é entendida como um processo contínuo, no qual o aluno é constantemente incentivado a aplicar seu conhecimento de forma prática, contribuindo para o avanço científico e tecnológico.

Neste processo formativo, a instituição adota uma pedagogia que se distancia das abordagens tradicionais e bancárias de ensino, nas quais o aluno é apenas receptor passivo de conteúdos. A partir da visão positivista, o papel do educador é o de mediador e facilitador do aprendizado, promovendo a experimentação, a aplicação prática do conhecimento e a resolução de problemas por meio de abordagens científicas e técnicas. O IFMT, portanto, se compromete a formar indivíduos que não apenas dominam teorias, mas que são capazes de usá-las como ferramentas de transformação social e desenvolvimento científico.

A abordagem ética da pesquisa também deve ser destacada, uma vez que a garantia de anonimato dos entrevistados é fundamental para a obtenção de respostas genuínas. Esse compromisso permite que os participantes compartilhem suas experiências de maneira autêntica, o que enriquece a qualidade e profundidade dos dados coletados. Além disso, a análise dos dados se faz a partir de uma visão holística, reconhecendo as diversidades de experiências e influências, sem perder de vista a proposta central de identificar o tipo humano formado no IFMT, dentro do contexto do modelo positivista.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFMT orienta a formação oferecida, destacando a importância da ciência e da tecnologia na resolução de problemas e no desenvolvimento de soluções inovadoras. Esses princípios estão fortemente alinhados com a concepção positivista, que defende a primazia do conhecimento técnico-científico como instrumento para a melhoria das condições sociais e para o progresso da sociedade como um todo. O PDI, portanto, não define de maneira rígida o tipo de ser humano que o IFMT deseja formar, mas serve como um guia para moldar indivíduos que possuam um conjunto de habilidades práticas, científicas e tecnológicas.

Em relação ao tipo humano formado pelo IFMT, é importante ressaltar que as conclusões extraídas das entrevistas são limitadas a um grupo específico de discentes e a um campus particular, e, portanto, não podem ser tomadas como representações universais. Para uma análise mais completa e abrangente, seria necessário um estudo mais amplo, que envolvesse um número maior de alunos de diferentes campi, de modo a capturar a diversidade de experiências e influências que moldam o aluno do IFMT.

A pesquisa não se propõe a identificar todas as forças que influenciam a formação do indivíduo no IFMT, já que fatores como influências familiares, culturais e econômicas também desempenham papéis importantes, muitas vezes fora do alcance do próprio aluno. No entanto, ela busca entender as dinâmicas educacionais e pedagógicas que a instituição adota para formar um tipo de sujeito que, em consonância com os princípios positivistas, seja capaz de aplicar seus conhecimentos no mundo prático de forma eficaz, contribuindo para o avanço tecnológico e científico.

Assim, o IFMT se apresenta como uma instituição que, à luz do positivismo, busca formar indivíduos que são, ao mesmo tempo, produtos e agentes da ciência e da tecnologia, refletindo um modelo educacional que valoriza a razão, a experimentação e a aplicação prática do conhecimento. O estudo deste tipo humano revela não só as intenções da instituição, mas também as influências de um modelo educacional que, ao focar na formação técnica e científica, busca equipar seus alunos com as ferramentas necessárias para a construção de uma sociedade mais justa, tecnológica e científica.

Já mencionamos a necessidade do desligamento de todo discurso transcendente, que esteja fora do manejo humano, é parte íntima da corrente positivista. O indivíduo deve ser situado apenas dentro de manifestações que sejam passíveis de serem captadas e manipuladas em laboratórios. Essa concepção é conceituada pela expressão “religiosidade intramundana”, o qual os entrevistados do Instituto compartilham com um certo resquício de resistência, considerado pelo positivismo como um elemento a ser tirado de cena por completo. Segundo os entrevistados:

(ENTREVISTADO 1) Acho que não tem como comparar religião e ciência. Duas produzem conhecimento, em ramos diferentes. A religião é mais voltada pela fé, aquilo que as pessoas acreditam. Então, eu acho ela válida, porque ela instiga a ciência querer provar ou instiga o conhecimento científico aprovar e procurar respostas. A ciência é a mais aceita hoje e eu acredito que não é superior, mas é mais válida porque ela não se baseia só em teoria, ela busca pelo método científico para comprovar, mas não descarta a religião. A religião foi uma das primeiras formas de conhecimento, ela tem a sua contribuição. Mas não quando excede os limites como, por exemplo, as pessoas quando ignoram a ciência por conta da religião. Eu acho que seria essencial elas se coabitarem. Tem um limite da religião e tem um limite da ciência. Um exemplo do limite da religião é quando eles não querem ceder seus dogmas às descobertas científicas, eles procuram impor.

(ENTREVISTADO 2) Quando certas questões colocadas pela religião resistem às desmistificações feitas pela ciência, não é adequado. Porque daí a pessoa vai estar ignorando as outras formas de conhecimento só para se utilizar da religião como forma de conhecimento. Daí não é adequado. Eu acredito que a ciência é um pouco superior por conta da questão da prova, mas eu não ignoro a importância da religião. São conhecimentos que se correlacionam. Eu acho que é necessário a religião para incentivar a ciência a provar. Também acho que nós não podemos crer cegamente em tudo. Há a necessidade da prova.

(ENTREVISTADO 3) Existem pessoas que possuem conhecimento, mas que não estão na Organização Mundial da Saúde. Sobre saúde, questões de economia, questões de educação são questões que deveriam ser tratadas por especialistas ou pelo menos deveriam dar mais importância às opiniões da comunidade científica. A posição de uma comunidade científica em relação às questões da sociedade deve ter mais valor do que opiniões de pessoas religiosas, de pessoas vinculadas a grupos religiosos. Não acho que a religião deveria intervir nessas áreas, mas interfere. Interfere por conta da crença pessoal de cada um. Mas eu não acho que deveria intervir por causa da religião, até porque cada uma tem uma religião diferente. A religião deveria intervir na ação pessoal de cada um, mas não no coletivo, porque no coletivo envolve várias alternativas. Economia, educação, segurança, meio ambiente, tudo aquilo que envolve a parte social deve ser tratada por cientistas, pesquisadores. Tudo aquilo que envolve uma comunidade deve ser orquestrada pela ciência. Porque se nós fossemos para o lado da religião nós vamos estar privando as outras pessoas que não acreditam naquilo.

(ENTREVISTADO 4) Eu vou falar uma experiência pessoal. Eu estudei em uma escola evangélica. Como eu estava na oitava série eles me ensinaram sobre as várias teorias da evolução biológica. Então eles ensinavam, Lamarck, Darwin e o criacionismo. Mas por conta da índole da escola eles preferiam o criacionismo, fase em que um criador rege tudo. Então eles falavam que existiam as outras teorias dos outros cientistas, mas eles davam um peso maior ao criacionismo. Eles queriam reforçar aquilo para não contestar. A religião não se baseia em prova. É necessário hipóteses para comprovar uma teoria científica. Além disso, tem os métodos e tudo mais até chegar no resultado. A

religião não sai da hipótese. Assuntos que ela carrega são coisas que não dá para provar. Não com a nossa existência humana enquanto tal. Então, eu acho que a religião é sim um bebê engatinhando e ela não vai passar disso, os assuntos que ela pegou para tratar não tem como provar. Uma questão principal é a própria existência de Deus, não tem como provar então ela não vai sair de uma mera hipótese. Por isso ela tem menos credibilidade do que a ciência.

(ENTREVISTADO 5) No caso da Covid-19, somente os cientistas deveriam tomar decisões, pois é saúde pública. É o bem-estar público. A organização Mundial da Saúde, por exemplo, possui vários dados do que acontece para orientar as pessoas. Então, ela deve orientar as pessoas. Esse assunto da pandemia é um assunto técnico, então é mais voltado para os cientistas. Deveria ser dada à ciência o poder de decidir sobre a pandemia. O Presidente da República, por exemplo, não tem esse conhecimento. Então, ele não deveria ter esse poder de decidir.

A ciência e a tecnologia ocupam um lugar central no processo de resolução de problemas sociais e coletivos, enquanto a religião é relegada a uma posição de conhecimento secundário, com um papel mais limitado e, muitas vezes, visto como contraditório às descobertas científicas. A visão positiva presente nos depoimentos dos participantes pode ser analisada à luz da crítica que Eric Voegelin (2019) faz ao positivismo, especialmente ao apontar a tendência de equiparar a religião e outras formas de conhecimento transcendentais a uma "ciência incompleta". Essa crítica de Voegelin (2019) ajuda a entender a visão de alguns entrevistados, que percebem a ciência como o ápice da razão humana e tratam a religião como uma forma de crença não passível de comprovação ou verificação empírica.

Em grande parte dos depoimentos analisados, a ciência é vista como a única forma válida de conhecimento, especialmente quando se trata de questões que afetam o coletivo, como saúde pública, economia, e meio ambiente. O entrevistado 3, por exemplo, adota uma perspectiva que coloca a ciência e a tecnologia como os únicos instrumentos que podem oferecer soluções práticas para problemas humanos. Essa concepção remete à ideia da *masse*, que considera o mundo físico e as necessidades materiais como os focos da ação humana, enquanto limita as manifestações coletivas ao âmbito intramundano. Em um sentido positivista, a religião e outras formas de conhecimento metafísico são vistas como incompatíveis com a abordagem científica, pois estas não podem ser verificadas empiricamente e, portanto, não podem orientar as decisões coletivas.

A ideia de que "somente os cientistas deveriam tomar decisões" (Entrevistado 5) sobre assuntos como a pandemia reflete o tecnicismo associado ao pensamento positivista. A pandemia da Covid-19 é um exemplo claro de um problema técnico que exige decisões baseadas em evidências científicas. O termo "burocracia" surge aqui como uma estrutura necessária para garantir que especialistas possam tomar as decisões baseadas em dados científicos, evitando a interferência de crenças pessoais ou religiosas. Essa abordagem burocrática reflete a ideia de que a ciência deve ser a única autoridade para a tomada de decisões em esferas públicas, e a religião, com suas bases em fé e crença, não possui o mesmo peso quando se trata de questões práticas e sociais.

Embora alguns participantes reconheçam a religião como uma fonte de conhecimento e um motor inicial para a busca de respostas, ela é frequentemente tratada como limitada e muitas vezes contraditória quando não se adapta às descobertas científicas. O entrevistado 4, por exemplo, afirma que a religião, ao não se basear em provas e evidências, permanece uma "hipótese" incapaz de ser comprovada, refletindo a visão positivista de que a ciência é a única forma legítima de conhecimento sobre a realidade. O entrevistado 1 também coloca a religião como algo que "tem o seu limite" quando entra em conflito com as descobertas científicas, defendendo que ela não deve interferir na ciência, que possui uma metodologia capaz de comprovar ou refutar teorias.

A visão de que a religião é uma forma primitiva de conhecimento, que não pode avançar além das "hipóteses", está intimamente ligada ao pensamento positivista, que considera a religião como uma explicação não científica para fenômenos naturais. Isso é bem ilustrado na crítica de Voegelin (2019), que destaca o erro do positivismo em tratar a religião como uma busca incipiente pelo conhecimento, não reconhecendo suas limitações ontológicas e epistemológicas.

Entretanto, os depoimentos não são isentos de uma percepção de que a ciência, embora fundamental, oferece respostas parciais, limitadas ao âmbito material e físico da realidade. O entrevistado 3, ao afirmar que "os cientistas não devem ser os únicos a emitir juízo sobre as questões sociais", sugere que a ciência, por mais válida que seja em sua abordagem técnica, não pode ser a única responsável pela definição de soluções para todas as questões sociais. Essa visão

critica o reducionismo cientificista, ao reconhecer que, apesar de sua importância, a ciência não abrange toda a complexidade da existência humana, especialmente em questões existenciais ou espirituais, em que a religião pode oferecer um papel significativo.

No entanto, a crítica implícita ao positivismo se torna evidente quando se discute a limitação do conhecimento científico. Embora a ciência seja a única forma considerada legítima de conhecimento sobre o mundo físico e natural, ela não pode explicar todas as dimensões da experiência humana, como as questões transcendentais e espirituais. A religião, embora vista por muitos como uma "hipótese", oferece uma interpretação da vida e do mundo que a ciência não consegue atingir. Como tal, o contraste entre a "ciência" e a "religião" no pensamento positivista se revela como um dilema sobre o papel da razão e da fé na constituição do conhecimento humano.

A discussão sobre a complementaridade entre ciência e religião, embora reconheça as limitações de cada uma, também sugere uma incompatibilidade entre elas. Para os entrevistados, a religião não deve se sobrepor à ciência, e quando as duas entram em conflito, como nos casos da teoria da evolução ou na aceitação das descobertas científicas, a ciência deve prevalecer. Esse entendimento reflete a visão positivista de que a verdade objetiva e universal é acessível apenas por meio da ciência. No entanto, há uma ambiguidade sobre o papel da religião na formação de valores e na construção de uma ética coletiva, algo que ainda precisa ser considerado no debate entre ciência e religião.

A posição dos entrevistados, ao mesmo tempo em que valoriza a ciência e a tecnologia como ferramentas indispensáveis para o avanço da sociedade, também reconhece que questões como a moralidade e a espiritualidade não podem ser completamente ignoradas. Embora a ciência seja vista como capaz de resolver os problemas materiais, a religião ainda ocupa um espaço importante na formação de identidades individuais e coletivas.

(ENTREVISTADO 4) Quando a concepção religiosa chega ao ponto de negar as evidências científicas, a situação complica. Porque daí a pessoa vai estar ignorando as outras formas de conhecimento só para se utilizar da religião como forma de conhecimento. Daí não é adequado. Eu acredito que a ciência é

um pouco superior por conta da questão da prova, mas eu não ignoro a importância da religião.

(ENTREVISTADO 5) Eu acho a religião importante porque ela consola. Ela mexe mais na parte dos sentimentos. Mas para que a gente possa evoluir como humanidade a religião é importante na questão da solidariedade e na relação com o outro. Mas a ciência é importante no quesito de infraestrutura e na questão mais material da coisa. Religião está no campo mais subjetivo. No momento em que a ciência prova algo contrário a religião seria ciência, porque ela tem a prova. Não dá para seguir uma religião cegamente. Não dá para se abster dos fatos.

O paradigma positivista, com sua ênfase no uso do método científico e na busca por provas empíricas, define a ciência como uma forma de conhecimento superior, uma vez que se baseia em evidências verificáveis e objetivas. Essa visão sublinha a crença de que o conhecimento válido deve ser fundamentado em dados concretos, e qualquer ideia que não possa ser comprovada empiricamente é considerada inválida ou inadequada.

Como já abordado anteriormente nas falas dos entrevistados 4 e 5, o paradigma positivista encontra uma expressão clara na valorização da ciência como a única forma de conhecimento confiável. O Entrevistado 4, por exemplo, defende que a religião se torna inadequada quando nega evidências científicas. Ele destaca que a ciência, por sua capacidade de oferecer provas empíricas, se torna a fonte legítima de conhecimento, enquanto a religião, ao ignorar essas provas, perde seu valor como instrumento de entendimento da realidade. Esta visão reflete o núcleo do positivismo: o conhecimento não pode ser aceito sem comprovação empírica. Isso coloca a religião em uma posição inferior, pois ela opera no campo da fé, que, por sua natureza, não é acessível ao método científico.

Por outro lado, o Entrevistado 5 reconhece a importância da religião, mas também faz a distinção de que, quando a ciência prova algo contrário à religião, a ciência se impõe. Essa perspectiva se alinha com o pensamento positivista, que vê a ciência como a única autoridade capaz de fornecer respostas verdadeiras sobre o mundo. A religião, então, pode ser vista como uma forma de consolo e orientação moral, mas sem a capacidade de produzir conhecimento que se sustente sem o apoio da evidência empírica. Aqui, a ciência se afirma como ferramenta para explicar o mundo de maneira objetiva, enquanto a religião se limita ao campo emocional e subjetivo.

No entanto, o conceito de "instrumentalização do homem" traz uma crítica implícita ao paradigma positivista, especialmente em sua abordagem das questões sociais. A instrumentalização do homem refere-se à diminuição da importância dos aspectos individuais e subjetivos na compreensão do mundo. Nesse sentido, os indivíduos são tratados como peças em um grande maquinário social, sujeitos a determinismos impostos pela ciência e pela tecnologia, que visam alcançar regularidades e padrões universais. O positivismo, com sua ênfase na objetividade e na busca por leis universais, tende a desconsiderar as particularidades dos indivíduos, tratando-os de forma homogênea.

Ao adotar essa visão, o positivismo cria uma visão de mundo na qual as pessoas se tornam, em grande parte, subordinadas às decisões de especialistas. Esse movimento implica uma despersonalização, em que a individualidade de cada ser humano é reduzida a um número, a um dado, a um elemento em uma grande equação social. As decisões são feitas com base em conhecimentos técnicos e científicos, ignorando as complexidades emocionais e espirituais que caracterizam o ser humano enquanto indivíduo.

Tanto o Entrevistado 4 quanto o Entrevistado 5 fazem referência a um ponto crucial: a negação de outras formas de conhecimento em favor da ciência. O entrevistado 4 fala especificamente sobre a impropriedade de rejeitar as evidências científicas em favor de uma visão religiosa, o que é consistente com a lógica positivista, que desvaloriza qualquer saber que não seja verificável. No entanto, ao mesmo tempo, o entrevistado 5 reconhece que a religião tem seu valor no campo da solidariedade e no estímulo a relações humanas mais compassivas. Aqui, encontramos uma tensão, pois, embora ambos os entrevistados concordem que a ciência deve prevalecer quando há um conflito com a religião, ainda há um reconhecimento de que a religião oferece uma dimensão do conhecimento humano que a ciência não consegue abranger.

Essa questão está em sintonia com a crítica de Eric Voegelin (2019) à visão positivista de que a religião é uma forma incompleta de ciência. A ciência, ao ser vista como a única forma legítima de produzir conhecimento, exclui as dimensões mais subjetivas e espirituais que são essenciais para a experiência humana. A tensão entre ciência e religião, que se dá ao nível do conhecimento objetivo versus

subjetivo, reflete a limitação do positivismo em abarcar a totalidade da experiência humana.

Em outra linha de pensamento, o Entrevistado 5 faz uma distinção entre os papéis da ciência e da religião: a ciência cuida das questões materiais e da infraestrutura, enquanto a religião lida com o campo subjetivo, emocional e moral. Aqui, o entrevistado sugere que a ciência é essencial para o progresso material da humanidade, mas que o progresso humano não se resume apenas a isso. A religião, embora limitada quando se trata de lidar com a realidade física, tem um papel importante na construção de um mundo mais solidário e ético. Isso nos leva a uma reflexão crítica sobre o conceito de "progresso" no positivismo: embora o progresso material seja uma prioridade, isso não significa que ele seja suficiente para garantir um avanço pleno da humanidade.

A limitação do paradigma positivista reside na sua visão estreita de progresso, que se restringe ao avanço material e tecnológico. A ciência, ao buscar regularidades e explicações objetivas, não considera as complexas questões existenciais e espirituais que envolvem o ser humano. A religião, nesse sentido, pode complementar a ciência ao fornecer respostas para as questões que a ciência não consegue abordar: aquelas relacionadas à moral, à ética, à solidariedade e ao sentido da vida.

(ENTREVISTADO 2) O instituto é uma fábrica de pessoas. As pessoas saem condicionadas a um pensamento. Nós somos o produto, mas nós conhecemos apenas uma parte da fábrica. A gente vive apenas em um âmbito da fábrica. Então, nós não conhecemos todo o esquema. Nós somos aquele tipo que aperta o parafuso e ponto.

(ENTREVISTADO 3) A gente deveria ter mais conhecimento próprio. A gente deveria ter mais conhecimento imaterial, no sentido de se reconhecer e saber o que que você está sentindo naquele momento. Saber se expressar, saber o que você realmente gosta, tomar decisões baseadas em você mesmo e não apenas no mercado de trabalho. Eu acredito que nós somos passarinhos em uma gaiola. A gente tem o conforto e o prazer que o dinheiro traz, mas a gente não é livre porque nós não temos o conhecimento da realidade. Nós somos uma peça sim, mas o instituto abre oportunidades muito grandes. No outro colégio em que eu estudava, os alunos nem chegam a ser peças, aqui no instituto pelo menos nós somos. Aqui nós podemos ser uma peça super importante para outras pessoas.

(ENTREVISTADO 5) O indivíduo tendo o conhecimento e o dinheiro ele pode chegar no professor de uma turma e contratar

ele para que ele possa ensinar que pedra é terra. Então, a partir daí ele vai começar a ensinar as crianças que pedra é terra e assim eu como cientista posso mudar o começo da sociedade. Então, para mim é bem capaz que um consenso pode determinar o que as pessoas devem seguir.

Nas argumentações dos participantes, emergem reflexões sobre o condicionamento e a instrumentalização proporcionados pelo sistema educacional, que, longe de ampliar as fronteiras do saber, restringe o conhecimento e o contato com a essência do ser humano. Este modelo, marcado pela busca incessante por resultados padronizados, parece cercear a liberdade intelectual, e, ao invés de incentivar a autonomia, propaga a sensação de uma aprendizagem engessada e desumanizadora.

A expressão "fábrica de pessoas" ressoa como uma metáfora poderosa, sugerindo que o sistema educacional não apenas transmite saberes, mas molda indivíduos segundo um padrão predeterminado, conforme uma visão de mundo, valores e finalidades específicas, muitas vezes alheios à experiência e ao desenvolvimento pessoal do aluno.

Essa metáfora alinha-se diretamente ao conceito de "instrumentalização do homem", que reflete a ideia de que o ser humano é reduzido a um mero meio para atingir fins específicos, em vez de ser reconhecido como um ser autônomo, pleno e digno. A analogia com a fábrica sublinha a uniformização do processo educacional, onde o indivíduo, tal como uma peça em uma linha de montagem, é condicionado a desempenhar uma função específica e limitada. Esta visão reducionista, que enxerga as pessoas como partes de um sistema impessoal, está intimamente ligada à ideia de que o valor do ser humano é medido pela sua utilidade dentro de um modelo de produção, e não pela sua capacidade de autossustentação e autorrealização.

Essa instrumentalização do ser humano dentro do sistema educacional não é apenas uma crítica à padronização de conhecimento, mas também à limitação da liberdade individual. Ao afirmar que existem conteúdos mais adequados do que outros, o sistema educacional pressupõe que os indivíduos devem se ater a esses saberes, obscurecendo outras formas de conhecimento que poderiam expandir suas perspectivas e capacidades. Aqui, surge a busca por um saber mais profundo, que

transcende as fronteiras do conhecimento material, e abrange a construção do autoconhecimento, a expressão das emoções e a tomada de decisões pautadas na identidade pessoal, e não nas exigências externas ou nas necessidades do mercado de trabalho.

Essa reflexão crítica sobre a instrumentalização do ser humano e a busca por um saber mais individualizado aponta para um incômodo com a desumanização implícita no processo educacional. Embora a instituição ofereça oportunidades e seja, de fato, importante para a formação profissional, ainda há uma percepção de que o modelo vigente não favorece um desenvolvimento integral dos indivíduos, restringindo-os a um papel previamente designado, sem a chance de explorar sua plena capacidade humana. Essa visão ressoa com a ideia de imanentização, na qual as pessoas são confinadas a um espaço restrito de experiência e conhecimento, com ênfase na resolução de problemas materiais, enquanto outras dimensões da sua capacidade intelectual e emocional ficam relegadas ao segundo plano.

Por outro lado, a dessimbolização no contexto educacional refere-se à perda ou distorção do significado original dos símbolos que orientam a formação do sujeito. Ao invés de a ciência e a tecnologia serem vistas como ferramentas para a construção do conhecimento, elas se tornam os protagonistas da organização social, detentoras de um valor absoluto e impositivo. A dessimbolização também implica a homogeneização dos alunos devendo estar em conformidade com os padrões e exigências institucionais. Nesse cenário, o aluno é tratado como uma "matéria-prima", sendo lapidado para se adequar às demandas de um mercado de trabalho que, por sua vez, exige soluções já conhecidas e padronizadas.

No entanto, dentro dessa perspectiva de conformidade, os discentes expressam um desejo de explorar além dos limites impostos pela instituição. Eles reconhecem a existência de questões humanas e sociais que ainda não foram devidamente exploradas e que carecem de uma atenção mais profunda.

A metáfora do "passarinho batendo suas asas dentro dos limites da instituição" capta essa dualidade. Por um lado, o indivíduo possui certa liberdade dentro das fronteiras do que é permitido e reconhecido pela instituição, mas essa

liberdade é sempre delimitada e condicionada por uma estrutura que define o que é relevante e válido. Esse tipo de abordagem, característico do positivismo, privilegia uma visão utilitarista do conhecimento, focada na solução de problemas concretos e materiais.

(ENTREVISTADO 1) O passado, por mais que já tenha acontecido e seja concreto, sempre haverá uma peça do quebra cabeça a ser descoberta. Na medida em que as descobertas científicas vão acontecendo, nós podemos mudar a nossa interpretação do que aconteceu. Acho que a humanidade sempre estará mudando constantemente dependendo daquilo que foi descoberto. Se nós conseguíssemos descobrir alguma coisa sobre algumas questões centrais que aconteceram na segunda guerra mundial, por exemplo, isso poderia mudar completamente os panoramas que nós temos hoje em relação à época. Estou apenas especulando. A gente poderia tomar um susto. A mitologia grega era uma religião até a ciência ter aprovado o contrário. Eu acho que as religiões de hoje mudarão e outras vão ocupar o lugar. Daqui a três mil anos, por exemplo, eu acho que haverá uma re-interpretação de tudo. A nossa interpretação das pessoas de anos atrás não é a mesma interpretação que elas tinham. Teremos perspectivas diferentes, teremos mais conhecimento.

O depoimento do entrevistado sugere uma reflexão profunda sobre a dinâmica do conhecimento humano e a constante evolução das interpretações sobre o passado. A metáfora do "quebra-cabeça", em que sempre há uma peça a ser descoberta, ilustra a ideia de que, embora o passado seja um fato consumado, ele permanece aberto a novas descobertas e interpretações. O entrevistado reconhece que a ciência tem o poder de transformar nossa compreensão histórica, como exemplificado pela possibilidade de que novas revelações sobre eventos centrais, como a Segunda Guerra Mundial, possam alterar profundamente a maneira como percebemos esse período.

Além disso, a análise de como a ciência reinterpreta fenômenos culturais e religiosos, como a transição da mitologia grega para uma visão mais racionalista e científica, revela uma visão de que as crenças e os entendimentos humanos não são estáticos, mas sujeitos à mudança conforme o conhecimento avança. O entrevistado sugere que, assim como a mitologia grega deixou de ser considerada uma religião em face da ciência, as religiões atuais também podem passar por transformações significativas no futuro, com algumas perdendo relevância e outras assumindo novos papéis na sociedade.

A projeção de uma reinterpretação radical do presente daqui a milênios, quando os seres humanos terão adquirido um entendimento mais profundo e uma visão mais ampla, sugere que o conhecimento é um processo inacabado e sempre em expansão. A ideia de que nossa compreensão do passado e das pessoas de épocas anteriores não é a mesma que aquelas gerações tinham é um convite à humildade e ao reconhecimento de que, à medida que adquirimos mais conhecimento, somos capazes de visitar e reavaliar as narrativas históricas sob novas perspectivas.

Em essência, o entrevistado propõe que a humanidade está em um processo contínuo de transformação, onde a descoberta científica e o avanço do conhecimento alteram não apenas a nossa visão do passado, mas também as crenças, valores e estruturas que sustentam nossa sociedade. Esse pensamento oferece uma visão dinâmica e progressista da história e do conhecimento, sugerindo que estamos constantemente em processo de evolução e reinterpretando o que já foi dado como certo.

(ENTREVISTADO 4) Sobre a questão dos cientistas, eu creio que isso tem sempre um gênio, mas é difícil tentar mudar a realidade. Na época de Newton, carecia bastante de conhecimento científico. Antes de vir a teoria heliocêntrica, todo mundo acreditava que todos giravam em torno da Terra. Fazer uma época que carecem de comprovações científicas. Veio a teoria heliocêntrica comprovou que na verdade somos nós que estamos girando em torno do sol. Isaac Newton com a teoria da gravidade. Digamos que nós estamos avançando. Estamos usando a nossa capacidade racional ao limite. Nós temos um limite para explicar. Então, quanto mais o tempo passar, mais nós vamos carecer de gênios para explicar coisas.

No contexto do depoimento apresentado, a ideia de "gênio" se alinha diretamente ao paradigma positivista, que atribui um papel central aos cientistas e suas descobertas no avanço do conhecimento humano. O entrevistado faz uma reflexão sobre como figuras excepcionais como Isaac Newton (1643-1727), ao explorar ao máximo sua capacidade racional, foram responsáveis por teorias revolucionárias que alteraram completamente a nossa compreensão do universo.

O entrevistado reconhece que, apesar de o conhecimento humano estar cada vez mais avançado, o progresso científico não ocorre sem o surgimento de indivíduos extraordinários, que, por meio de suas capacidades intelectuais excepcionais, conseguem resolver problemas e propor explicações para fenômenos

complexos. Esse reconhecimento de que a razão humana, embora poderosa, possui seus limites, não diminui a importância dos gênios positivistas, mas reforça a ideia de que, à medida que a ciência evolui, a necessidade de novas explicações e descobertas se torna ainda mais dependente de indivíduos que sejam capazes de desafiar o status quo e trazer à tona novas perspectivas.

O gênio positivista, nesse sentido, é visto como um farol de inovação e esclarecimento, que utiliza a razão e o método científico para transformar o entendimento do mundo. Embora o conhecimento acumulado ao longo da história já tenha alcançado grandes avanços, o entrevistado sugere que ainda estamos longe de esgotar as possibilidades de explicação. Assim, o papel dos gênios positivistas continua essencial. Esses indivíduos excepcionais, com seu pensamento lógico e inovador, têm a capacidade de penetrar nas questões mais complexas da ciência, proporcionando respostas que ultrapassam os limites de nosso entendimento atual.

(ENTREVISTADO 2) Acredito que quando você morre você se desencarna e se você foi uma pessoa ruim você vai para um lugar pior e mais inferior à crosta terrestre. Mas se você foi uma pessoa como por exemplo a irmã Dulce, você irá para uma esfera mais superior. Em algum momento você vai reencarnar e você vai viver, então você precisa aproveitar a vida para evoluir intelectual e moralmente. Estamos em um processo de evolução e não tem como voltar. Não temos como regredir, apenas evoluir. Eu acredito em vida após a morte, mas não que eu vá para um paraíso ou para um inferno. Dependendo da minha energia eu vou para um lugar específico. Ter a oportunidade de me reencarnar e de evoluir com o tempo.

(ENTREVISTADO 1) Eu tenho esperança de ter vida após a morte. Eu gosto de pensar que tem um céu e o inferno.

(ENTREVISTADO 4) Gosto de sonhar que tem algo depois desse mundo. Mas eu não acredito que de fato tenha. Eu acredito na religião, mas como uma forma de consolo. Quando isso é posto desde a infância é difícil ter acesso a outras variedades. A gente acaba se privando de questionar e de procurar outras alternativas.

(ENTREVISTADO 3) A minha religião é evangélica, então eu sempre aprendi que existe um céu e um inferno. E agora é quase impossível mudar isso da minha cabeça. A minha infância toda a minha adolescência isso ficou impregnado na minha cabeça. Para eu formar uma outra opinião é muito mais difícil. A educação religiosa influencia muito a gente. Nós não conseguimos encontrar a verdade em outra coisa. Porque a pessoa sempre cresceu em cima daquilo. Os nossos pais tentam repassar os valores e princípios que eles conhecem. Então, nós não temos uma opção de escolha nesse.

(ENTREVISTADO 5) Uma outra questão é essa da educação utilizando o viés religioso. Eu não acho que a religião deve ser

imposta principalmente com as crianças. Mas sempre deixe em aberto. Começo tem que ser a ciência e depois ela vai escolher aquilo que ela quer acreditar. Essa foi uma das falhas na questão da educação. Porque as crianças não entendem que existem variedades e outras religiões e outras profissões.

O depoimento dos entrevistados pode ser relacionado à racionalização positivista, que defende a gradual substituição das crenças religiosas por uma confiança crescente na ciência e na tecnologia como fontes principais de explicação para os fenômenos humanos. Embora os participantes apresentem diferentes visões sobre a vida após a morte e a influência da religião, é possível observar elementos que se alinham com a perspectiva racionalista e com a ideia de transposição intelectual no contexto da educação.

O Entrevistado 3 destaca como a educação religiosa desde a infância pode ser determinante na formação de crenças e limitar a capacidade do indivíduo de explorar outras possibilidades. Ele sugere que, ao crescer imerso em um sistema de crenças rígidas, torna-se difícil questionar ou buscar alternativas. Esse ponto é uma crítica direta à imposição de um único ponto de vista religioso, o que, de acordo com a perspectiva positivista, pode inibir a liberdade de pensamento e a busca por explicações científicas e racionais. No paradigma positivista, essa abordagem representaria uma forma de limitação cognitiva, em que as explicações transcendentais substituem ou restringem as explicações baseadas no conhecimento empírico e científico. A educação religiosa, portanto, se apresenta como um fator que impede a transposição intelectual, ou seja, a capacidade do indivíduo de se abrir para novas formas de compreensão da realidade.

Por outro lado, o Entrevistado 5 propõe que a ciência deve ser a base para o início da educação, permitindo que, a partir dela, as pessoas escolham suas crenças. Essa visão está em sintonia com o positivismo, que coloca a ciência em primeiro plano como ferramenta de esclarecimento e solução de problemas, priorizando o conhecimento verificável e empírico. A ideia de permitir que a ciência seja o ponto de partida para a formação do pensamento reflete a crença de que, ao ser exposto a dados e métodos científicos, o indivíduo estará mais preparado para tomar decisões informadas, sem ser influenciado por crenças religiosas.

O conceito de transposição intelectual aqui é relevante, pois pode ser interpretado como o processo de afastamento das explicações transcendentais para uma compreensão mais intramundana, voltada para as possibilidades concretas e verificáveis da ciência. No contexto do positivismo, isso significa romper com as visões metafísicas sobre a origem e destino das coisas e focar nas transformações que a ciência e a tecnologia podem proporcionar. Os participantes, ao se alinharem mais com o conhecimento científico e técnico, parecem experimentar uma transposição intelectual que os conduz a uma visão mais racional e técnica do mundo, em que as respostas estão mais centradas em soluções práticas do que em questões transcendentais.

Essa transposição intelectual é reforçada no ambiente do instituto federal, que prioriza a formação técnica e científica. O Instituto Federal, ao ser um espaço dedicado à produção de conhecimento técnico e científico, exerce uma influência significativa na mudança de perspectiva dos participantes. A exposição constante a conhecimentos científicos e tecnológicos, em que os alunos são incentivados a buscar soluções para problemas materiais por meio de técnicas específicas, facilita essa transposição intelectual. O ensino técnico e científico, portanto, não só prepara os alunos para o mercado de trabalho, mas também os conduz a uma visão de mundo mais centrada na resolução de problemas de forma prática e empírica, em consonância com a visão positivista.

No entanto, a crítica que os participantes fazem à formação oferecida pela instituição é a de que ela prioriza o conhecimento técnico e científico em detrimento de uma formação mais integral. O aplainamento positivista, ao qual se refere o ambiente institucional, indica que a ênfase é colocada na produção de conhecimento que pode ser aplicado diretamente à resolução de problemas materiais e práticos. Dessa forma, questões mais amplas sobre a espiritualidade, ética ou filosofia não recebem o mesmo peso, e as concepções transcendentais ficam à margem, não sendo parte do currículo ou das atividades oferecidas pela instituição. Isso reflete a visão positivista de que o conhecimento científico e técnico, por ser verificável e prático, é o que mais contribui para o avanço da sociedade, relegando outros aspectos do desenvolvimento humano a um plano secundário.

Essa falta de abordagem mais holística na formação dos alunos aponta para uma lacuna na educação oferecida pelo instituto. Embora a formação técnica seja de extrema importância, os participantes sugerem que uma formação mais ampla, que envolva também a reflexão sobre questões espirituais, filosóficas e éticas, poderia enriquecer a educação dos alunos e ajudá-los a se desenvolver de maneira mais integral. Isso destaca a necessidade de um equilíbrio entre o ensino técnico-científico e o estímulo à reflexão sobre o sentido da vida e a moralidade, elementos que, muitas vezes, são negligenciados no ambiente positivista.

(ENTREVISTADO 1) Eu acho que a ciência tem a capacidade de transcender. Eu acho que se a ciência trabalhasse com a religião, no sentido de tentar provar as coisas que estão ditas nas religiões, eu acho que ela consegue transcender. Eu não acho que a humanidade tenha um fim, eu não acho que vamos acabar. Mas eu também vejo muita crença religiosa nessa questão de que a ciência vai dominar 100% da realidade. Eu acho que nunca vai ser bom para ninguém, eu acho que sempre terá coisas a serem descobertas. A humanidade sempre estará indagando sobre várias coisas e essas indagações não terão fim. Daí entra a questão da nossa ignorância novamente.

(ENTREVISTADO 2) Todos os dias se descobrem espécies novas. Se nós não conhecemos ainda nem nosso próprio planeta, quem dirá a dimensão para qual o nosso universo está se expandindo. Nunca vai dar para mensurar. Se for para nós evoluirmos, nós temos que evoluir de alguma coisa, deve haver um ponto. A nossa compreensão humana é de que tudo tem um início, nós não conseguimos pensar em uma coisa que sempre existiu. A gente vai se limitando àquilo que vem do início.

(ENTREVISTADO 3) Nós temos consciência do nosso universo observado. E com o passar do tempo esse universo observado se torna cada vez mais amplo. E mais coisas vão aparecendo, mais perguntas vão surgindo a respeito das coisas. Então, é muito complicado estabelecer algum limite. A teoria do Big Bang está sendo abalada por algumas descobertas daquele telescópio James Webb, que descobriu uma luz vinda a 13 bilhões de anos atrás. Isso coloca em xeque a teoria do Big Bang. Nada nos impede de descobrir uma nova unidade de medida, mensurar a nossa realidade para pensar em uma outra dimensão, numa outra realidade. A gente se baseia naquilo que a gente tem, naquilo que está em nossas mãos.

(ENTREVISTADO 4) É complicado provar algo que nós não experienciamos. Além disso, a nossa ignorância das coisas não está delimitada, ou seja, não sabemos até onde podemos conhecer. Então, isso deixa uma certa lacuna no conhecimento humano. O problema não é o quanto sabemos, mas o quanto ainda está por vir. Eu conheço aquilo que é permitido conhecer. A diferença do conhecimento científico quando nós ainda estávamos descobrindo as bases, era mais a questão do nosso mundo físico. Quando nos satisfazermos as várias inquietações que temos do mundo físico, vai ficar mais difícil procurar outras coisas. Porque nós temos limites de máquina. Então, vai chegar

uma hora em que nós teremos teoria suficiente, mas nós não vamos conseguir provar porque a tecnologia tem um limite e esse limite é o nosso mundo físico.

(ENTREVISTADO 5) Para mim o conhecimento científico é exponencial, quanto mais nós vamos conhecendo, novas coisas vão surgindo. Nunca vai parar ponto a quantidade de coisas que nós vamos descobrindo só vai aumentando. Não acho que nós vamos chegar ao limite porque está muito rápido. Eu acho que vai chegar um ponto aqui em que a humanidade não vai conseguir suportar a tecnologia. Eu acho que a humanidade vai dar uma travada, nós temos tanta evolução de máquina, mas que ainda nós não conseguimos usar essas máquinas para provar as nossas teorias. Então, esse aparato tecnológico precisa evoluir muito ainda para atender às nossas necessidades de provar as teorias. Acho que a ciência pode conseguir atingir níveis muito alto de conhecimento, mas eu acho que isso vai demorar muito.

O texto que estamos abordando pode ser interpretado como um conjunto de reflexões que apontam para uma visão do conhecimento que transcende a perspectiva positivista, apontando para um modelo mais abrangente, que valoriza tanto as capacidades científicas e tecnológicas quanto o reconhecimento das limitações e da complexidade das manifestações humanas e do universo. As respostas dos entrevistados mostram claramente como a formação no IFMT, embora focada em conhecimento técnico e científico, poderia se beneficiar de uma visão mais holística

Entrevistado 1: A ideia de que a ciência pode transcender ao colaborar com a religião se alinha à proposta de uma formação mais abrangente, que não se limita apenas à resolução de problemas materiais, mas busca também explicações para fenômenos que as tradições religiosas abordam. Essa perspectiva sugere que o IFMT, ao proporcionar uma formação técnica centrada na ciência, deixa de fora uma compreensão mais ampla da realidade, que poderia incluir tanto a razão científica quanto a espiritualidade ou outras formas de conhecimento. O discente, ao sugerir que a ciência poderia investigar eventos miraculosos, insinua que a formação oferecida pela instituição não aborda todas as dimensões da existência humana, especialmente aquelas que tratam da origem e do destino das manifestações. Isso, de certo modo, sugere que o modelo positivista, que predomina nas instituições científicas, pode não ser suficiente para oferecer uma formação verdadeiramente completa.

Entrevistado 2: O reconhecimento das limitações do conhecimento humano que o segundo entrevistado apresenta ressoa fortemente com a ideia do "homem concreto", um conceito que admite que o ser humano possui uma compreensão parcial da realidade. Ao afirmar que a nossa compreensão se origina de um ponto inicial, o entrevistado sugere que há um processo contínuo de evolução, e que, além do conhecimento científico, existem manifestações não materiais ou transcendentais que também fazem parte dessa evolução. Isso reflete a ideia de que a busca pelo conhecimento deve ser realizada de maneira integral, considerando não apenas as leis naturais e materiais, mas também os aspectos mais profundos da existência que escapam à nossa capacidade de mensuração. Nesse sentido, o entrevistado coloca a transcendência como uma força que, embora não mensurável, deve ser reconhecida e considerada no processo de aprendizado.

Entrevistado 3: A discussão sobre o progresso do conhecimento humano que o terceiro entrevistado propõe está intimamente ligada à ideia de uma ampliação contínua do conhecimento científico e tecnológico. A referência ao Big Bang e à possibilidade de novas descobertas científicas que desafiem teorias pré-existentes evidencia o progresso gradual da humanidade na compreensão do universo. No entanto, isso também nos faz refletir sobre a própria natureza do conhecimento científico e sobre as limitações que podem surgir. O conceito de progresso, ao ser mencionado, não se limita à ciência aplicada ao mundo material, mas pode ser ampliado para a compreensão do "mundo observado", incluindo as dimensões mais complexas da realidade. A formação técnica oferecida pelo IFMT, ao promover o conhecimento técnico e científico, precisa, portanto, lidar com as questões materiais, mas também poderia beneficiar-se de uma abordagem mais inclusiva, que promova a exploração das diferentes dimensões da realidade.

Entrevistado 4: A noção de que só conhecemos aquilo que nos é permitido conhecer e a constatação de nossa ignorância diante do vasto desconhecido são elementos que ressaltam a limitação humana em relação ao conhecimento. Isso se relaciona diretamente com a concepção do "homem concreto", que reconhece que o conhecimento é condicionado pelas fronteiras do entendimento humano. A diferença entre o conhecimento científico e outras formas de saber também é evidenciada aqui. O entrevistado questiona as fronteiras do saber científico e sugere que, no

futuro, pode haver limitações insuperáveis devido ao alcance das tecnologias disponíveis. Essa visão aponta para um horizonte em que a ciência, apesar de seus avanços, não será capaz de explicar tudo, especialmente se considerarmos fenômenos não materiais. Assim, a formação oferecida pelo IFMT pode ser enriquecida por uma maior inclusão dessas dimensões transcendentais, pois o conhecimento científico por si só não é suficiente para alcançar todas as respostas.

Entrevistado 5: O avanço exponencial do conhecimento científico e tecnológico descrito pelo entrevistado 5 está alinhado com a ideia do tecnicismo, que coloca o desenvolvimento das máquinas e das técnicas como motores principais da evolução humana. No entanto, ele também aponta para a limitação atual das tecnologias em relação à comprovação de certas teorias científicas. Essa visão crítica do tecnicismo destaca a necessidade de um equilíbrio entre a evolução tecnológica e a capacidade humana de compreender a realidade. Nesse sentido, o entrevistado sugere que o aparato tecnológico precisa evoluir ainda mais para que possamos comprovar as teorias mais complexas, o que remete à ideia de que, apesar dos avanços científicos, ainda existem barreiras que a ciência não pode superar sozinha. A formação oferecida pelo IFMT, ao enfatizar a ciência e a tecnologia, deve também considerar que, por mais potente que seja o avanço das técnicas, há questões que vão além do que a tecnologia atual pode alcançar, e isso precisa ser abordado de forma mais integral.

(ENTREVISTADO 3) Cabe ao ser humano reger o próprio ser humano. O pensamento é refletido na gente para criar. Nós somos o meio para nossa existência.

A reflexão do entrevistado 3, ao afirmar que "cabe ao ser humano reger o próprio ser humano", está em sintonia com a visão positivista, em que o ser humano é visto como protagonista da organização social, capaz de criar soluções para os principais problemas. Nesse contexto, a ideia de que o pensamento humano "é refletido na gente para criar" indica que a capacidade criativa do ser humano é um reflexo de sua racionalidade, um processo interno que permite transformar a realidade à sua volta. Essa autonomia e capacidade de criar são vistas como fundamentais no desenvolvimento do conhecimento humano e nas transformações que ocorrem ao longo da história.

Ao dizer "nós somos o meio para nossa existência", o entrevistado 3 reforça a visão positivista de que os seres humanos são os responsáveis por moldar seu próprio destino e pela criação do progresso tecnológico e científico que a humanidade busca. Essa frase sugere que, no paradigma positivista, o ser humano não é passivo, mas um agente ativo que influencia e transforma a realidade por meio da ciência e da tecnologia. Isso ressoa com a ideia de que o desenvolvimento da sociedade depende da ação humana, especialmente dos "gênios", que são capazes de impulsionar novas descobertas e inovações. O ser humano, nesse sentido, não é apenas um observador do mundo, mas o principal motor do progresso.

Essa perspectiva se conecta ao conceito de racionalização positivista, no qual o progresso humano é visto como uma consequência direta da aplicação da razão e do conhecimento científico. A visão de que "somos o meio para nossa existência" também sublinha a ideia de que o ser humano, por meio de sua racionalidade e da utilização das ferramentas científicas e tecnológicas, é capaz de moldar sua própria trajetória e, ao fazer isso, impulsionar mudanças significativas na sociedade.

Porém, é importante notar que, no paradigma positivista, o papel do indivíduo não é o único. Há também uma necessidade de uma divisão de tarefas: enquanto os "gênios" e especialistas são os responsáveis por liderar as inovações e criar novas soluções, há um grupo passivo que segue as orientações desses especialistas e se beneficia dos avanços criados. Essa divisão implica que nem todos podem ou devem ser responsáveis pela criação de ciência e tecnologia, uma vez que o conhecimento exige especialização e uma determinada formação. Nesse ponto, a ideia de que o ser humano "rege a si mesmo" se articula com a noção de que a sociedade precisa de uma estrutura hierárquica para que o progresso possa ser alcançado de maneira eficiente e organizada.

No contexto do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), a missão de "servir ao homem" está diretamente ligada a essa visão do ser humano como um agente ativo e criador. A instituição se alinha a essa concepção ao formar indivíduos capazes de gerar e aplicar conhecimento científico e tecnológico, preparando-os para assumir papéis de liderança no desenvolvimento da sociedade. Contudo, ao

questionar "que homem é esse ao qual o IFMT direciona seus esforços e recursos?", refletimos sobre o tipo de ser humano que a instituição busca formar. Se, por um lado, ela visa desenvolver a capacidade técnica e científica dos indivíduos, por outro, seria interessante considerar em que medida a instituição está preparando os indivíduos para assumir um papel criativo e autônomo no sentido de reger a própria sociedade, tal como sugere o entrevistado 3.

Essa reflexão leva-nos a questionar até que ponto a formação acadêmica no IFMT vai além da preparação técnica, capacitando seus alunos a refletirem criticamente sobre seu papel como agentes ativos da sociedade e do progresso, capazes de influenciar e criar, e não apenas aplicar conhecimentos pré-existentes. Em última instância, essa visão nos remete à questão de que o desenvolvimento humano é multidimensional, abrangendo não apenas o aprimoramento científico e tecnológico, mas também o entendimento da própria capacidade do ser humano em moldar seu destino e sua realidade.

(ENTREVISTADO 1) O homem é um símbolo de poder, e é esse homem que a gente serve, o homem de poder. É a elite econômica que buscamos servir.

(ENTREVISTADO 2) No início, eu pensava que ele estava no curso por afinidade. Eles estão me preparando para o mercado de trabalho. Eu entrei aqui mais por uma questão pessoal, mas acabei descobrindo que eu sou apenas uma peça que está sendo formada para arrumar um emprego. Eu sou uma pessoa que sabe fazer tal coisa e pronto.

(ENTREVISTADO 3) Estamos para servir o modelo do mercado de trabalho. Nós estamos sendo formados para sermos uma peça no mercado de trabalho, mas eu acredito que existe um diferencial. Esse diferencial é que aqui na instituição nós temos a possibilidade de ocupar uma posição mais elevada, nós temos a possibilidade de trabalhar numa empresa, e trabalhar de casa. É diferente de uma outra instituição, a qual não vou citar nomes, que ensina você a fazer e não o porquê está fazendo. Pelo menos um pouquinho, aqui na instituição eu sinto que nós podemos saber o que estamos fazendo e para que. Aqui tem uma possibilidade de projeção. Aqui nós podemos ter um papel mais importante, de conseguir oportunidades melhores.

(ENTREVISTADO 4) Eu acho que essa questão de formar peças vai além daquilo que o instituto é capaz. Não dá para a gente fugir muito disso, é como o sistema inteiro vive. Não é algo que está na governabilidade do instituto de poder mudar. Nós precisamos de um consenso para isso. Não dá para mudar no sistema capitalista inteiro, pois é o que rege o mundo. Enquanto existir capitalismo que é a forma que você entrega sua força de trabalho em troca de uma recompensa para sobreviver, as instituições terão que se adequar a isso, porque senão a gente não vive.

O conjunto de falas dos entrevistados oferece uma perspectiva crítica e profunda sobre o papel das instituições educacionais dentro do sistema capitalista, especialmente no que tange à formação técnica e científica. Como os relatos demonstram, a principal função da educação técnica é preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, ajustando-os às demandas e exigências de um sistema econômico em que predominam as estruturas de poder e as desigualdades. O IFMT, como outras instituições educacionais, é visto como uma ferramenta que, em grande parte, serve ao modelo de mercado, moldando seus alunos para se encaixarem como peças funcionais dentro da engrenagem econômica.

O primeiro entrevistado traz uma visão clara sobre como a elite econômica, o "homem de poder", é o centro de referência da educação. Ao afirmar que a instituição serve a essa elite, ele sugere que o foco da educação não está apenas em formar indivíduos tecnicamente capacitados, mas em manter e reforçar a posição da classe dominante. A metáfora do "homem de poder" não se refere ao "homem" de forma genérica, mas sim a um grupo específico que detém o controle dos recursos financeiros, políticos e sociais. Isso implica que a educação, em muitos casos, acaba sendo um meio para reproduzir o *status quo*, servindo aos interesses de um pequeno grupo que exerce influência sobre a sociedade e suas instituições.

O segundo entrevistado expressa a sensação de desvalorização ao perceber que sua formação era predominantemente técnica, sem uma reflexão sobre o "porquê" do que estava sendo feito. Ele se sentiu como uma peça sendo moldada para atender a uma função específica dentro do mercado de trabalho, o que é uma crítica ao modelo tecnicista da educação.

Essa crítica é ampliada pelo terceiro entrevistado, que, embora reconheça que a formação oferecida pela instituição está voltada para o mercado de trabalho, vê uma possibilidade de diferencial: a abordagem que inclui não apenas o "como fazer", mas também o "porquê fazer". Esse espaço para reflexão e compreensão do propósito por trás das ações é visto como uma tentativa de humanizar a formação técnica. Embora ainda dentro de um sistema educacional que visa atender às demandas do mercado, essa perspectiva permite aos alunos enxergar seu trabalho de maneira mais abrangente, como parte de um projeto maior, com maior

consciência de seu impacto social. Essa ênfase no "porquê" pode ser vista como um esforço para oferecer aos estudantes não apenas uma formação profissional, mas também uma capacidade crítica que os permita compreender e até mesmo desafiar as dinâmicas do mercado.

O quarto entrevistado, por sua vez, oferece uma perspectiva mais realista e fatalista sobre o sistema educacional, afirmando que, enquanto o capitalismo for o modelo predominante, a formação educacional estará sempre adaptada às suas exigências. Ele reconhece que, dentro do contexto capitalista, as instituições educacionais têm como objetivo a formação de trabalhadores para o mercado, um reflexo da estrutura econômica que molda a sociedade. Isso se conecta com a ideia de que a educação, em sua forma mais técnica, acaba sendo uma ferramenta de adaptação ao sistema capitalista, reproduzindo a ordem existente em vez de desafiá-la.

Esses relatos se entrelaçam, destacando uma crítica comum: a educação, especialmente a técnica, tende a ser instrumentalizada para atender aos interesses do mercado, funcionando como uma reprodução de mão de obra especializada. Em uma sociedade capitalista, o conhecimento e as habilidades são moldados para garantir a produtividade e a continuidade do sistema, sem, muitas vezes, proporcionar uma formação integral que desenvolva a autonomia crítica dos indivíduos. A "jaula de ferro", metaforicamente mencionada pelo entrevistado 4, reflete essa condição inevitável em que as instituições educacionais operam dentro de uma lógica restritiva e funcional, voltada para o mercado de trabalho e as demandas econômicas.

Dessa forma, os discursos oferecem uma reflexão profunda sobre o dilema educacional contemporâneo: até que ponto as instituições educacionais podem ou devem resistir às pressões do mercado e oferecer uma formação que não apenas prepare para o trabalho, mas também desenvolva a criatividade, a autonomia e a reflexão crítica dos alunos? Como sugerem as falas, o verdadeiro desafio da educação reside em encontrar um equilíbrio entre atender às necessidades do mercado e promover uma formação que prepare os indivíduos para agir de maneira transformadora na sociedade.

O Técnico Progressista formado no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) é um indivíduo que se caracteriza por uma visão de mundo marcada pela crença no poder transformador da ciência e da tecnologia. Esse tipo humano vê a ciência como a principal ferramenta para resolver os problemas que afetam a sociedade, acreditando que é através do avanço tecnológico e do conhecimento científico que é possível alcançar uma vida melhor e mais eficiente. Para o "Técnico Progressista", a ciência oferece respostas práticas para desafios sociais e ambientais, sendo a chave para o progresso e para a melhoria da qualidade de vida humana.

A busca pela objetividade e pela comprovação empírica é um dos pilares dessa identidade. O Técnico Progressista valoriza o método científico como a única forma de resolver os principais problemas intramundanos, e a razão é vista como a principal guia para a ação humana. Ele acredita que o conhecimento só é legítimo quando pode ser comprovado, e quaisquer explicações ou teorias que não se baseiam em dados verificáveis são descartadas como não confiáveis.

Além disso, o "Técnico Progressista" adota uma postura utilitarista em relação à ciência e à tecnologia, acreditando que essas áreas devem ser usadas para melhorar a infraestrutura da sociedade, aumentar a produtividade e resolver questões materiais. A ciência não é apenas um campo de conhecimento abstrato, mas uma ferramenta prática para moldar o futuro de maneira mais eficiente e resolutiva. Esse tipo humano está profundamente focado em questões de ordem social, como saúde, educação, economia e meio ambiente, e acredita que as soluções para esses problemas estão no domínio da ciência e da tecnologia.

Esse paradigma, no entanto, tende a reduzir as complexidades da vida humana a dimensões técnicas e materiais. O Técnico Progressista vê as soluções científicas como caminhos para a redução do sofrimento humano, mas muitas vezes desconsidera outras dimensões da experiência humana, como as questões emocionais, espirituais e existenciais, que são mais difíceis de abordar dentro de uma perspectiva exclusivamente científica.

Em relação ao papel da religião, o Técnico Progressista tende a perceber a fé e os conhecimentos religiosos como incompatíveis com a ciência, especialmente quando entram em conflito com evidências científicas. A religião, para esse tipo

humano, não deve interferir nas decisões coletivas ou no campo da política pública, uma vez que suas explicações e crenças não podem ser verificadas empiricamente. A ciência, com seu método e seus resultados tangíveis, é vista como superior e mais confiável para a tomada de decisões que afetam o coletivo.

Porém, mesmo com essa visão claramente voltada para a ciência e a tecnologia, o Técnico Progressista reconhece que a ciência tem limitações. Embora as soluções materiais e tecnológicas sejam fundamentais, ele reconhece que questões como ética, moralidade e questões espirituais não podem ser totalmente explicadas ou resolvidas apenas através da ciência. A limitação da ciência é entendida, mas é compensada pela sua capacidade de transformar o mundo físico e melhorar a vida das pessoas de maneira tangível.

Em resumo, o Técnico Progressista formado pelo IFMT é um indivíduo, em larga medida, imerso na visão positivista, que coloca a ciência e a tecnologia como os principais instrumentos de resolução de problemas sociais e individuais. Seu compromisso com o progresso material e com a busca por soluções científicas e tecnológicas reflete uma confiança na capacidade humana de superar desafios e construir um mundo mais eficiente e próspero.

## 8. FORÇA POSITIVISTA

O objetivo deste capítulo é explorar a força do positivismo sob uma perspectiva global, com ênfase em seu papel como força propulsora para a solução de problemas. O positivismo, em sua essência, propõe que as questões, sejam elas de natureza individual, social, econômica ou ambiental, podem ser resolvidas por meio da aplicação do conhecimento científico e tecnológico. Essa visão se fundamenta na crença de que a razão humana, aliada ao desenvolvimento de técnicas e inovações, tem o poder de transformar a realidade e superar as limitações do mundo material. O positivismo, portanto, não apenas enxerga a possibilidade de resolver problemas, mas também oferece um caminho sistemático e racional para isso, moldando a sociedade em um cenário em que a ciência e a tecnologia se tornam as principais ferramentas para alcançar o progresso e o bem-estar coletivo.

Segundo Voegelin (2019, 132-133)

Comte seria uma figura bem insignificante na história das ideias políticas se não tivesse sido o *fondateur de la religion universelle* e o primeiro alto sacerdote da nova religião. O carisma profético é a força de Comte; e embora sua igreja não tenha tido muito sucesso, seu entusiasmo religioso era forte o bastante para oferecer um corpo de ideias, conquanto de valor científico duvidoso, com o brilho de uma revelação de cuja aceitação depende a salvação da humanidade. Comte não acrescentou muito como pensador ao complexo de ideias positivistas; acrescentou a elas em sua qualidade de fundador religioso, ao mudá-las para o nível de uma religião dogmática”.

A análise sobre o positivismo está ligada à reflexão sobre a ressignificação da ontologia humana, evidenciando o impacto profundo que o positivismo busca ter sobre a sociedade e a humanidade. Comte (1978), ao introduzir uma visão de mundo que combina ciência, tecnologia e uma abordagem quase religiosa de resolução de problemas, aponta para a capacidade humana de modificar sua realidade por meio do conhecimento e da inovação. Essa ideia é mais do que uma simples ferramenta para resolver problemas materiais: ela é um movimento para transformar as próprias bases da experiência humana, criando um tipo de "religiosidade intramundana" que substitui explicações transcendentais por soluções concretas e práticas.

Neste contexto, o positivismo não se limita à formação de técnicos ou cientistas, mas busca uma transformação radical na forma como os seres humanos percebem e interagem com o mundo. A ideia de "ressignificar a ontologia humana", como discutido, implica em redefinir as limitações e as possibilidades humanas, alterando o foco da religião e das explicações transcendentais para soluções científicas e tecnológicas.

Ao integrar isso à crítica a Comte, observamos que ele não apenas tentou introduzir um modelo científico para resolver problemas humanos, mas também transformou sua visão em um sistema dogmático com um apelo quase religioso. Ele estabeleceu o "positivismo" não como uma simples doutrina científica, mas como uma ideologia que pretendia se substituir às antigas crenças, com a promessa de que a humanidade poderia alcançar sua salvação por meio da ciência e da ordem social que ele propunha. Esse aspecto de "religião dogmática" que Comte (1978) desenvolveu se alinha diretamente com a tentativa do positivismo de moldar a experiência humana, mas também nos mostra a tensão entre a racionalidade científica e a necessidade humana de encontrar significado e propósito.

No cenário atual, a busca por soluções científicas e tecnológicas para os problemas humanos exemplifica o tipo de "religiosidade intramundana" que o positivismo encoraja. Ao propagar que é a ciência quem pode aliviar o sofrimento humano — seja por meio da medicina, engenharia, agricultura ou inovações tecnológicas — o positivismo oferece um tipo de fé, onde os indivíduos depositam sua confiança nas capacidades humanas de dominar e melhorar as condições materiais de vida. O positivismo, portanto, não só busca transformar a realidade física, mas também impactar profundamente a percepção humana sobre seu lugar no mundo e suas possibilidades de ação.

A dor do parto, exemplificada em texto religioso, ilustra como o positivismo tenta transformar até as questões mais existenciais e naturais, como o sofrimento humano. Ao fornecer alternativas como anestésicos e tecnologias de reprodução assistida, o positivismo não apenas resolve problemas materiais, mas também redefine a experiência humana em relação à dor, à procriação e à própria natureza humana. Essa transformação, no entanto, vai além da técnica: ela molda uma nova

perspectiva sobre a vida, onde o sofrimento pode ser minimizado ou até mesmo eliminado por meio de inovações científicas.

O positivismo, conforme discutido tanto por Comte (1978) quanto no contexto das entrevistas com os discentes do IFMT, sugere que a busca por soluções científicas não é apenas uma tentativa de resolver problemas materiais, mas uma reinvenção da experiência humana, em que a racionalidade científica substitui crenças transcendentais e oferece um novo caminho para a "salvação" da humanidade — um caminho onde a ciência e a tecnologia se tornam os principais agentes de transformação social e individual.

A ciência e a tecnologia são ferramentas para modificar e concretizar as capacidades dos indivíduos. Os exemplos são abundantes. cirurgias que resolvem uma variedade de problemas, produtos alimentares, robótica, entre outros. Além de resolver problemas, essas conquistas introduzem na mente do indivíduo um certo impacto por aquilo que foi solucionado, além de alimentar a imaginação para outras possibilidades. Isso substitui, em certa medida, crenças que apostam em concepções religiosas para resolver problemas, pois essas não podem ser repetidas em laboratórios.

As inovações tecnológicas não seguem um número fixo; uma nova descoberta sempre precede a próxima, e, a cada lançamento de produto, surgem novas possibilidades de aprimoramento. No entanto, o que torna o positivismo verdadeiramente sólido não são apenas essas inovações, mas as ideias transformadoras que elas introduzem nos indivíduos. O positivismo reúne todas as conquistas científicas e tecnológicas, apresentando-as como um vasto mercado de soluções para problemas intramundanos. Mais do que isso, essas soluções são apresentadas de uma forma quase religiosa, como uma "religiosidade intramundana". Ou seja, o positivismo configura-se como um movimento que oferece soluções materiais, ao mesmo tempo em que cultua as capacidades cognitivas do ser humano. Quem poderá ajudar a humanidade em catástrofes climáticas? Quem pode corrigir deformidades físicas? Quem é capaz de criar inovações que aprimorem a produção agrícola e industrial? Quem pode desenvolver meios de transporte mais rápidos e seguros? Quem pode resolver doenças como o câncer? Quem pode superar os problemas econômicos dos países? Em resumo,

quem pode reduzir o sofrimento humano e danos ambientais? A resposta está nas mãos daqueles que dominam a ciência e a tecnologia.

Contudo, o que caracteriza verdadeiramente o tipo humano positivista não é apenas o domínio de tais inovações, mas também a renúncia ou desqualificação de saberes que não se alinham com o que pode ser estudado e validado em um laboratório, como formas de solução para os problemas individuais e coletivos. Em outras palavras, a força do positivismo reside na busca pela eliminação do sofrimento humano por meio da ciência e da tecnologia. Esse enfoque leva os indivíduos a acreditarem que a resposta para seus problemas está no âmbito imanente, dentro do paradigma positivista. Ou seja, o ser humano deve concentrar suas ações em realizações pautadas pela imparcialidade, pelo prazer material, pelas soluções oferecidas por cientistas e inovadores tecnológicos, e pela busca constante de formas de aliviar ou eliminar o sofrimento humano no contexto intramundano. Essas características são evidentes nos discentes do IFMT, que, até certo ponto, podem ser vistos como representantes desse tipo de humano positivista, refletindo o poder da ciência e da tecnologia como soluções para as necessidades e desafios contemporâneos.

De acordo com a revista Superinteressante (2023),

(...) são só tecnologias para salvar fetos prematuros, certo? Certo. Mas o desenvolvimento de úteros artificiais também é uma peça-chave para a criação ou manipulação de embriões – porque permite que eles sejam cultivados em laboratório por mais tempo.

A universalidade das soluções científicas e tecnológicas, como discutido no contexto do positivismo, sugere uma transição profunda nas relações entre a humanidade e as suas concepções sobre sofrimento, existência e possibilidades humanas. O positivismo, como uma filosofia que advoga pela utilização da ciência e da tecnologia para resolver os problemas humanos, defende que, por meio do avanço do conhecimento, a humanidade pode superar limitações biológicas, sociais e até espirituais. Nesse sentido, as tecnologias que emergem, como os úteros artificiais e outras inovações biotecnológicas, não são meramente ferramentas para aliviar o sofrimento imediato, mas símbolos de um novo paradigma de controle e manipulação da vida humana.

Ao se conectar com o conceito de altruísmo do positivismo, a promessa de “ajuda mútua” e “bem-estar” se estende a um nível inusitado. Em vez de depender de intervenções divinas ou de um processo natural de sofrimento e cura, como é defendido pelas religiões tradicionais, o positivismo sugere que a solução para os dilemas humanos está nas mãos dos próprios indivíduos, munidos com as tecnologias adequadas. A capacidade de alterar a cor dos olhos, o tipo físico, ou até mesmo erradicar doenças genéticas não é mais uma fantasia distante, mas uma realidade cada vez mais tangível. E com isso, a ideia de que os humanos são moldados por forças divinas ou naturais dá lugar a uma visão na qual os indivíduos e a sociedade têm o poder de reconfigurar o próprio corpo e o próprio destino.

Este movimento, como se observa, não é restrito a uma esfera local ou institucional específica, como o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), mas possui uma aplicação universal. As descobertas científicas e as inovações tecnológicas estão disseminando-se em uma escala global, e o paradigma positivista, com suas promessas de eliminar o sofrimento humano e promover um bem-estar universal, está sendo cada vez mais aceito em diferentes partes do mundo. O progresso científico, de fato, não é um fenômeno isolado. Ele se espalha através das fronteiras nacionais, culturais e até mesmo filosóficas, criando uma visão compartilhada de que a ciência e a tecnologia são, em última instância, as chaves para resolver os dilemas universais da humanidade.

Porém, como também se observa, essa universalização das soluções científicas e tecnológicas traz consigo um profundo questionamento ético e filosófico. Ao substituir as explicações religiosas e espirituais para o sofrimento e os limites humanos, o positivismo coloca a ciência e a tecnologia no centro da discussão sobre o que significa ser humano. O desafio ético aqui é considerar até que ponto as intervenções tecnológicas são legítimas ou desejáveis. Se a gestação assistida por máquinas, por exemplo, fosse amplamente implementada, poderíamos estar diante de uma redefinição do que significa dar à luz, não apenas em termos biológicos, mas também sociais e culturais.

A grande questão, então, é saber até que ponto as soluções científicas e tecnológicas podem realmente oferecer uma saída para o sofrimento humano sem, ao mesmo tempo, colocar em risco a essência da humanidade e dos valores

fundamentais que sustentam a sociedade. E mais, como a universalidade dessa visão será recebida em uma sociedade globalizada, em que diferentes culturas e sistemas de crenças coexistem e têm diferentes perspectivas sobre o papel da ciência, da natureza e do divino na formação do ser humano.

O positivismo, ao promover a ideia de que a ciência pode superar as limitações humanas e mitigar os sofrimentos, nos conduz a uma reflexão sobre os limites dessa abordagem. A tecnologia, ao proporcionar soluções eficazes para problemas concretos, não é isenta de questões filosóficas e sociais mais amplas. A busca por uma "existência intramundana" sem sofrimento parece ser o horizonte de muitas das inovações tecnológicas atuais, mas é preciso ponderar: será que ao buscar eliminar as limitações humanas, estamos, de fato, avançando para um futuro mais justo, ou apenas trocando uma forma de sofrimento por outra, mais controlada e gerenciável? É uma reflexão crucial para a construção de um futuro onde a ciência e a tecnologia não sejam apenas ferramentas de dominação, mas agentes de uma transformação mais profunda e ética da condição humana.

Portanto, a universalidade das soluções científicas e tecnológicas propostas pelo positivismo e sua disseminação global devem ser entendidas como um convite para repensar as formas de convivência e desenvolvimento humano. A proposta de que a ciência e a tecnologia podem oferecer respostas para quase todos os problemas humanos está, sem dúvida, enraizada no desejo de melhoria, mas também exige uma análise crítica de suas consequências e implicações para a autonomia humana, a ética social e o equilíbrio entre os avanços científicos e as tradições que formam o tecido cultural e moral das sociedades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 660 - 896.

Antigo testamento: **BÍBLIA**, A. T. Gênesis. In: **Bíblia Sagrada**. Traduzidos pelos Monges Beneditinos de Maredsous. 178ª Edição. São Paulo - SP: AVE-MARIA, 2008.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 3.

BRASIL. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escola de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. **Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brazil - 1909**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. V.2, p. 445-447.

BURTT, EDWIN ARTHUR. **As bases metafísicas da ciência moderna**. Distrito Federal: Editora Universidade de Brasília, 1983.

CARROLL, JOHN. **Ego e Alma: o Ocidente moderno em busca de sentido**. 1ª edição. Paraná: Danúbio Editora, 2020.

COMTE, AUGUSTE. **Os pensadores**. 1ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CORÇÃO, GUSTAVO. **As fronteiras da técnica**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

FRANCA, LEONEL. **A crise do mundo moderno**. 1ª edição. São Paulo: Ecclesiae, 2019b.

FRANCA, LEONEL. **O problema de Deus**. 1ª edição. Paraná: Calvariae Editorial, 2019a.

GARATTONI, BRUNO; CORDEIRO, TIAGO. **O útero artificial**. Superinteressante, 2023.  
Disponível em:

<[https://super.abril.com.br/ciencia/o-utero-artificial#google\\_vignette](https://super.abril.com.br/ciencia/o-utero-artificial#google_vignette)>. Acesso no dia 10 de agosto de 2023.

GIDDENS, ANTHONY. **As consequências da modernidade**. 5ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HAMELIN, GUY. **Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio**. Revista Analytica, Brasília, v.7, nº1, p. 65-81, 2003.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE

MATO GROSSO. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI**. 1º edição. Mato Grosso - Cuiabá, IFMT, 2019.

KIMBALL, ROGER. **Experimentos Contra a Realidade. O Destino da Cultura Pós-Modernidade**. 1º edição. São Paulo: É Realizações, 2016.

KUNZE, NÁDIA CUIABANO. **A Escola de Aprendizes Artífices de Mato Grosso**. 1º edição. Cuiabá: CEFETMT, 2006.

LANGER, Susanne. **Filosofia em Nova Chave**. Perspectiva, São Paulo, 2004.

LINS, IVAN. **História do positivismo no Brasil**. 1º edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

MARX, KARL; ENGELS, FRIEDRICH. **A ideologia alemã**. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, KARL; ENGELS, FRIEDRICH. **Manifesto do Partido Comunista**. 3º edição. São Paulo: Sundermann, 2017.

MICHAEL P. FEDERICI. **A restauração da ordem**. 1º edição. São paulo: É Realizações, 2011.

PAESE, JOEL. **Controvérsias na tecnociência: O Caso da Lei de Biossegurança no Brasil**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de filosofia e ciências humanas programa de pós-graduação em sociologia política, 2007.

PEARCE, Tim. 'Fatal mistake': Oxford classics department considers removing Homer and Virgil from syllabus. **Washington Examiner**, Washington, 19 de Feb. de 2020. Disponível em:  
<https://www.washingtonexaminer.com/news/fatal-mistake-oxford-classics-department-considers-removing-homer-and-virgil-from-syllabus>. Acesso em: 08 de jun. de 2021.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Páginas Várias**. São Paulo: Logos, 1960.

SERTILLANGES, ANTONIN-DALMACE. **A vida intelectual**. 1º edição. São Paulo: Kyrion, 2019.

VOEGELIN, ERIC. **Anamnese - Da teoria da história e da política**. 1º edição. São Paulo: É Realizações, 2009.

VOEGELIN, ERIC. **História das ideias políticas: a crise e o apocalipse do homem**. 1º edição. São Paulo: É Realizações, 2019.

WEBER, MAX. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 1º edição. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WEBER, MAX. **Metodologia das ciências sociais**. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. São Paulo: Cortez Editora, 1992.